Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura da Universidade Federal do ABC

CATÁLOGO

O POTENCIAL DA EXTENSÃO

ENTREVISTA COM A ESCRITORA DALILA TELES VERAS

ARTIGOS

conectadas

A MULHER NÃO CALA MAIS!

JUL 2020 #2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

REITOR
Dácio Matheus

VICE-REITOR
Wagner Carvalho

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
Leonardo José Steil
Evonir Albrecht

Conectadas nº 02
Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura da UFABC
Santo André, julho de 2020

EDITORAS
Caroline Silverio
Lilian Menezes
Natalia Gea
Renata Cezarini Canesso
Thiene Pelosi Cassiavillani
Vanessa Aparecida do Carmo

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
Bruna de Sousa

REVISÃO
Thiene Pelosi Cassiavillani

CONSELHO EDITORIAL
Alexandre Molina - Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Debora DAvilla Reis (Universidade Federal de Minas Gerais)
Iara Terra de Oliveira (Universidade Federal de Alagoas)
Joaquim Celso Freire (Universidade Municipal de São Caetano do Sul)
Maria Isabel Vendramini Delcolli (Universidade Federal do ABC)

ÍNDICE

O POTENCIAL DA EXTENSÃO 5

ENTREVISTA COM DALILA TELES 8

ARTIGOS

ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ESTUDANDO GEOMETRIA NA UNIVERSIDADE 23

MULHERES NA COMPUTAÇÃO UFABC 30

CAFÉ DA TARDE COM BIOQUÍMICA 42

CINEMA E COMUNIDADE 48

CURSO CONSERVAÇÃO AMBIENTAL 52

EXTENSÃO PARA EXTENSIONISTAS 62

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA POPULAR 72

FLORESCER 79

GESTÃO DA MEMÓRIA 82

O BARRACO FILOSÓFICO 96

PROJETO DE GERENCIAMENTO DE RESIDUOS UFVJM 102

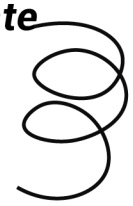
INOVANDO E CRIANDO COM LEGO 108

DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS 112

Tudo (só) de repente

O agora virou de repente
Estou e não estou
Corpo isolado
Corpo (só) de repente

O experimento
Precisa de barbante
Não! Esquece!
Mamãe?



De repente
A água da florzinha virou gelo
Que legal, meu filho!

Você está brincando?

Meu filho? Filha?
Oi, pode falar?

De repente...
Agora só presente

Marcella Abreu
2 0 2 0

O POTENCIAL DA **EXTENSÃO PARA** NOS GUIAR PELA **TRANSIÇÃO DO** CONHECIMENTO

Reitor
Dácio Matheus

"A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. (...) A reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (...) e concebê-las de modo alternativo, atribuindo às Universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, e na defesa da diversidade cultural." (SANTOS, Boaventura de Sousa. A Universidade no século XXI. São Paulo: Cortez Editora, 2004.)

"Promover o avanço do conhecimento através de ações de ensino, pesquisa e extensão, tendo como fundamentos básicos a interdisciplinaridade, a excelência e a inclusão social." (Missão da UFABC)

"A universidade conecta-se e comunica-se com a sociedade por meio da extensão, abre-se para membros da sociedade e os integra pela inclusão." (Plano de Desenvolvimento Institucional da UFABC, p.19)

As palavras de Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português referência no pensamento de paradigmas sobre o papel da Universidade do século XXI, dialogam com a compreensão do que é a extensão para a UFABC, visão expressa em nossa missão e em nosso Plano de Desenvolvimento Institucional.

Os projetos pedagógicos inovadores de nossa Universidade reforçam as potencialidades das ações extensionistas no enfrentamento dos desafios impostos pelas rupturas dos padrões econômicos, políticos e culturais que a sociedade tem reivindicado. A extensão é instrumento central na efetivação do compromisso da UFABC com a comunidade, pois pressupõe não apenas a aplicação dos pensamentos acadêmicos às rotinas sociais, mas também a incorporação das práticas populares aos conhecimentos sistematizados. A consequência desse intercâmbio tem resultado na democratização da ciência, da tecnologia, da inovação e das reflexões humanistas, assim como na participação ativa da população na construção de uma linha dialógica e horizontal do conheci-

mento.

A manutenção das condições adequadas desse pilar universitário se apresenta como significativo desafio diante da aguda crise política-institucional do país, mas constitui-se como estratégia indispensável para a redução de lacunas entre as produções científicas e tecnológicas das Universidades e as políticas públicas regionais e nacionais. Os intercâmbios extensionistas estimulam a UFABC a praticar o conhecimento contextualizado e heterogêneo, mediado por protagonistas sociais que impõem ritmos de investigação diferenciados daqueles praticados pelas tradições do ensino e da pesquisa. Como fruto dessa prática, temos contribuído para a formação de cidadãs e cidadãos capazes de atuar em prol de uma sociedade menos desigual e mais desenvolvida, em que o bem-estar coletivo, o respeito à ciência, às diversidades regionais, ao meio-ambiente e à sustentabilidade passam a ser a órbita da resolução dos problemas.

Nesse momento em que nossas rotinas acadêmicas, profissionais e pessoais são tomadas pelas pautas das guerras culturais, dos enfrentamentos políticos e das propensões à precarização dos setores fundamentais da vida civilizada, as ações extensionistas e a divulgação científica podem evidenciar como as articulações entre o ensino, a pesquisa e a extensão são condicionais para uma existência mais democrática, solidária e emancipatória. Há, na extensão, o potencial para nos guiar pela translação do conhecimento, ou seja, nos apresentar a oportunidades transformadoras, plurais, críticas e científicas capazes de debater questões contemporâneas complexas que ultrapassam os muros de nossas Universidades.

conectadas

ENTREVISTA **COM DALILA** TELES VERAS

Dalila Teles Veras é poeta luso-brasileira. Além de toda sua carreira como poeta e ativista cultural, Dalila também é integrante do coletivo literário feminista Mulherio das Letras. Para homenageá-la, a UFABC concedeu à poeta o título de doutora honoris causa do ano de 2019. Em sua entrevista para a segunda edição da **Conectadas**, ela conta sobre sua trajetória e sua militância feminista.

Entrevista: Thiene Pelosi
Técnica de som e Fotos: Bruna de Sousa
Transcrição: Marcos Vinicius Lemes

Conectadas: **Dalila, a sua trajetória é de uma produção muito intensa, principalmente na região do Grande ABC. Para nós, da UFABC e para as pessoas da região, seu nome é muito conhecido, porém, para uma pessoa que possa estar nos lendo de uma região mais distante, como você resumiria essa atividade? Como descreveria quem é a Dalila?**

Dalila: Bom, resumir uma atividade de 40 anos não é tão simples, e também não sei quem sou. Me pergunto até hoje. Mas de uma coisa estou certa: independente de qualquer coisa, sou poeta! Poesia é aquilo que eu mais levo a sério. Ainda que, muitas vezes, aqui na região, isso seja ignorado. Sou mais lembrada pelo ativismo cultural, mas a poesia sempre esteve comigo. Na adolescência eu já era leitora e a leitura me levou também a escrever. Tenho mais de 20 livros publicados, 16 deles são de poesia, o gênero a que realmente me dedico cotidianamente, ou seja, antes de tudo, sou poeta! Poeta, no masculino, sim. Poeta é quem faz poesia. A nossa Cecília Meireles já dizia em um belo verso: "eu canto porque o instante existe, não sou alegre nem sou triste, sou poeta". As poetas minhas contemporâneas, não querem ser chamadas de poetisas, termo que possui uma carga pejorativa pela invisibilidade de séculos. Hoje, até os veículos de publicação literária raramente se referem a uma mulher que faz poesia como poetisa.

Quanto a essas múltiplas atividades, acho que nascem de uma ansiedade pessoal, de uma característica de personalidade ligada ao coletivo. O ato de escrever é um trabalho muito solitário. Nasce, muitas vezes, de uma roda de conversa, de um encontro, um ***insight*** que depois será trabalhado e transfigurado em linguagem literária. Já a minha outra forma de estar no mundo, a coletiva, nasce de um determinismo que nunca saberei ao certo onde começa. Num mundo regulado pelo lucro, acredito que toda a pessoa que participa de coletivos de cunho cultural, também deve receber essa pergunta e igualmente se perguntar: "Por que faço isso? Já participei de grupos ligados à memória e preservação do patrimônio cultural e isso sempre me levou à luta. Fui para a rua ao lado de tantos companheiros, de megafone em punho, a colher assinaturas para preservar o (Cine Theatro) Carlos Gomes e tantos outros patrimônios públicos... Nos anos 1980 e 1990, participei de um grupo de pesquisadores independentes (GIPEM), reunindo pesquisadores acadêmicos ou simples memorialistas, que atuou fortemente na cobrança de políticas públicas para a preservação da memória. Ao mesmo tempo, 1983, surgiu o Grupo Livrespaço de Poesia, do qual fui cofundadora, que atuou durante 11 anos, com atividades ininterruptas até 1994, chegando a ganhar o prêmio

APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Enfim, foi um grupo que se notabilizou pela intensa atividade cultural durante todos aqueles anos, realizando oficinas de poesia nas escolas, promovendo semanas culturais, publicação de coletâneas e a revista literária que levava o nome do grupo. Em 2008, tive oportunidade de reunir os seis poetas remanescentes desse grupo, ainda atuantes, e publicamos o livro "Seduzir para a poesia - Grupo Livrespaço 1983-1994", organizado por mim e que registra a história do grupo, escrita por seus próprios

integrantes. O próprio título diz bem dos objetivos do grupo, ou seja, seduzir leitores, tentar fazer as pessoas gostarem de poesia.

Essa quase compulsão por fazer coisas coletivas me acompanha desde sempre e isso não tem explicação. Eu costumo dizer que é algo que se vai construindo devagar, como no caso do Alpharrabio (livraria, editora e espaço cultural), arquitetado como se fosse para mim mesma porque aqui eu gosto de estar, gosto de tomar café, de encontrar e conversar com pessoas... Mas não é uma empresa comercial, nunca me deu lucro... Eu pago para trabalhar, mas é um ônus muito satisfatório.
Quanto ao que determinou fazer isso, talvez possa ser chamado de sonho, ideia compartilhada por muitos, desde os que trabalham aqui diariamente, como a minha cunhada Luzia Maninha, colaboradora desde o início e agora muito mais apaixonada por tudo isso do que eu e, diga-se, com mais energia. Este ano, ela concebeu uma exposição com 28 livros artesanais, impressos e encadernados por ela, simbolizando os 28 anos do Alpharrabio. Esses exemplares únicos, com uma, duas ou quatro páginas, reproduzem o pensamento da pessoa que está na capa do livro como Paulo Freire, Elena Ferrante, Sueli Carneiro, Angela Davis, Marielle Franco, enfim. São pequenos textos de pensadores e artistas da atualidade. Essa exposição é muito significativa porque são palavras e pensamentos de pessoas que falam de democracia, resistência, educação, arte, entre outros...

O conteúdo desses textos, inclusive, servirá de roteiro para nossa atividade durante este ano que precisa ser cada vez mais contundente, cada vez mais forte, pois trata-se de perdas de conquistas sociais adquiridas arduamente e que estão a ser desmontadas.

Mas como disse, sou movida a ansiedade, então não elaboro metas, apenas vou fazendo... Caminhando e fazendo.

Conectadas: **Bom que são ansiedades que movem e não que paralisam, não é?**

Dalila: Sim, movem, mas como paixão... Ninguém se dedica a uma atividade como esta sem ser movido a paixão. Mesmo vocês, da PROEC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFABC), certamente não entrariam lá se não tivessem uma afinidade grande com esse tipo de atividade... Se você não se apaixonar pelo que faz, não vai sair nada que preste, porque uma instituição como a de vocês, e outras, não é feita apenas de paredes e espaços, não é mesmo? Ela é feita de pessoas e são essas pessoas que fazem isso tudo andar, apesar da burocracia e todas as dificuldades.

Conectadas: **Você estava falando de memória... há um poema seu que se chama "Memória"...**

Dalila: Sim, as questões da memória quase sempre aparecem nos meus poemas.

Conectadas: **Você fala sobre sua mãe nesse poema... é muito profundo.**

Dalila: Obrigada, esse poema faz parte de meu livro "Vestígios". Os poemas nasceram de anotações que fiz durante o longo período em que a minha mãe ficou na UTI. Durante o luto, reli essas anotações e fui elaborando poemas que falam da dor, da perda e da saudade. Trata-se de um livro doloroso, que muito me custou a fazer. A minha preocupação foi procurar não ser piegas e trabalhar arduamente a linguagem da forma mais adequada, ou seja, literária. Por isso gosto tanto dele.

Conectadas: **No dia 1º de novembro de 2019, foi aprovado no Conselho Universitário da UFABC a concessão do título de Doutora Honoris Causa a você. Você é a primeira mulher a receber esse título pela UFABC, que antes disso, foi concedido apenas ao principal idealizador do Projeto Pedagógico da Universidade e ao pre-**

sidente Lula. Como você se sentiu quando recebeu a notícia? O que esse título representa? Você já tinha ideia de que essa discussão estava em pauta?

Dalila: Foi uma surpresa completa! Já tive acesso ao material que está disponível no site da universidade e vi que o processo foi iniciado há bastante tempo, em 2016. Depois, houve todos aqueles problemas, e, pelo que me disse o professor Daniel Pansarelli, proponente do processo, o trâmite ficou meio que suspenso e depois, em 2019, voltaram a cuidar do assunto. Jamais sequer suspeitei disso. Agora sei que a Gabriela (Maruno, chefe da Divisão de Cultura da UFABC à época) ligou para a minha cunhada e pediu que ela mandasse o que pudesse do meu arquivo, e ela mandou muitos materiais sobre mim, que fazem parte do processo... Disseram a ela que não era sobre a livraria e sim sobre a Dalila, mas ela também confessa que nunca imaginou que fosse para o processo do título de doutor honoris causa. Em novembro do ano passado, durante uma sessão extraordinária do Comitê de Extensão e Cultura (CEC), do qual sou integrante, o professor Leonardo Steil, pró-reitor (de Extensão e Cultura), iniciou a reunião informando que o Conselho havia aprovado o título e eu custei a acreditar naquilo que estava ouvindo. Fiquei muito emocionada mesmo e, com toda sinceridade, jamais passou pela minha cabeça que um dia pudesse receber essa que, para mim, representa uma honraria máxima. Jamais imaginei que um dia isso aconteceria porque não fiz o que fiz pensando em "retornos". Esse reconhecimento veio e foi recebido por mim, com enorme alegria e gratidão. Mas há alegrias também nessa trajetória, aparentemente simples, por vezes, como encontrar um leitor como você, que acabou de falar sobre o meu poema "memória". Para mim, isso é também um prêmio. Alguém já disse que a gente escreve para ser amada e eu acho que é um pouco isso.

Conectadas: O que representa para você e para todas as mulheres esse título?

Dalila: Eu nasci em 1946, portanto, quando a luta feminista já estava acontecendo no mundo. Entretanto, a questão feminista, por falta de conhecimento, não me chegava da forma como me chega atualmente. Desconhecíamos uma boa parte dos problemas do mundo em que a gente vivia. Os jovens acham que sabem muita coisa e eu descobri que eu, jovem, não sabia nada - e ainda não sei -, mas naquela época sabia bem menos.
Hoje, posso dizer que me considero feminista. A consciência feminista vai sendo adquirida, não só por prática, mas também por sentir na pele, nossa e das demais, que houve um aumento inacreditável da violência contra a mulher, e diante de fatos terríveis de feminicídio, vemos com mais clareza o que está à nossa volta. Me dediquei ao comércio de livros usados, tido como um comércio masculino e, descobri depois, ser muito competitivo. A captação de bons livros usados é muito disputada, como, aliás, é em todo o comércio... E, para mim, isso é complicado pela falta de talento para negócios e competições. Então eu não enfrentei a concorrência, recuei um pouco. Agora fico apenas à espera dos que desejam vender seus livros. Não saio mais à procura deles.

Além das prendas domésticas, o universo externo parece não ter sido projetado para as mulheres, até que as próprias mulheres mostrassem que podem ser o que quiserem ser, como escritoras, por exemplo. Praticamente todos os livros que li ao longo da minha vida falavam de mulheres pela ótica masculina. As personagens de mulheres maravilhosas ou não, foram escritas, pensadas e idealizadas de um lugar que não era o nosso, mas de um olhar e de um lugar masculino. Demorei a perceber isso. Atualmente,

as mulheres, assim como eu, resolveram lutar para que seu trabalho não continue a ser invisível, não apenas na área da literatura, mas também nas artes em geral. Isso ocorre também em todas as atividades humanas, a mulher vem galgando cargos de comando, antes ocupados apenas e tão somente por homens.

Na área da literatura, poucas mulheres ganhavam espaço como escritoras e um exemplo claro era o pouco papel reservado às mulheres convidadas a participar de mesas de debates em feiras, festivais, e festas do livro. Eventualmente, entrava uma mulher. Mas algo mudou, enfim, as mulheres começaram a dizer: "Não! Chega!" Há não muitos anos, um prêmio importante, Bravo de Literatura, não contemplou nenhuma mulher em nenhuma das categorias. Esse e outros exemplos foram o estopim para que as coisas começassem a mudar. Eram pouquíssimas as mulheres que eram convidadas oficialmente a participarem da FLIP, Festa Literária Internacional de Paraty. Até que, em 2017, sob a curadoria de uma mulher, Josélia Aguiar, houve, enfim, paridade entre escritores homens, mulheres, brancos e negros. Esses escritores convidados por Josélia não surgiram do nada apenas para a balança igualitária, já estavam trabalhando há anos com obras consistentes e eram reconhecidos por seus pares. Voltando um pouco, durante a FLIP de 2016, a escritora Maria Valéria Rezende, premiadíssima, que costumava dizer que participava de mesas de debates, "por cotas", lá estava. Foi nessa ocasião que ela e um pequeno grupo de mulheres ali presentes pensaram em criar um encontro literário só com mulheres. Assim, logo depois, estava criado o coletivo Mulherio das Letras. Começou através de uma página do Facebook, criada por Maria Valéria, hoje com mais de seis mil integrantes de todo o Brasil. Há Mulherio das Letras estaduais, municipais e no exterior, Portugal e Itália. São mulheres que escrevem, revisoras, redatoras, editoras, todas ligadas ao universo do livro. A partir daí, já houve três encontros nacionais, sendo o primeiro em João Pessoa, na Paraíba, outro no Guarujá, SP, e este último no Rio Grande do Norte, em Natal. O primeiro encontro reuniu mais de 400 mulheres que vieram do Brasil inteiro, com rodas de conversa, oficinas e grande sucesso de público. O primeiro e os demais encontros foram feitos na raça, com apoio das prefeituras locais, que cederam o mínimo de infraestrutura, como materiais de divulgação e um espaço público para abrigar os encontros. Ando tão entusiasmada com a literatura feita por mulheres que a minha dor na coluna hoje, que por pouco não inviabiliza esta nossa conversa, deve-se ao fato de ter arrumado, nesses últimos dias de Carnaval, algumas prateleiras só com livros de mulheres e, após fazer essa separação por gênero, eu mesma fiquei surpresa com o número de volumes. Antes, os volumes estavam misturados em ordem alfabética por sobrenome. Agora, na minha biblioteca pessoal, que é gigantesca, as mulheres ocupam três grandes estantes e me deixam com muito orgulho. São mulheres fantásticas, de outros tempos e as minhas contemporâneas que começaram a ganhar prêmios com sua literatura potente. Essa semana mesmo, uma escritora aqui de Santo André, Vanessa Molnar, ganhou o Prêmio Nacional de Literatura, com outras duas mulheres, na categoria romance. Então temos, inclusive aqui no ABC, grandes talentos e as mulheres estão se destacando enormemente. Pensando nisso, gostaria de dedicar meu título de doutora honoris causa, às mulheres, desde sempre invisíveis.

Essa situação de invisibilidade se perde na história. Quando casadas com grandes nomes, eles tudo faziam para que elas, e seus respectivos talentos, fossem "apagadas". Sabemos de grandes gênios como Michelangelo, Rodin, Picasso e outros, que tiveram companheiras igualmente talentosas a seu lado, mas, hoje sabemos, foram transformadas em sombras... Esse horrível adágio popular, que "atrás de um

grande homem existe uma grande mulher", foi criado justamente para justificar que a mulher pode até ser grande, mas deve ficar "atrás", não pode aparecer... Isso mudou e está mudando, e considero também como conquista própria. Como mulher, me sinto gratificada ao acompanhar essas mudanças ao longo das últimas quatro décadas em que atuei na área cultural. O fenômeno ocorreu graças também à contribuição da Internet e das redes sociais que possibilitam uma divulgação rápida e contínua. Além do surgimento de pequenas editoras independentes que investem em livros que o grande mercado diz não "dar lucro". As mulheres não calam mais... e não é para calar mesmo!

Conectadas: A partir do momento que começamos a nos ver representadas pela nossa própria própria voz, foi uma coisa exponencial!

Dalila: Sim! A tua própria voz e o teu lugar de fala, o teu lugar de vida. Por isso calaram a Marielle, porque ela dizia com todas as letras de onde vinha, quem era, em que lado estava e para onde ia e chegaria muito longe se não a calassem. Isso ainda acontece com tantas outras. O mundo masculino não sabe lidar com isso. Homens que ocupam cargos de poder não foram educados para lidar com essa questão, ou seja, conviver com uma mulher que, hierarquicamente está acima ou até em pé de igualdade. É uma pena, porque ninguém quer estar contra os homens... As pessoas acham que feminismo é isso. Fico abismada quando ouço ou leio coisas estapafúrdias para definir o feminismo. Triste constatar que as próprias mulheres alvos da violência e desigualdade social, muitas vezes, não se sentem vítimas. A cada duas horas, é morta uma mulher no Brasil. Assassinada pelo próprio marido, pelo amante, pelo irmão, pelo sobrinho, só pelo fato de ser mulher! Isso é cruel e assustador! Tento fazer a parte que me cabe nisso.

Conectadas: Descobrimos que você ajudou no processo de escrita do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFABC.

Dalila: Tive essa honra. Eu e Júlio Mendonça, também representando a comunidade externa. Na época o professor (Francisco) Comarú, o pró-reitor (de extensão e cultura) que nos convidou a participar do Seminário.

Conectadas: Ele foi o primeiro entrevistado da Revista...

Dalila: Olha só que coisa bonita... Eu li a entrevista e adorei. O professor Comarú é uma figura humana das mais importantes, não só como professor, mas também como pesquisador e ativista junto aos movimentos dos sem teto. Admiro muito o trabalho dele. Acompanho, ao longe, pelas notícias que me chegam, mas não me lembro exatamente como nos conhecemos. Acredito que foi através do jornal ABCD Maior, com o qual eu colaborava e tivemos uma reunião lá na Universidade, visando parcerias. A partir daí o professor Comarú abriu espaço à participação da comunidade externa, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Se não me engano, o Seminário para o PDI foi em 2012 e ele nos convidou a participar com voz e voto no mesmo nível dos docentes; Foi muito oportuno poder levar, juntamente com o Júlio, demandas externas, entre outras demandas que constam no PDI e foram aprovadas. O PDI foi construído num processo coletivo muito bacana, mas tem uma demanda lá, que é uma ideia minha e que eu, até hoje, gosto de lembrar para que não fique esquecida: A ideia da criação de um órgão, dentro da UFABC, com espaço físico incluído, que seria algo como um Instituto de Estudos do Grande ABC, que abrigasse acervos pessoais dos intelectuais locais e abrisse à pesquisa documentos e informações sobre a história do Grande ABC. À maneira do IEB, da USP, Instituto de Estudos Brasileiros. Porque nós temos uma história lindíssima no ABC que

os jovens estudantes, na sua grande parte, desconhecem... Desconhecem, primeiro, por um preconceito perverso de classes que veio a se instalar em nossa região, que parece ignorar uma classe trabalhadora operária que mudou as relações do trabalho no Brasil. Foram muitas as conquistas, em especial, a partir das grandes greves no final dos anos 70, virada para os 80. Todas as conquistas de direitos trabalhistas e sociais, que agora estão sendo desmontadas, saíram daqui, dos Metalúrgicos do ABC e de outras categorias de trabalhadores.

O ódio ao metalúrgico que liderava milhares de pessoas nas greves e que veio a se tornar Presidente da República foi alimentado pelo preconceito de classes. "Como é que ele pode chegar lá?" Não deveria, tinha que continuar como peão. Infelizmente, muita gente e grande parte da juventude foi sobrecarregada por essa ideia e acabou assimilando-a. Sinto que esse parece ser um capítulo que não se quer lembrar, desconhecendo a importância do ABC para o Brasil. A história de nossa região, nas Sete Cidades que a compõem, é a história do trabalho e deveria ser lembrada também nesse aspecto. Haja vista aquele museu inacabado em São Bernardo do Campo, idealizado para ser um Museu dedicado ao trabalho e ao trabalhador, mas que agora vai virar uma "fábrica de cultura", seja lá o que isso represente. Qualquer coisa, desde que a história do trabalho não seja contada, nem mostrada. Entretanto, o legado dos trabalhadores na região faz parte de uma história linda. Uma pena.

Então, cada vez mais se torna necessário dar a conhecer essa e outras histórias, mostrar que esta não é uma terra arrasada, ou apenas um lugar de passagem. Temos uma história de muitas lutas e precisamos conhecer essa história que é a história dos pais e avós da geração que hoje está na universidade, uma história construída por trabalhadores com plena consciência de classe, coisa que nós não temos mais, infelizmente. Reconhecer-se na história é necessário para dar respostas e promover ações.

Com relação ao meu acervo, me perguntam também por que eu guardo tantas coisas. Nasci em Portugal e vim com onze anos com a minha família para o Brasil. Quando se emigra de um país para outro, há uma inimaginável ruptura de vida, assim como também ocorre com os migrantes. Há sempre um choque cultural, vamos perdendo os rizomas naturais, culturais, e vamos adquirindo outros. Chega-se a um ponto que não se sabe mais quem somos, se daqui ou de lá... Quando se é criança, não há essa consciência, mas, mesmo assim, lembro de, na escola, sofrer o que hoje se chama bullying. Cheguei aqui em novembro e, em fevereiro do ano seguinte, fui para a escola. E, obviamente, era motivo de curiosidade, porque falava como portuguesa e não como brasileira. Nessa época, o português era alvo de muitas piadas, sinônimo de pessoa burra, isso nos marcava muito também e vejo o quanto os nordestinos também devem sofrer por conta disso, não é? Porque o nordestino também é taxado como inculto, veio para trabalhar na construção civil etc. Quando guardo coisas é para suprir uma necessidade constatada na vinda de Portugal para cá. A nossa história até aquele momento, a história da família, se perdeu na travessia. Eu fiz um poema que, justamente, fala de uma arca. Tudo que a gente tinha foi colocado em uma arca de madeira e aquela passou a ser a nossa casa no destino novo.

Não exatamente tudo o que a gente tinha, mas tudo o que a gente podia levar; então nos desfizemos de muitas coisas. Na arca, veio a máquina de costura da minha mãe, o instrumento de trabalho dela, que era costureira, veio uma panela, algumas louças, roupa de cama e banho, para começar a vida assim, tendo o mínimo do mínimo, ou seja, o que foi considerado que não era essencial ficou, inclusive fotos e alguns docu-

mentos. Minha mãe ainda trouxe algumas, e eu fico mergulhada nessas coisas para saber quem sou eu, meu passado, pois, ao tomar consciência disso, você tenta reconstruir, e é o que eu tenho feito a minha vida inteira... Escrevi livros inteiros que falam disso. Falam de coisas e experiências que tive e que não lembrava mais. Então o guardar documentos talvez seja uma forma de suprir essa lacuna também...

Tenho pensado nisso, no porquê do guardar, e acho que vem do fato de minha mãe, por exemplo, após a chegada ao Brasil, passou a não guardar mais nada... Nela ocorreu o efeito contrário, ela perdeu a vontade de guardar. Como já havia perdido a primeira parte de sua história, também poderia vir a perder a última parte. Então, quando morreu, não deixou quase nada, só a roupa e pouquíssimos objetos pessoais.

Conectadas: E como que você iniciou as suas atividades no Comitê de Extensão e Cultura da UFABC?

Dalila: Eu havia sido convidada para participar do Seminário em que foi elaborado o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) e, a partir daí, eu acho que começamos a conversar sobre demandas externas e eventuais parcerias. O Regimento Interno da recém-criada ProEx previa duas vagas de pessoas representando a comunidade externa no Comitê. Antes de mim, convidaram Ana Nice, liderança sindical em São Bernardo, que hoje é vereadora na mesma cidade. Achei muito bacana a classe operária representada e a seguir, eu, representando a cultura. Foi muito entusiasmante e fiquei honrada mesmo... Como gosto muito e não falto às reuniões, sigo reconduzida, desde então. Para mim é um aprendizado, ao mesmo tempo em que aprendo muito, acredito que também colabore, levando informações e algumas demandas externas. A gente conhece e difunde alguns aspectos do que acontece aqui na região.
Sempre participei com entusiasmo e estou lá desde 2013, e novamente fui reconduzida neste mandato atual. Ao final de cada mandato, costumo comunicar que estou à disposição, mas que veria com muito bons olhos ser substituída por alguém mais jovem, mas esses mais jovens não apareceram, talvez porque estão ocupados também, com seu trabalho e estudo. Eu agora tenho toda a disponibilidade do mundo, só não tenho mais porque invento muita coisa para fazer, mas ainda assim, meus horários são flexíveis. Algumas pessoas que ocuparam essa vaga externa tiveram dificuldades de, por exemplo, comparecer a uma reunião durante a tarde em vista do trabalho.

Conectadas: Estávamos conversando sobre você na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, tentando nos preparar para essa entrevista, e algumas pessoas de lá fizeram graduação na Fundação Santo André, muito antes da UFABC existir, e disseram lembrar de quando você foi até lá. Qual era a sua interação com as outras instituições de ensino superior aqui do ABC antes da chegada das Universidades Federais?

Dalila: A Fundação era a minha casa, antes da UFABC. Interagi e estive próxima de três faculdades aqui na região: A Fundação Santo André, o antigo IMES, agora USCS, e a Metodista... É curioso... Por razões ligadas, talvez, ao meu ativismo cultural, eu já participava de seminários, debates, desde a época do Livrespaço. Então, acredito que participei da maioria das iniciativas culturais coletivas na região. Por exemplo, a Fundação foi a única faculdade que me chamou por uma razão diferente das outras: como escritora. E foi uma felicidade. Até hoje encontro com pessoas da graduação em Letras, que pertenceram às classes da saudosa professora Lourdinha (Maria de Lourdes Ruegger da Silva), infelizmente falecida recentemente. Ela adotou um livro meu nas turmas do quarto ano de Letras. Foi o livro que eu publiquei em 1996, "A Palavraparte". Ela indicava como leitura de férias, promovendo um seminário no retorno

para falar do livro. Por duas ocasiões, ela me convidou a participar desses seminários, nos quais o meu livro era analisado. Os alunos não eram informados da minha presença com antecedência. Enquanto a professora não anunciava que eu estava na sala, tudo fluía, mas era só dizer que a autora estava presente e que poderiam fazer perguntas que, por alguns momentos, a conversa travava. Então foi muito engraçado perceber que as pessoas mantêm uma ideia de escritor um pouco mitificada. Talvez porque não seja comum (ou, ao menos, não era comum naqueles tempos) escritores visitarem salas de aula para discutir sua obra. Na minha época, pior, os autores que lia, eram todos já mortos. Voltando aos alunos da Lourdinha, depois das primeiras falas, a conversa voltava a fluir lindamente. A professora me mandou as apreciações escritas dos alunos sobre o livro e foi muito comovente. No meu livro de crônicas, "Artes & Ofícios", transcrevi uma crônica sobre esses encontros, publicada originalmente no Diário do Grande ABC, onde eu mantinha uma coluna semanal.
A minha matéria de poesia é retirada do dia a dia, principalmente, do convívio e do mundo ao redor. Diria que sou essencialmente uma poeta do concreto urbano, do chão e da realidade, transfigurada na poesia.

Bem antes disso, também frequentei por diversas oportunidades a Fundação Santo André, junto com elementos do grupo Livrespaço. Dois dos poetas do grupo, Jurema Barreto de Souza e José Marinho do Nascimento, estudaram lá, na graduação do curso de Letras. Também participei de várias semanas de Letras, como convidada em mesas de debate e também com o grupo. Lançávamos lá os números da revista e coletâneas do Livrespaço. O poeta José Marinho veio a ser professor lá, onde estudou, após mestrado e doutorado na USP. À época da criação do Grupo Livrespaço, ambos ainda eram estudantes lá e, naturalmente, contribuíam para fazer a ponte com a Instituição. A Jurema editava com outra aluna da graduação, um jornal literário mimeografado, e, devagarinho, fomos conquistando um espaço lá, também como escritores, porque a área de Letras era muito atuante na Fundação, pena que hoje acabaram com tudo, pois só formam para o mercado e não mais para a vida, ou seja, para as chamadas Humanidades.

Quanto ao IMES e à Metodista, fui convidada em diferentes momentos, pelo Professor Luiz Roberto Alves, livre docente da USP, que foi Secretário de Cultura em São Bernardo e em Mauá, e criou uma cátedra na Metodista chamada "Cátedra Celso Daniel". Fui convidada a participar de uma espécie de comitê de estudos de políticas públicas da cultura. Discutíamos e estudávamos questões como, por exemplo, formas de criar indicativos nas políticas públicas da Cultura, uma coisa que nunca se falou por aqui. Enfim, participei desse grupo durante um bom tempo e, antes disso, no IMES, no Laboratório de Gestão Regional, ligado à pós-graduação em Administração, igualmente criado e coordenado pelo Professor Luiz Roberto Alves. Assim como aqui na UFABC, ocupava uma das vagas da comunidade externa, ocupadas por lideranças de vários setores. Então, a minha relação com as Universidades vem desde o início dos anos 90, participando dessa e de outras formas, inclusive, de protestos ao lado de alunos e professores.

Conectadas: Como poeta, como você percebe o impacto da chegada da UFABC na região. Você consegue ver uma mudança regional por ter uma Instituição Federal de Ensino?

Dalila: Essa mudança talvez ainda não seja tão perceptível, para a maioria, mas ela já existe. Sinto que a UFABC vem se esforçando para derrubar os muros que tradicionalmente deixavam a Universidade em um nicho que pouco sabe do seu entorno. Acredito que isso seja pelo fato de o CEC ter duas vagas externas e outros conse-

lhos, provavelmente também tenham. As políticas e os inúmeros projetos de extensão que são realizados na ProEC já aproximam a comunidade, até porque o mérito desses projetos é justamente serem extensionistas e interagirem com a comunidade local. O sonho da Universidade Federal do ABC é muito antigo... Aqui, no Alpharrabio, é possível que tenhamos algumas dessas transcrições de debates que falam dessa luta pela Universidade.

O professor José de Souza Martins, em uma de suas palestras aqui no Alpharrabio, muito antes da criação da Universidade, preconizava o seguinte: "Quando uma Universidade Federal tiver os seus campi aqui no ABC as coisas vão mudar". É lento, tenho certeza que é muito lento, mas não há como não mudar, e o fato das políticas terem permitido que os filhos daqueles operários chegassem à Universidade é um fato totalmente novo que também ainda não foi assimilado pela totalidade da nossa sociedade. Eu adoro andar ali, sempre dou uma voltinha, passo pela biblioteca, então o que sinto é que aquela Universidade nos pertence, é nossa, eu tenho essa sensação de pertencimento, tenho orgulho de olhar aqueles prédios e observo os alunos andarem por ali e me vem à cabeça algo que me ficou marcado. Certa vez, sugeri a uma pessoa conhecida que estava fazendo vestibular que fizesse inscrição numa Universidade Federal. Essa menina desconhecia a existência da Federal e disse que se assustou com o clima de lá, porque as pessoas, pela sua ótica, eram "descontraídas", não se vestiam de forma "adequada", na "moda". Não foi exatamente assim, mas foi algo parecido, que as pessoas eram "meio estranhas" na Federal, e eu achei isso muito significativo. É o povo que está lá agora, não é só uma parcela da população. Isso ficou marcado para mim, eu acho que a universidade está contribuindo para isso, para esta grande mudança em valorizar a diversidade e no compartilhamento dos saberes.

Conectadas: Você já disse que defende uma verdadeira educação em oposição àquela que prepara os estudantes apenas para o trabalho. E você já mencionou em uma entrevista que a sua educação vem pela leitura… O que é essa verdadeira educação para você, então?

Dalila: Seria uma educação que primasse pelos valores humanos e não tão somente pelo mercado de trabalho. Penso que a escola deva formar seres humanos, seres humanos críticos. Infelizmente, a minha [educação] foi anárquica e eu aprendi a ser crítica pelos livros que li, foram os livros que me ensinaram a questionar como também a minha constante vivência em trabalhos comunitários, congressos e debates, aprendi muito também com os outros. Tenho três filhas universitárias, todas com pós-graduação e especializações, cinco netos... Optei por colocá-las em escolas que tivessem essa orientação de educar para ser crítico, defender o bem comum, para não serem meros cumpridores de tarefas. Muitas famílias querem que seus filhos saiam do curso médio, direto para a faculdade, depois direto para o mercado de trabalho, de preferência o financeiro, ou outro onde se ganhe muito. Respeito essa opção, mas, para minha alegria, vejo que, hoje, minhas filhas buscam para meus netos uma educação que prime pelos valores e conhecimento ético e humanos muito mais que os ensinamentos meramente profissionalizantes. Como, quer queiramos ou não, já somos governados pelo mercado, então precisamos ter essa consciência de que somos humanos e precisamos olhar também pelo humano que está à volta. O meu sonho de educação seria algo assim, mas como não sou pedagoga, isso deve ter naturalmente uma amplitude que não saberia colocar aqui, com a devida clareza.

Conectadas: Última pergunta. Em 1964, você tinha 18 anos. Como você percebeu aquele momento, como foi aquela vivência, aquela construção de tudo o que

aconteceu?

Dalila: Meus pais não se interessavam por política. Em uma entrevista recente, disse que a minha consciência política nasceu no ABC e é verdade. O meu pai veio de Portugal, país onde nasceu e viveu até os 30 e tantos anos, sob uma ditadura... Para ele, o Salazar era o pai de todos, aliás, como todos os ditadores fazem se passar por esse papel. Em 1964, eu estava começando a trabalhar na FIESP, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, onde comecei como datilógrafa. Analfabeta política, porque o meio onde eu vivia, o meio familiar não era politizado. A minha consciência política talvez tenha começado a ser formada ali. Eu trabalhava no setor de comunicação e lá tinha um departamento de imprensa onde trabalhavam dois jornalistas com posições claras de uma ideologia de esquerda, o que se chama hoje de comunista. Um deles, inclusive, era comunista de carteirinha, filiado ao PC, o outro não. Era o momento em que se iniciava a publicação, na primeira página dos jornais, de receitas de bolo ou letras de poemas de Camões em lugar das matérias censuradas. A datilógrafa despolitizada, completamente perdida com aquilo... No dia primeiro de abril de 1964, estava eu na minha máquina de escrever e me disseram que havia acontecido um "golpe de Estado para nos livrar do Comunismo que estava se instalando no país" e que estávamos liberados para voltar à casa, pois tudo estava em ordem, e assim, fomos para casa no meio do dia... A única coisa que eu percebi fora do normal é que o meu ônibus passava na frente do que viria a ser o DOPS, antes com outro nome, e o prédio estava todo cercado com arame farpado, cheio de soldados ali, mas as manchetes da época do Estado de São Paulo e da Folha de São Paulo apoiaram a ditadura... Essa palavra "ditadura" não existia no vocabulário na FIESP, era um comando militar que colocaria ordem no país. O discurso era esse! Enquanto trabalhava e vivia normalmente, tantas pessoas entravam naqueles porões e não voltavam mais. Foi ouvindo os jornalistas que, por vezes, me contavam a história de pessoas que desapareciam ou eram encontradas mortas. Fui ouvindo e desconfiando das coisas.

Em 1968, eu já tinha me tocado que os jovens queriam mudar as rotas, com as notícias vindas de Paris. O mundo estava mudando, e comecei a me interessar, de fato, por política. Eu precisava entender o que estava ocorrendo. 1968 para mim foi um marco de consciência. Quando vim para o ABC, foi para trabalhar em uma metalúrgica que fornecia peças às indústrias automobilísticas. Trabalhei por onze anos lá... Comecei como secretária júnior e, quando saí, ocupava o cargo de secretária da Diretoria, bilíngue. Pude perceber que era necessário "vestir a camisa" da empresa, tanto quanto também exigiam os chamados capitães da Indústria, seguir as regras do mercado. Acontece que os chamados "peões", diferentemente da menina despolitizada, já fa-

lavam outra linguagem.

Em 1972, eu me casei com Valdecirio Teles Veras, advogado e também escritor, na época, ligado por contrato ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Assim, a minha verdadeira alfabetização política veio através dele e do seu sócio de escritório, o advogado e escritor Antônio Possidonio Sampaio que, infelizmente, nos deixou há pouco tempo. Ele também era advogado do Sindicato dos Metalúrgicos e publicou algumas obras sobre a realidade dos trabalhadores no ABC, todas em forma de romance, como "Lula e a greve dos peões" e "A Capital do Automóvel". Livros que no exterior são considerados como objeto de estudo para esse período no Brasil, enquanto que aqui, nada...

Então foi com os peões do ABC que eu, indiretamente, me alfabetizei politicamente. Vem daí essa angústia de hoje, ao perceber que a região desconhece a sua própria história e a importância desses peões nas conquistas trabalhistas e direitos sociais. Se hoje há creches, se há mulheres em liderança de empresas, devemos muito às mulheres operárias ou mulheres de operários daquela época. Quando do falecimento da sra. Marisa Letícia Lula da Silva, escrevi uma crônica que infelizmente não foi dado a ela o elogio, o merecimento pelo papel que teve nas greves do ABC. Ela organizou aquelas mulheres dos operários, liderou marchas de protesto, com essas mulheres, coletava alimentos para manter aquelas famílias operárias que ficavam sem receber seus salários, nas greves prolongadas. Eram milhares de operários que precisavam alimentar suas famílias, e essas mulheres por trás de tudo, foram responsáveis por terem chegado a bom termo, elas estão sempre por trás, mas sempre à frente! Numa grande marcha que foi feita em São Bernardo, se não me engano, em 1981, podemos observar nas fotos dos jornais da época, que lá estava a Sra. Marisa à frente, com as filhas e as mulheres dos operários.

Lembro que, nessa época, a Folha de São Paulo publicou um caderno especial, falando do papel dessas mulheres nas greves. Um grande lote de recortes de jornais dessa época, que pertenceram ao arquivo do escritório de meu marido e de Possidonio Sampaio, preciosa hemeroteca, foi entregue aos cuidados da UFABC. Acredito que haja ali, matérias dos anos 80 que não se encontram hoje digitalizadas, só encontradas no papel. Esse material veio todo para cá, documentos dos anos 78, 79, 80, 81, 82, um período de efervescência, assim como os anos finais da ditadura e começo da redemocratização. Me orgulho muito de ter vivido essa época, porque cultivávamos utopias, éramos alimentados por elas. Por vezes a gente precisa ir lá no fundo do poço para perceber o mundo ao redor e retomar. Neste momento, estamos, política e socialmente, descendo novamente ao fundo do poço, quem sabe eu ainda tenha energia para sair dele.

Agora, sobre relacionar 1964 com o que estamos vivendo hoje, tristemente posso dizer que que a situação me parece pior e escancarada. Naquela época as pessoas não tinham consciência porque não lhes chegavam notícias - os militares eram discretos – ao contrário dos tão falantes de hoje, que mandam recados oficiais pelo Twitter e o WhatsApp... Não sabíamos o que estava acontecendo por lá... Aqui ou ali, as pessoas mais politizadas sabiam dos porões e o que lá acontecia, a gente não sabia até quando foi baixado o AI-5, que tiraria todas as liberdades dos cidadãos brasileiros.

Os poucos que na época recebiam essas informações, reagiam e adquiriam uma consciência muito forte; hoje, a grande massa, para quem chegam falsas informações numa velocidade e volume inacreditável, concordam com elas. As chamadas Fake News chegam às pessoas de uma forma muito intensa e invasora que é, justamente, pensada e planejada para permanecer nas mentes das pessoas as ideias que desejam passar. Isso funciona. As pessoas estão comprando muita mentira como verdades inquestionáveis, porque não se informam da procedência... Eu nunca imaginei que fosse viver novamente algo pior do que aquilo, que, admito, nem foi tão pior, justamente pela falta de consciência minha no início. Hoje, o que me parece assustador é a apatia com que as pessoas reagem em relação à forma banalizada da violência e da mentira. Matam-se moradores de rua como quem mata mosquito, matam negros e pobres nas favelas, pelo fato de serem pobres e negros. Brancos também são mortos, mas tristemente a gente vê que o povo negro e pobre, nas fave-

las do Rio de Janeiro, principalmente, está sendo dizimado...

Em pleno século XXI, vivemos um enorme retrocesso; retrocedemos à Idade pré-qualquer coisa... Um certo lado brutal do ser humano parece que foi aflorado de repente, e, como na lenda da Caixa de Pandora, todos os males começaram a sair dali e as pessoas acham isso natural... como parece ser natural puxar uma arma em uma briga de trânsito, puxar uma arma para a mulher que leu as suas mensagens do celular, como já tivemos notícias de homens que mataram mulheres por isso. Mata-se por qualquer coisa e esse impulso assassino vem de algum lugar, uma zona cinzenta onde essas pessoas de alguma forma sentem sua própria violência respaldada. Vivemos a banalização do mal e da violência.

O discurso de hoje é o mesmo discurso nacionalista, falso nacionalismo, do combate à corrupção que, sabe-se, não é combatida, mas deveria ser. As semelhanças nos discursos de regimes autoritários é a mesmo no mundo inteiro. O discurso do Mussolini, o discurso de Hitler, são discursos de cunho moralista. Hoje no Brasil, somos governados através de regras moralistas, num projeto de poder muito ligado à religião, neo-evangélica, especialmente, no seu pior sentido. Com respeito a todas as religiões, não posso respeitar determinadas vertentes, onde vemos pastores a pedir o cartão de crédito do crente. São exploradores, e possuem um projeto de poder totalitário.

Conectadas: Temos como ter esperança?

Dalila: Confesso que tenho pouca, mas tento me manter à tona. No dia 22 de fevereiro, tivemos um encontro aqui na livraria para comemorar os 28 anos da Alpharrabio, todos os anos a data é comemorada. Trata-se de um lindo momento de troca, fraterno, de pessoas que tem nesse espaço a sua casa, o seu lugar de debate, de fala e também de afeto. Celebrarmos o encontro é também uma forma de nos reabastecermos com essas energias. Neste ano, porém, ficamos em dúvida quanto à data, por conta do clima chuvoso, o sábado de Carnaval, a nosso ver, seria um fracasso, mas fizemos assim mesmo! Montamos a exposição, chamamos através de um convite nas redes sociais e as pessoas vieram. A partir das 11 horas da manhã, foram chegando e só saíram daqui às quatro horas da tarde, depois dos brindes, muitos abraços e muitas conversas,

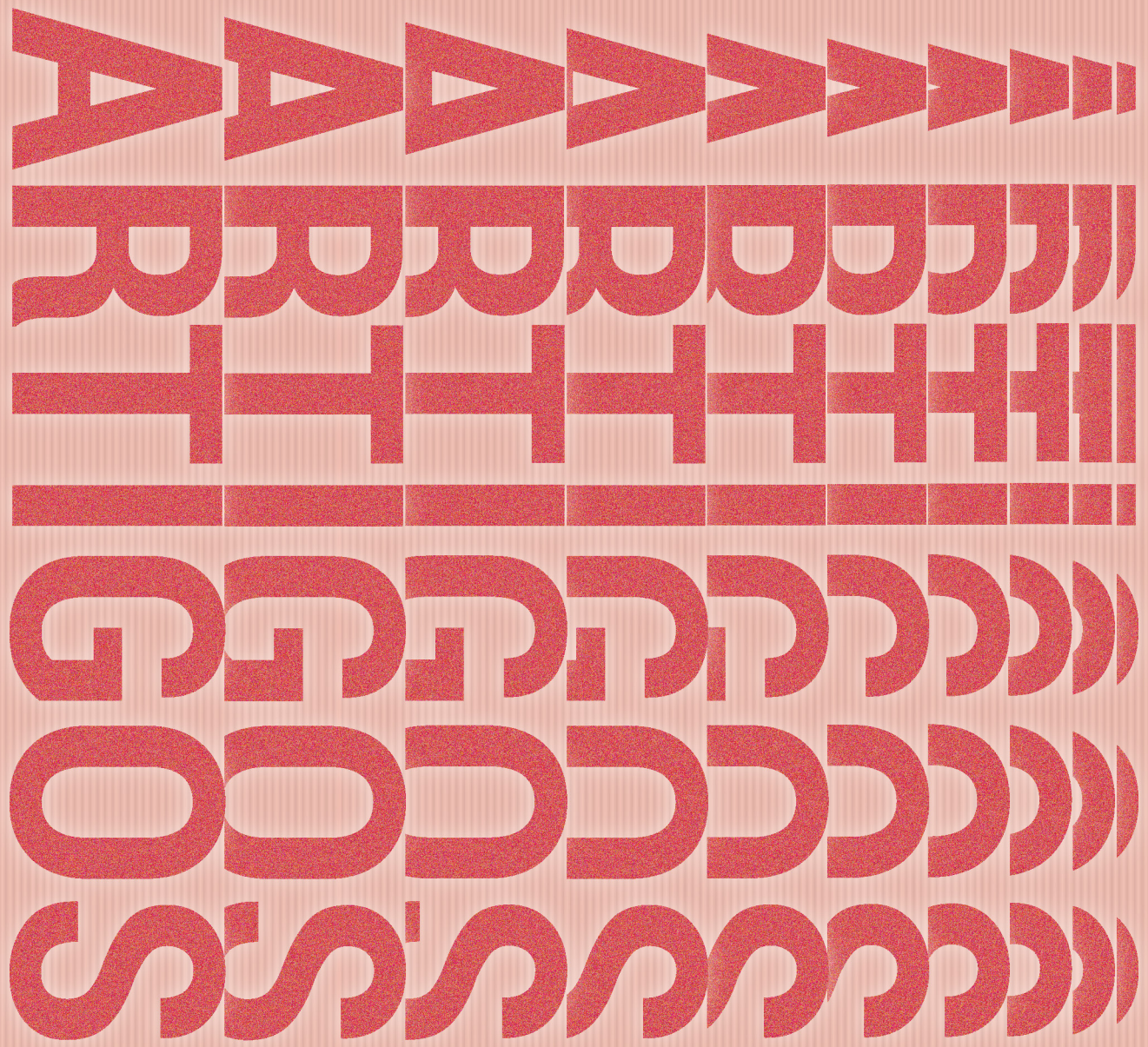
Aquelas mais de cem pessoas vieram por um especial motivo: para se abraçarem, para trocarem afetos. Pessoas que estavam aqui para reafirmar compromissos com a arte e a cultura. É disso que me alimento, que nos alimentamos. Precisamos dessa dose de energia que esses encontros presenciais nos proporcionam. Um momento único, em que deixamos a vida virtual e olhamos nos olhos uns dos outros, num pacto fraterno de continuidade.

O momento atual não é propício a ter muita esperança, mas eu tento manter pelos meus netos, pelos filhos e netos dos meus amigos e de todos os brasileiros, por esse país que eu adotei, que tanto prezo, como minha pátria também.

Eu preciso acreditar, mas não tenho tanta saúde, ando adoentada, querendo exercer meu direito à desinformação, mas não consigo, é muito difícil ficar apática ao que está nos acontecendo, e é terrível... Mas acontece-me de falar com algumas pessoas sobre essas preocupações e elas me perguntarem "O que está acontecendo?" Não tem como discutir...

Conectadas: Mas aí você lembra do começo...

Dalila: Sim, pois a pessoa tem que ser despertada em algum momento e perceber que precisa ir e não pode esperar que ninguém vá por ela. Ler um poema, que é também um ato político, fazer poesia, publicar um livro é um ato político ainda que não fale explicitamente sobre política. O conteúdo do meu último livro, "Tempo em Fúria" é de cunho político, eu fui lançá-lo no ano passado, na 45ª Feira do Livro do Funchal, minha cidade natal, em Portugal. Na ocasião disse que aqueles eram poemas urgentes, poemas testemunho e poemas de denúncia como tantos, antes de mim, já o fizeram. A palavra é a única arma que possuo e enquanto puder e isso me dê algum alento, continuarei.



ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ESTUDANDO GEOMETRIA NA UNIVERSIDADE

Autores
Elisabete Marcon Mello
Amarildo Aparecido dos Santos

RESUMO

Este relato de experiência refere-se a um curso de extensão sobre geometria e construções geométricas, destinado a alunos do Ensino Médio, preferencialmente de escolas públicas, e a alunos da universidade que tenham interesse neste conteúdo. O curso é ministrado na própria universidade, no campus Santo André, com turmas de trinta alunos. Foi possível observar que os alunos assimilaram e se apropriaram do conteúdo trabalhado e, além disso, o fato de estarem dentro de uma universidade federal, pode despertar em vários desses alunos o interesse em fazer parte do ambiente acadêmico.

Palavras-chave: *Curso de extensão, Geometria, Construções Geométricas.*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho descrevemos uma ação extensionista destinada a alunos do Ensino Médio, preferencialmente de escolas públicas, abrangendo conteúdos de construção geométrica e geometria métrica. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo de Matemática no ensino fundamental, porque, por meio deles, o aluno desenvolve um tipo especial de pensamento que lhe permite compreender, descrever e representar, de forma organizada, o mundo em que vive.

Para Duval (2005), a geometria, dentre os campos de conhecimentos que os alunos devem adquirir, é o que exige a atividade cognitiva mais completa, pois mobiliza o gesto, a linguagem e o olhar, sendo necessário construir, ver e raciocinar. Para Duval (1988) os problemas geométricos distinguem-se de outros problemas matemáticos propostos aos alunos porque a heurística desses problemas refere-se a registros de representações espaciais que originam formas de interpretações autônomas.

Segundo Queiroz (2010), apesar de recomendadas pelos PCN (BRASIL, 1998), as construções geométricas ainda não foram incluídas nos livros didáticos de Matemática e o ensino de geometria é marcado por métodos que valorizam o formalismo rigoroso em detrimento de um aprendizado a partir das construções e de aplicações práticas da geometria.

A Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos (Brasil, 2002), ressalta que os conteúdos de geometria não são desenvolvidos com a devida atenção, embora contribuam decisivamente para o desenvolvimento de capacidades intelectuais como a percepção espacial, a criatividade, o raciocínio hipotéti-

co-dedutivo, além de permitirem várias relações entre a Matemática e outras áreas.

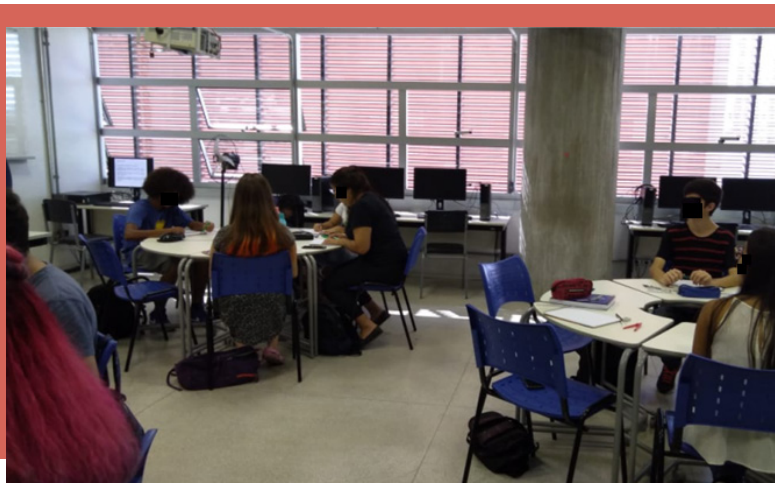
Dessa forma, este curso de extensão veio preencher essa lacuna existente na educação básica, atendendo alunos do Ensino Médio, em especial de escolas do entorno da Universidade Federal do ABC (UFABC). Discentes da universidade com interesse em geometria também podem participar deste curso, cuja implementação dialoga com o tripé ensino-pesquisa-extensão, proposto no âmbito da universidade pública.

O curso é ministrado na própria universidade, no campus Santo André, duas horas por semana, com turmas de trinta alunos. Foi realizado pela primeira vez em 2019 (de fevereiro a junho), com duração de 18 semanas e a segunda turma teve início em março de 2020 com duração de 12 semanas. Esse ajuste, em relação à quantidade de semanas, foi feito para se adequar ao regime quadrimestral praticado na universidade.

As atividades foram preparadas de acordo com a teoria de Desenvolvimento dos Níveis de Pensamento Geométrico de Van-Hiele (1986), que propõe uma progressão na aprendizagem da geometria através de cinco níveis cada vez mais complexos: visualização, análise, ordenação, dedução e rigor. Segundo essa teoria, os alunos começam por reconhecer as figuras e diferenciá-las pelo seu aspecto físico e só posteriormente o fazem pela análise das suas propriedades.

A avaliação ocorre ao longo do curso, de modo a permitir a reflexão-ação-reflexão da aprendizagem e a apropriação do conhecimento, resgatando suas dimensões diagnóstica, formativa e processual.

Figura 1: alunos em aula



Fonte 1: do autor

DESCOBRINDO A GEOMETRIA

Serão relatadas algumas das atividades que foram propostas durante o curso e como os alunos as desenvolveram interagindo com o ambiente da universidade, que é novo para a maioria deles, inclusive para uma aluna cega participante da turma de 2020.

Uma das preocupações é criar um bom ambiente de estudo e trabalho, no qual todos se sintam acolhidos, à vontade para esclarecer suas dúvidas e com liberdade para expressar suas opiniões. Para que isso aconteça é importante que os alunos se conheçam. No intuito de ajudar na socialização dos alunos e favorecer a relação entre eles, nas primeiras aulas as mesas são numeradas e, ao entrar na sala, o aluno recebe um número que indica em que mesa ele deve se sentar. Em cada mesa ficam 6 alunos, desta forma eles têm a oportunidade de se conhecerem. Nas demais aulas os alunos podem escolher seus lugares. Na primeira aula o aluno recebe um caderno de desenho e, em todas as aulas, são dispnibilizados réguas e compassos para serem usados durante a aula.

Na aula inicial, utilizamos a História da Matemática para contextualizar o estudo e abordar alguns temas matemáticos que não

faziam parte do conhecimento dos alunos, mas poderiam ajudar a ampliar sua visão sobre a matemática, como as geometrias não euclidianas e os números transfinitos. Descreveremos, resumidamente, como se deu esta abordagem.

Iniciou-se falando sobre Euclides e sua obra, "Os Elementos", que se inicia com 23 definições, 5 postulados e 9 noções comuns. Ao apresentar os postulados, em particular o quinto postulado: "*Dado um ponto* P, *que não está numa reta* r, *existe uma só reta, no plano de P e r, que contém P e que não intersecta r*" (como foi enunciado por John Playfair 1748 – 1819), os alunos foram questionados:

E se passar mais de uma reta?

E se não passar nenhuma reta?

Explicou-se então que estes questionamentos, feitos por matemáticos dos séculos XVIII e XIX, levaram à criação de geometrias não euclidianas, como a geometria Hiperbólica (Nikolai Lobachevsky 1792-1856) e a geometria Elíptica (Bernard Riemann 1826 – 1866).

Ao citar as Noções Comuns apresentadas por Euclides, depara-se com: "o todo é maior que a parte". Então os alunos foram novamente questionados:

Qual é maior, o conjunto dos números pares positivos ou o conjunto dos números naturais?

Não tiveram dúvidas ao responder: "O conjunto dos números naturais".

Discutiu-se sobre essa resposta, o porquê na matemática ela não está correta, e aproveitou-se o momento para falar sobre cardinalidade de conjuntos, finitos e infinitos, e definir número transfinito.

Antes do início da aula havia receio sobre abordar esses conceitos com alunos que ainda estão no Ensino Médio, porém, ao final da aula, foi muito gratificante observar esses alunos discutindo os assuntos abordados, levantando questionamentos e refletindo sobre o novo saber.

Na aula seguinte, deu-se início às construções geométricas utilizando régua e compasso. Vários alunos tiveram dificuldades para manipular o compasso, sendo necessário um tempo para adaptação ao instrumento.

Inicialmente foram abordados os conceitos primitivos de ponto, reta e plano, seguindo com as diferenças entre reta, semirreta e segmento de reta, entre círculo e circunferência e a construção de retas paralelas e perpendiculares.
Após essas construções, foi apresentada a tarefa:

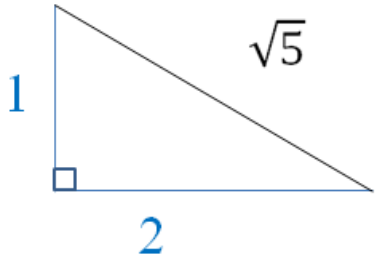
- Construir um segmento com medida

Foi dado aos alunos um tempo para refletirem e discutirem sobre a questão, mas não conseguiram chegar a uma conclusão. Então foi relembrado o teorema de Pitágoras e apresentada a solução:

Construindo um segmento AB de medida de 1 unidade e um segmento AC com medida 2

unidades, perpendicular a AB, poderemos construir um segmento BC que terá medida unidades (figura 2).

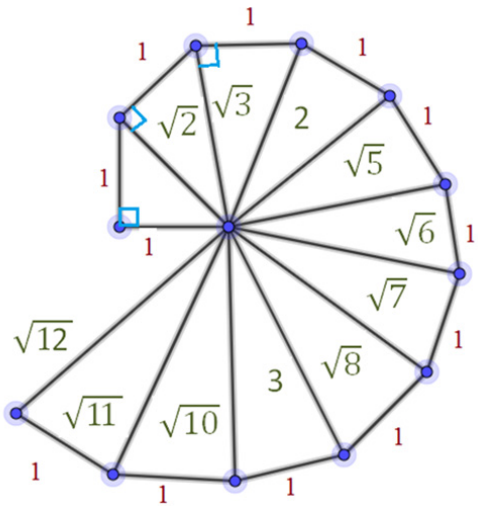
Figura 2: Construção de um segmento de medida



Fonte 2: do autor

A partir dessa atividade, se iniciou uma discussão sobre segmentos com medidas irracionais e os alunos realizaram a construção que pode ser observada na figura 3:

Figura 3: Segmentos com medidas irracionais



Fonte 3: do autor

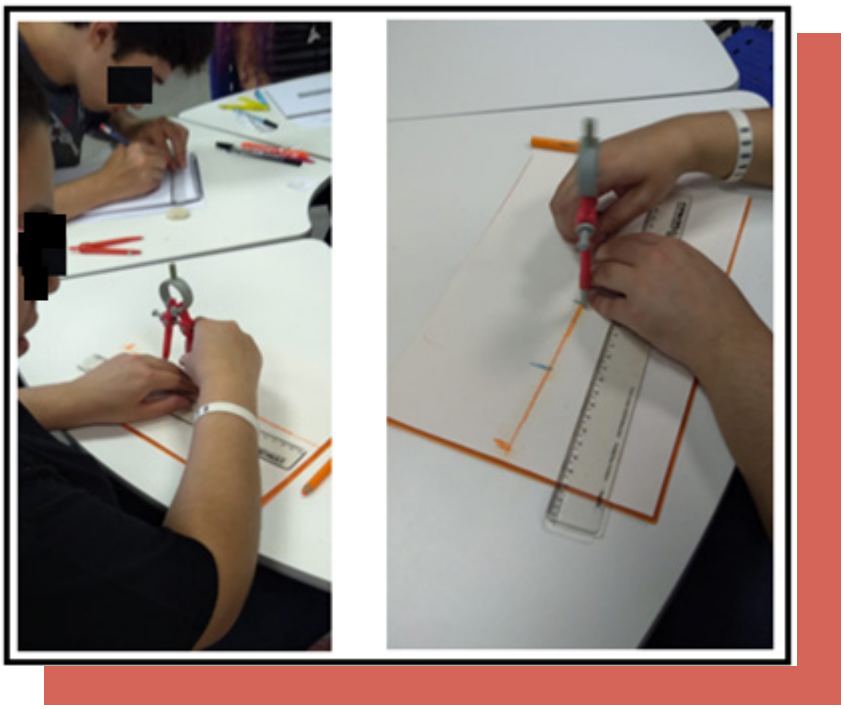
É importante ressaltar que a aluna cega, utilizando uma prancheta de desenho em relevo, previamente desenvolvida e patenteada (MELLO, 2015), e um compasso adaptado com uma ponta de giz de cera, conseguiu realizar todas as tarefas solicitadas, participando da aula como qualquer outro aluno presente (figura 4).

A utilização de instrumentos de construção geométrica ajuda os alunos a entender as características e propriedades das figuras geométricas que constroem, em especial a aluna cega que, com a utilização da régua e do compasso, conseguiu visualizar e entender a circunferência como o lugar geométrico dos pontos que equidistam de um ponto central, um conceito que era totalmente abstrato para ela.

De acordo com Duval (2005), é por meio da utilização de um instrumento que os alunos podem verdadeiramente tomar consciência de que as propriedades geométricas não são somente características perceptivas, tendo a possibilidade de experimentar uma propriedade geo-

métrica como uma limitação da construção.

Figura 4: Aluna cega realizando construções geométricas



Fonte 4: do autor

Outros conteúdos abordados no curso são: mediatriz de um segmento, polígonos, poliedros, relação de Euler, poliedros de Platão, construção de ângulos e suas bissetrizes, soma de ângulos internos de um triângulo, cevianas e pontos notáveis de um triângulo.

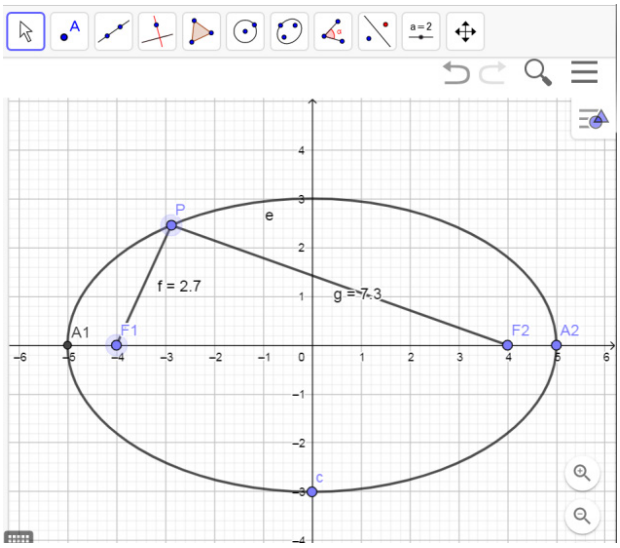
Na turma de 2019, foram realizadas várias atividades utilizando o software de geometria dinâmica GeoGebra. Uma delas foi direcionada ao estudo das cônicas, focando na definição de elipse e na análise de propriedades. Primeiramente foram apresentadas uma figura e uma definição de elipse que está presente em vários livros didáticos: *"Uma elipse de focos F_1 e F_2 de eixo maior medindo 2a > |F_1F_2| é o lugar geométrico formado pelos pontos do plano cuja soma das distâncias a dois pontos fixos F_1 e F_2* é igual a 2ª". Foi pedido para que os alunos explicassem o que haviam entendido e verificou-se que a maioria não entendeu o conceito apresentado.

Solicitamos que os alunos construíssem uma elipse utilizando o software Geogebra, com focos F_1 e F_2 em pontos determinados e nomeassem de P um ponto sobre a elipse. Em seguida, mediram a distância entre os dois vértices sobre o eixo maior da elipse. Criaram dois segmentos, e . Foi pedido para que os alunos somassem a medida dos dois segmentos e comparassem com a distância entre os vértices. Eles verificaram que a soma era exatamente a medida da distância entre os vértices sobre o eixo maior da elipse. Ao movimentar o ponto P, observaram que a soma das medidas dos segmentos se mantinha constante, igual à medida da distância entre os vértices (figura 5).

Após a atividade, retornou-se à definição de elipse apresentada no início da aula e a maioria dos alunos conseguiu relacioná-la com a construção realizada no GeoGebra. O software ajudou os alunos a traduzir a definição da linguagem matemática para sua linguagem natural, de forma que pudessem entender o conceito de elipse como um lugar geométrico. O próximo passo

foi avançar os estudos deduzindo e aplicando a equação geral da elipse em alguns problemas geométricos.

Figura 5: construção da elipse



Fonte 5: do autor

CONSIDERAÇÕES

Os primeiros resultados nos mostram que houve apropriação de conceitos geométricos pelos alunos, mas, além do aprendizado e do conhecimento adquirido, o fato de estar dentro de uma universidade federal, desperta o interesse desses alunos em continuar seus estudos e faz com que percebam a possibilidade de fazer parte deste ambiente acadêmico, o que, para muitos deles, era considerado impossível.

É importante ressaltar que o curso de 2020 foi interrompido por conta da pandemia de Covid19 e será retomado assim que possível.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos:** segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

DUVAL R. **Approche cognitive des problèmes de géométrie em termes de congruence.** Annales de Didactiques et de sciences cognitives. IREM de Strarsbourg v.1, p.57-74, 1988.

DUVAL R. **Les conditions cognitives de l'apprentissage de la géométrie:** Développement de la visualisation, différenciation des raisonnements et coordination de leurs fonctionnements. Annales de didactique et de sciences cognitives, vol. 10, p. 5–53, 2005.

MELLO, E. M. **A Visualização de Objetos Geométricos por Alunos Cegos:** um estudo sob a ótica de Duval. Tese (doutorado em Educação Matemática). PUC/SP, São Paulo, Brasil. 2015.

QUEIROZ, J. C. S. **A geometria e o Desenho Geométrico nas Escolas do Brasil do Século XX.** X Encontro Nacional de Educação Matemática: Educação Matemática, Cultura e Diversidade. Salvador – BA, 2010.

VAN-HIELE, P. M. Structure and Insight. Academic Press Orlando, FL, USA, 1986.

ANÁLISE DAS INSCRITAS E SELECIONADAS DOS CURSOS OFERTADOS PELO GRUPO DAS MULHERES NA COMPUTAÇÃO UFABC

Autores
Melissa Junqueira de Barros Lins
Lania Stefanoni Ferreira

RESUMO

É de extrema importância a capacitação de mulheres na área da Tecnologia e, para isso, é preciso ofertar conteúdo educacional de qualidade, visando o aprimoramento das habilidades e o aumento da empregabilidade feminina na área em questão. Pensando no exposto, o grupo das Mulheres na Computação ministra atualmente dois cursos exclusivos para o gênero feminino e o perfil das inscritas e selecionadas para tais é o objeto de análise deste artigo.

Palavras-chave: *Mulheres. Computação. Curso. Python. JavaScript.*

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a área da tecnologia é predominantemente masculina, segundo dados do Censo da Educação Superior (2016), somente 20% dos estudantes de Ciência da Computação no Brasil eram mulheres, constituindo assim o segundo curso com menos adesão por esse gênero. Já de acordo com a UNESCO (2018), as mulheres representam somente 3% dos profissionais com graduação nas áreas de Tecnologia da Informação (T.I.) em todo o mundo. Pensando nisso, o grupo de meninas do projeto ++C&TpM criou o minicurso "Lógica de programação e solução criativa usando Python" para incentivar meninas que tenham interesse em computação a darem o seus primeiros passos. Entretanto, em 2019, ao invés de serem ofertadas duas turmas de Python, foram abertas uma classe de Python e outra de JavaScript. Pretendendo dessa forma alcançar mulheres com interesses diferentes, uma vez que as que tiverem maior estima pela área voltada para dados podem optar pela primeira linguagem, já quem preza pelo Desenvolvimento Web, pode escolher cursar a segunda opção. Sendo assim, a seguir disponibiliza-se a análise das inscritas tanto em 2018 quanto em 2019.

Inscrições

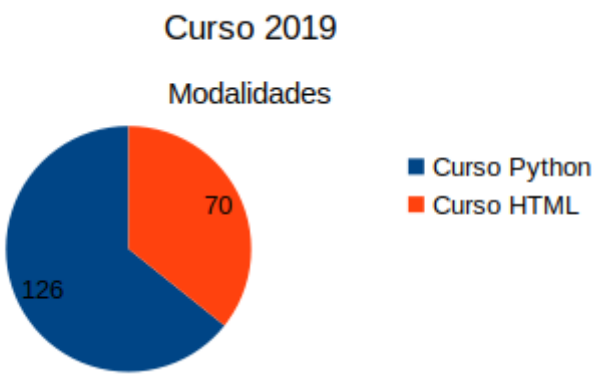
Curso 2018		Curso 2019	
Total de inscritos	168	Total de inscritos	196
Homens	31	Homens	0
Mulheres	135	Mulheres	195
Não especificado	2	Não especificado	1

Fonte: Autoras

É importante salientar que, em 2018, 31 homens se inscreveram no curso - este voltado exclusivamente para mulheres - número que representa 18.45% do montante total de interessados no projeto. Acontecimento já não observado em 2019, uma vez que 99.49% dos inscritos se identificaram como mulheres e somente uma pessoa não especificou o gênero.

A hipótese para o aumento de 16.67% de inscrições no curso deve-se a (1) maior divulgação das aulas, (2) estudantes que quiseram realizá-lo em 2018 mas não conseguiram vaga e (3) à inclusão do HTML, CSS e JS como modalidade, não deixando somente a opção de Python, diversificando assim os conhecimentos e técnicas de programação.

O seguinte gráfico atesta a terceira hipótese de que a inclusão de mais uma área de estudo foi primordial para aumentar o número de interessadas no minicurso ministrado pelo grupo ++C&TpM, contando com 70 mulheres inscritas para HTML/CSS/JS, isto é, 35.71% do montante total.



Fonte: Autoras

PERFIL DAS INSCRITAS

Visando estabelecer um perfil das interessadas no curso, foram feitas diversas análises que procuram quantizar as informações, dividindo-se em dois tópicos de estudo, o primeiro compreende tanto o ano de 2018, quanto o de 2019, já o segundo aborda dados somente de 2019, uma vez que os requisitos do formulário de cadastro foram ampliados.

AMBOS OS ANOS

As duas seguintes tabelas procuram demonstrar os postos de ofício das inscritasessalta-se os seguintes dados:

- As discentes da UFABC continuam como as maiores interessadas no programa, 43.80% em 2018 e 50.51% em 2019;
- Já as alunas do Ensino Médio decresceram sua participação, passando de 10.22% para 1.02%, não sendo favorável para o projeto, pois um dos públicos-alvo é justamente estudantes desse período escolar;
- Um novo cargo foi adicionado - Técnico da UFABC - ação extremamente benéfica e que segue as motivações do curso, que procura disseminar o interesse pela área em todas as esferas profissionais, uma vez que a programação excede os limites da Tecnologia da Informação.

Ocupação 2018		Ocupação 2019	
Membro externo à UFABC	50 (36.50%)	Outro tipo de membro externo à UFABC	81 (41.33%)
Discente da UFABC	60 (43.80%)	Discente da UFABC	99 (50.51%)
Professor Ensino Fundamental/Médio	6 (4.38%)	Professor Ensino Fundamental/Médio	6 (3.06%)
Aluna Ensino Médio	14 (10.22%)	Aluna Ensino Médio	2 (1.02%)
Não especificado	7 (5.11%)	Técnico da UFABC	3 (1.53%)
Fonte: Autoras		Não especificado	5 (2.55%)

Fonte: Autoras

Uma pergunta foi articulada com o objetivo de conhecer quais linguagens eram mais conhecidas pelas pretendentes ao curso, vale salientar os seguintes pontos:

- O Sistema Operacional Windows é o mais conhecido pelas mulheres em ambos os anos - 49.64% delas estavam familiarizadas com a linguagem em 2018, já no período seguinte a taxa sobe para 61.22%;
- Por ser o carro chefe do minicurso, Python também obteve destaque, passando a ser conhecida por 33 inscritas, em vista das 15 do ano anterior - tal mudança pode ser justificada pela possibilidade das inscritas já terem cursado a linguagem Python na edição de 2018 do curso;
- Já a participação de Java ter decaído (de 29.20% para 22.45%.) justifica a escolha dessa linguagem na edição de 2019.

Familiaridade 2018		Familiaridade 2019	
Python	15 (10.95%)	Python	33 (16.84%)
Android	44 (32.12%)	Android	87 (44.39%)
Windows	68 (49.64%)	Windows	120 (61.22%)
Linux	26 (18.98%)	Linux	33 (16.84%)
MacOS ou iOS	18 (13.14%)	MacOS ou iOS	20 (10.20%)
Pascal	2 (1.46%)	Pascal	7 (3.57%)
C ou C++	24 (17.52%)	C ou C++	36 (18.37%)
Java	40 (29.20%)	Java	44 (22.45%)
Outra linguagem	40 (29.20%)	Outra linguagem	35 (17.86%)

Fonte: Autoras

A faixa etária foi outra abordagem implementada em ambos os anos, sobressaindo-se:

- Baixa participação até 18 anos - assim como supracitado, cativar o Ensino Médio é fundamental para os objetivos do projeto e, uma vez que a adesão desse período escolar é

insuficiente, estes não estão sendo logrados;

- O atual mercado de trabalho exige que o colaborador seja competente em sua área e também polivalente, ou seja, há uma necessidade de se agregar conhecimento a fim de se destacar, esta é uma das hipóteses para a maioria das inscritas terem entre 19 e 28 anos em 2018 e 2019 - 60.58% e 62.24%, respectivamente;
- Por conseguinte, observa-se um aumento da faixa etária de 39 aos 48 anos - que pode ser explicado de forma similar ao ponto anterior: a modernização impõe aos funcionários de uma empresa conhecimentos cada vez mais diversos e uma constante insegurança no ambiente de trabalho, em qualquer momento uma pessoa experiente pode ser substituída por uma mão de obra mais barata, caso não prove seu valor.

Idade 2018		Idade 2019	
Até 18 anos	15 (10.95%)	Até 18 anos	15 (7.65%)
19 anos até os 28 anos	83 (60.58%)	19 anos até os 28 anos	122 (62.24%)
29 anos até os 38 anos	30 (21.90%)	29 anos até os 38 anos	44 (22.45%)
39 anos até os 48 anos	5 (3.69%)	39 anos até os 48 anos	14 (7.14%)
49 anos em diante	2 (1.46%)	49 anos em diante	1 (0.51%)

Fonte: Autoras

SOMENTE 2019

Como aludido anteriormente, neste ano o formulário foi enriquecido com informações, o que possibilitou uma análise mais aprofundada e concisa do perfil das mulheres que o grupo ++C&TpM espera trabalhar em conjunto, entre os campos analisados estão a Etnia e a Avaliação e Interesse Pessoal.

Etnia	
Branco	116 (59.18%)
Preto	19 (9.69%)
Amarelo	14 (7.14%)
Pardo	47 (23.98%)

Fonte: Autoras

- A maioria branca segue a normalidade dos parâmetros da Tecnologia brasileira, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), 92% dos funcionários na área de engenharia de equipamento em Computação são brancos;
- Pretos e amarelos são poucos, em consonância com o estudo norte-americano intitulado "Save Our Cities: Powering The Digital Revolution – State of Black America 2018", que demonstra que somente 5.8% dos cargos em tecnologia são ocupados por negros no país em questão.

Em vista disso, o grupo de seleção procurou apurar as inscrições de uma forma que ambas as turmas fossem diversas, procurando desta forma tornar o ambiente de ensino acolhedor e agradável para todas as selecionadas.

Avaliação Pessoal	
1 (Muita dificuldade)	14 (7.14%)
2	17 (8.67%)
3	51 (26.02%)
4	57 (29.08%)
5 (Muita facilidade)	57 (29.08%)

Fonte: Autoras

Outra inovação foi a possibilidade de autoavaliação, o que possibilita uma maior transparência e sinceridade nas inscrições, entretanto, o resultado geral demonstrou que as meninas possuem uma boa capacidade de aprendizado. Além disso, é importante frisar que as aulas também são voltadas para iniciantes no assunto, não impossibilitando que o conhecimento seja adquirido pelas alunas que não possuem prévio domínio da pauta.

Interesse Pessoal	
0 - (não conheço nada sobre programação e sobre lógica de programação, mas tenho vontade de aprender)	61 (31.12%)
1 - (sei o que é lógica de programação mas não sei como aplicá-la)	110 (56.12%)
2 - (sei o que é lógica de programação e já sei programar porém gostaria de aprender Python)	25 (12.76%)

Fonte: Autoras

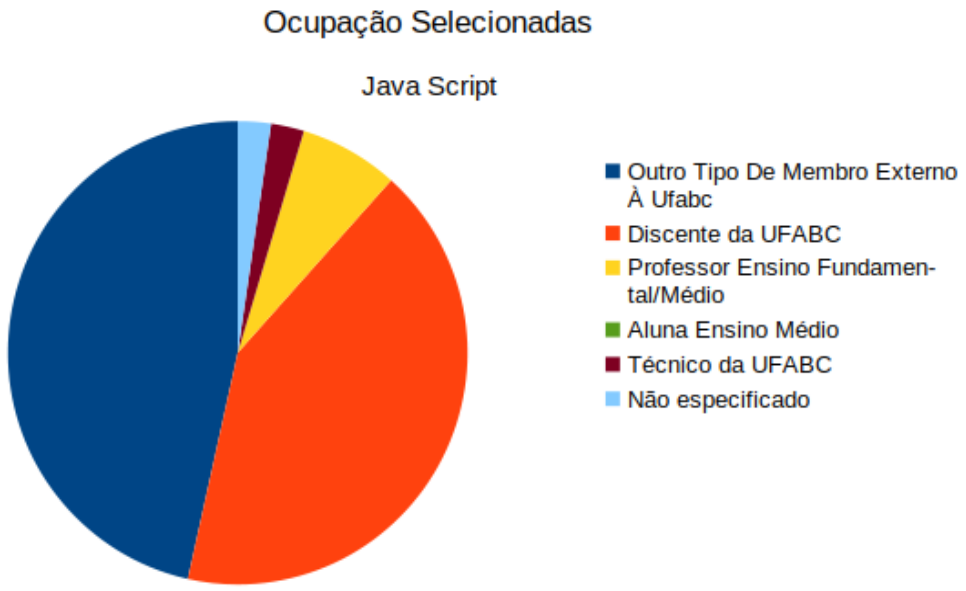
Em concordância com a tabela precedente, vale realçar que todas possuem a competência de aprender e assimilar o conteúdo ministrado nos cursos, o domínio da Lógica de Programação não é requisito para a seleção, mesmo porque a minoria - cerca de 13% - sabe programar, já 87% ou não conhecem sobre programação ou conhecem mas não sabem aplicá-la no cotidiano.

PERFIL DAS SELECIONADAS (2019)

Como supracitado, a seleção das inscritas para ambos os cursos prezaria pela heterogeneidade da turma, procurando assim uma maior troca de vivências, conhecimentos e, por conseguinte, a inclusão de variados perfis socioeconômicos.

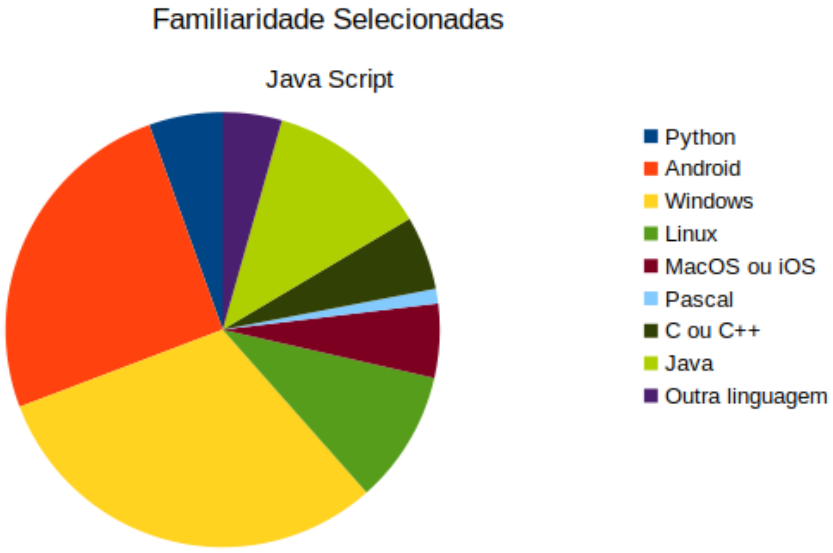
(1) Selecionadas para JavaScript

O seguinte gráfico representa a ocupação das selecionadas para o curso de JavaScript 2019 e, assim como na inscrição, a maioria provém do Público Externo à UFABC (45.51%) ou são discentes da UFABC (41.86%).



Fonte: Autoras

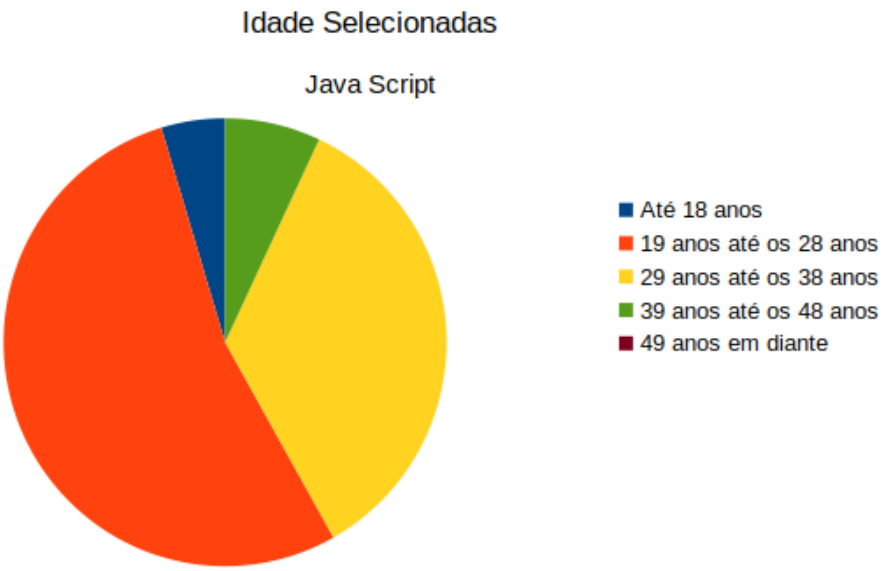
Demonstra-se adiante que o Windows e Android são os Sistemas Operacionais mais conhecidos pelas mulheres, em contrapartida se encontra o Pascal, somente manifestado por uma aluna. É importante salientar que 11 já estão familiarizadas com o Java, procurando assim por uma aprofundação ou enriquecimento de habilidades.



Fonte: Autoras

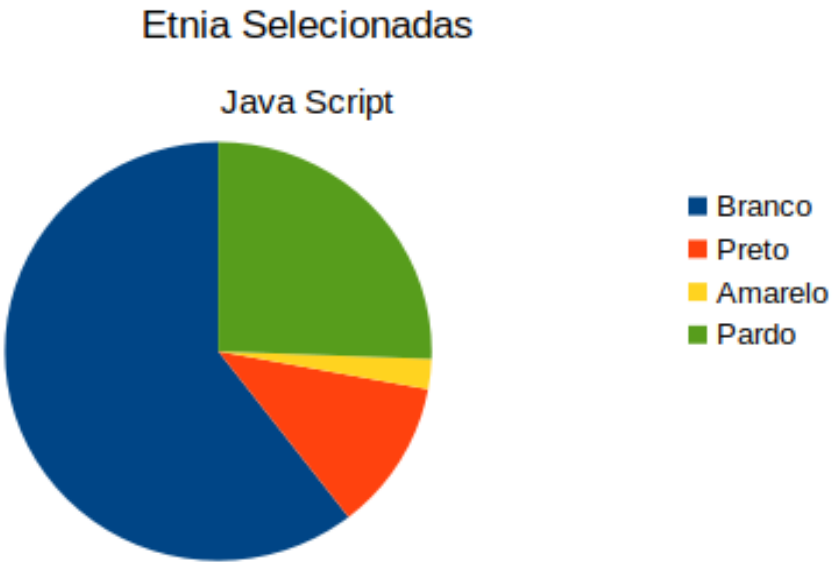
A faixa etária escolhida foi benéfica para as aulas pois, assim como explicado anteriormente, a inomogeneidade era um fator de seleção. Assim, os diferentes dilemas encontrados durante as semanas podem ser solucionados por diversos pontos de vista, contando sempre com a colaboração entre as discentes.

Vale destacar que entre 19 e 28 anos espera-se que os jovens estejam iniciando sua carreira profissional e, partindo do pressuposto que conhecimento é um diferencial, um curso de JavaScript somente tem a acrescentar no currículo das inscritas. Além disso, nenhuma mulher acima dos 49 anos foi selecionada, entretanto não há perdas: somente uma adulta da idade se inscreveu para o Projeto, sendo apurada para o curso de Python, o qual adiante será analisado.



Fonte: Autoras

Em concordância com os dados citados no Perfil das Inscritas do ano de 2019, a maioria continua sendo branca mas, tendo em vista a inscrição de 116 mulheres dessa autodeclaração, evidencia-se uma taxa de exclusão de 77.59%, o que possibilitou o ingresso de etnias tidas como marginalizadas. Assim, de 19 mulheres autodeclaradas pretas, cinco foram escolhidas para integrar a sala e, também, 23.40% do total de pardas que submeteram a matrícula.

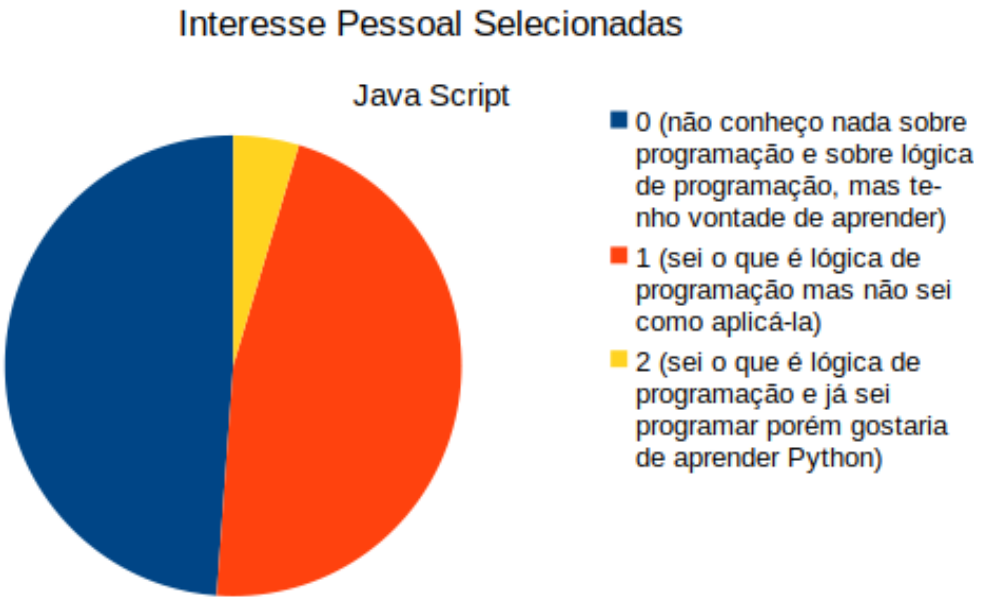


Fonte: Autoras

O objetivo da autoavaliação foi dar à professora um senso de atuação, isto é, a possibilidade de preparar a aula mediante o nível de facilidade das alunas, o que viabiliza o fluxo de matérias e também prepara o docente para possíveis e frequentes dúvidas que o discente pode ter diante de determinado assunto. Pode-se dizer que a preferência por mulheres que contam com um bom entendimento sobre a pauta deve-se ao ritmo e dificuldade dos conceitos ministrados, entretanto as alunas com dificuldades não foram excluídas, pelo contrário, integram cerca de 23% do montante total da turma.

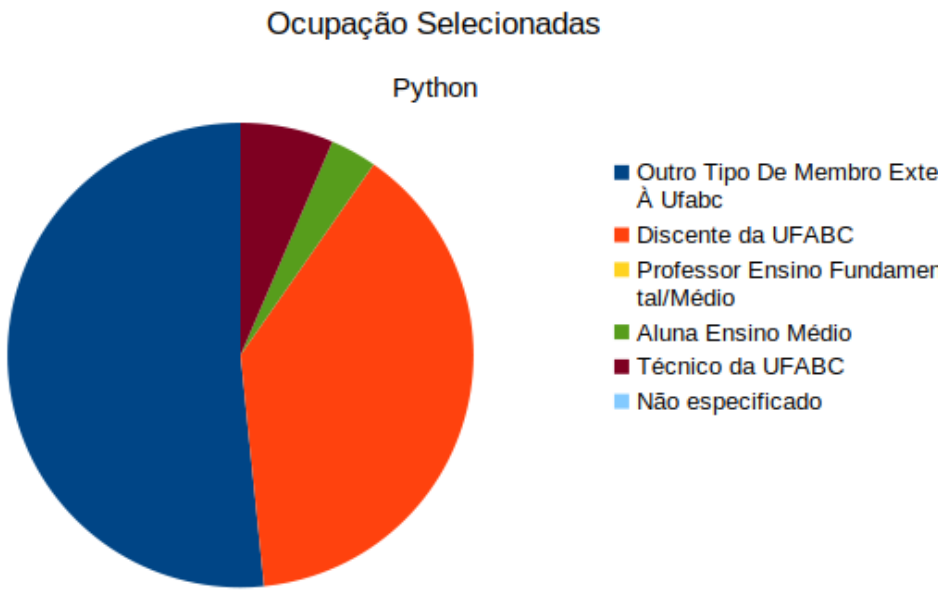
Fonte: Autoras

Optou-se por aquelas alunas que possuíam pouco conhecimento sobre o assunto mas vontade de aprender a aplicá-lo no cotidiano em detrimento daquelas que já sabiam programar mas gostariam de conhecer Python por dois fatores: o primeiro, mais evidente, é a preferência de uma Linguagem de Programação diferente da ensinada na presente classe e o segundo configura-se no atual cenário empregatício brasileiro: o vigente déficit de vagas de trabalho no mercado, situação que impõe ao assalariado que adquira um variado e interdisciplinar conhecimento, ou seja, visando esse impasse, a preferência deu-se pelas menos aparentadas com o conceito de programação.



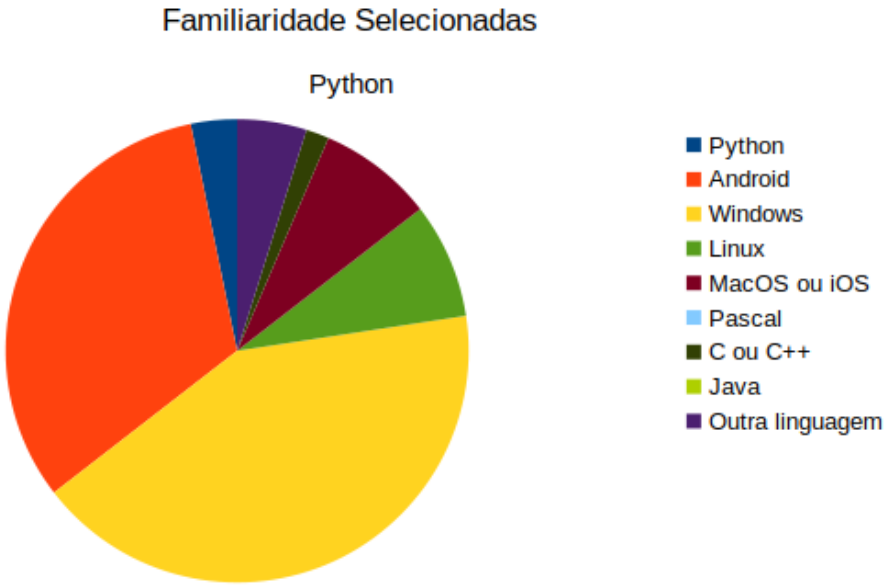
Fonte: Autoras

Assim como em JavaScript, a presença majoritária foi de membros externos à UFABC e discentes desta, entretanto, observa-se a presença de Técnicos da Universidade Federal do ABC, uma nova categoria de ingresso no Minicurso ministrado pelo ++C&TpM.



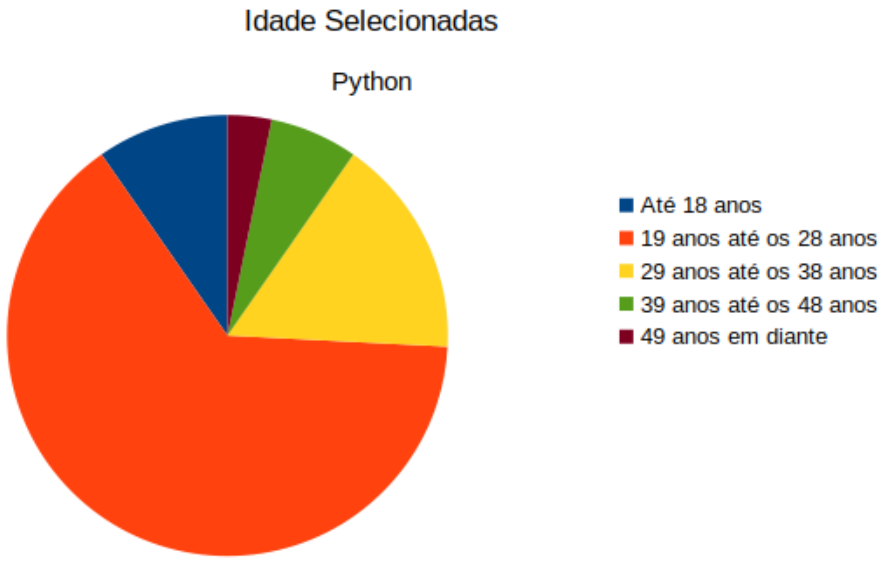
Fonte: Autoras

É válido dizer que as mulheres apuradas para tal modalidade possuem um conhecimento superficial pela área de Computação pois somente duas alunas estão familiarizadas com a linguagem Python, uma com a C/C++ e nenhuma com as de Java ou Pascal. Todavia, o maior domínio se encontra no Windows e Android, Sistemas Operacionais conhecidos e usufruídos pela população brasileira.



Fonte: Autoras

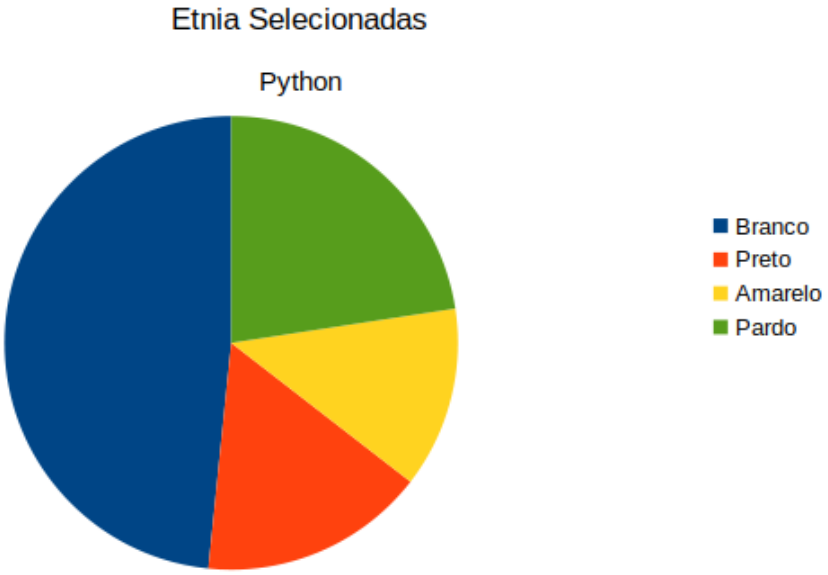
Em consonância com os números obtidos pelo Curso de JavaScript, há um domínio das alunas entre 19 e 28 anos, em suma pela demanda do mercado de trabalho. A aula de Python encontra-se dentro dos parâmetros de diversidade buscados pelo grupo das Mulheres na Computação UFABC, contando com ao menos uma aluna das faixas etárias disponibilizadas no formulário de interesse.



Fonte: Autoras

Constata-se, então, que a combinação das discentes em Python é superior às de JavaScript no sentido de heterogeneidade, tanto pela idade - vista acima - quanto pelo perfil étnico analisado posteriormente.

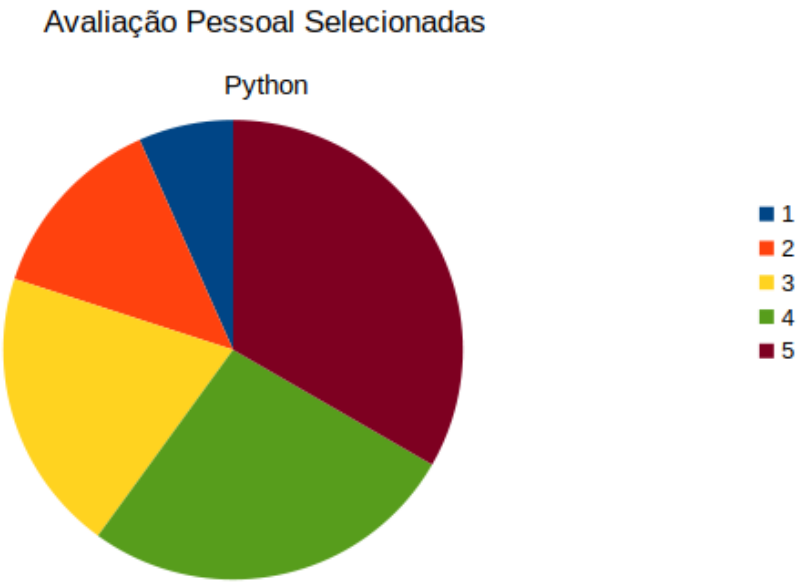
Evidencia-se um decréscimo de 12.07% da massa branca e um aumento de 10.58% de amarelas, assim, observa-se uma maior representatividade dos grupos dito antes como marginalizados.



Fonte: Autoras

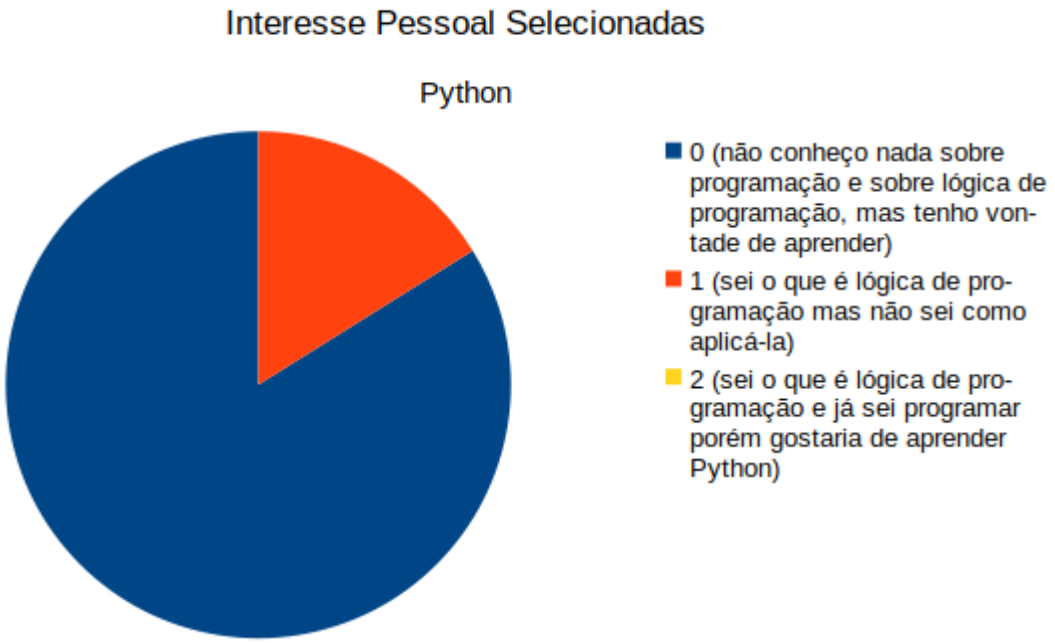
Neste âmbito a apuração deu-se de forma semelhante ao minicurso de JavaScript, identificando uma predileção por aquelas mais relacionadas com a programação e as razões para tal

são as mesmas supracitadas, em resumo a maior aptidão em trabalhar com fluidez e dinamismo por partes das docentes, mas sem nunca excluir as alunas com muita dificuldade no assunto pois são as que mais precisam de atendimento e didática.



Fonte: Autoras

Por fim, o último tópico analisado foi o Interesse Pessoal, que contrastou positivamente com os dados anteriores: cerca de 83.87% das elegidas para o Python têm a oferecer ao curso o mais essencial e talvez único requisito para estudar - o desejo de aprender.



Fonte: Autoras

SOARES, Iarema. Como a ausência de negros trabalhando em tecnologia impacta os produtos criados para facilitar nosso dia a dia. **Ciência e Tecnologia**, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/04/como-a-ausencia-de-negros-trabalhando-em-tecnologia-impacta-os-produtos-criados-para-facilitar-nosso-dia-a-dia-cju32g40e00x001nvv1495xmq.html>. Acesso em: 04, Set. 2019.

UNESCO. **Decifrar o código:** educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/singleview/news/portuguese_version_of_cracking_the_code_girls_and_womens >.

SILVEIRA, E. **Como as mulheres passaram de maioria a raridade nos cursos de informática.** BBC Brasil, São Paulo, 13 Abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592581 >.

CAFÉ DA TARDE COM BIOQUÍMICA: DISCUTINDO QUESTÕES ALIMENTARES ATUAIS NUM CURSO DE EXTENSÃO.

Autor
Paulo de Avila Junior

RESUMO

No Brasil, a porcentagem da população com sobrepeso e obesidade tem aumentado em todas as faixas etárias e níveis de renda. Propostas de extensão universitárias podem ser excelentes oportunidades para a divulgação científica e espaços para discussões envolvendo conhecimentos e práticas científicas. Nesse sentido, foi oferecido um curso destinado à população em geral, com o objetivo de discutir questões alimentares atuais e proporcionar aprendizagens de conceitos bioquímicos em contextos relacionados à educação alimentar. 25 participantes concluíram o curso e, considerando os resultados obtidos, conclui-se que houve grande sucesso no alcance aos objetivos propostos.

Palavras-chave: *ensino de bioquímica, educação alimentar, alfabetização científica.*

INTRODUÇÃO

Hábitos alimentares cuja ingestão energética ultrapasse os limites diários recomendados, nem sempre acompanhada pela ideal ingestão de macronutrientes e micronutrientes, podem resultar em diversos fatores de risco à saúde, como a desnutrição e a obesidade. No Brasil, a porcentagem da população com sobrepeso e obesidade tem aumentado em todas as faixas etárias, em ambos os sexos e em todos os níveis de renda (DIAS et al, 2017).

Considerando o aumento exponencial da produção e divulgação de conhecimentos, a ampliação do acesso às informações e criação de novos meios de comunicação, são divulgadas diversas informações a respeito do consumo e uso de alimentos para diferentes finalidades. Por outro lado, o *YouTube*[1] pode ser considerado uma plataforma influenciadora na tomada de decisão de diversas pessoas, não necessariamente envolvendo conhecimentos aceitos pela comunidade científica.

Embora a química possa estimular a ampliação dos horizontes culturais e a autonomia no exercício da cidadania (SÃO PAULO, 2011), em diversos artigos são relatadas dificuldades na aprendizagem de seus conteúdos e compreensão da importância do seu estudo (CARDOSO e COLINVAUX, 2000; NERY, LIEGEL e FERNANDEZ, 2007).

Nesse sentido, propostas de extensão universitárias podem se tornar excelentes oportunidades para a divulgação científica e espaços para discussões com a população envolvendo conhecimentos e práticas científicas, contextualizados com a educação alimentar, valorizando-se a

alfabetização científica e tecnológica. Para Cañas e Braibante (2019), embora diversas sejam as possibilidades de contextualizar a alimentação com o ensino de química, o estudo de conteúdos de bioquímica e biologia também podem ser contextualizados com os alimentos, por exemplo, os funcionais. Vale ressaltar que a preocupação com a saúde, educação alimentar e a familiarização dos estudantes com os conhecimentos científicos, tecnológicos e sociais relacionados à produção dos alimentos são encontradas em diferentes documentos oficiais, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) (figura 1).

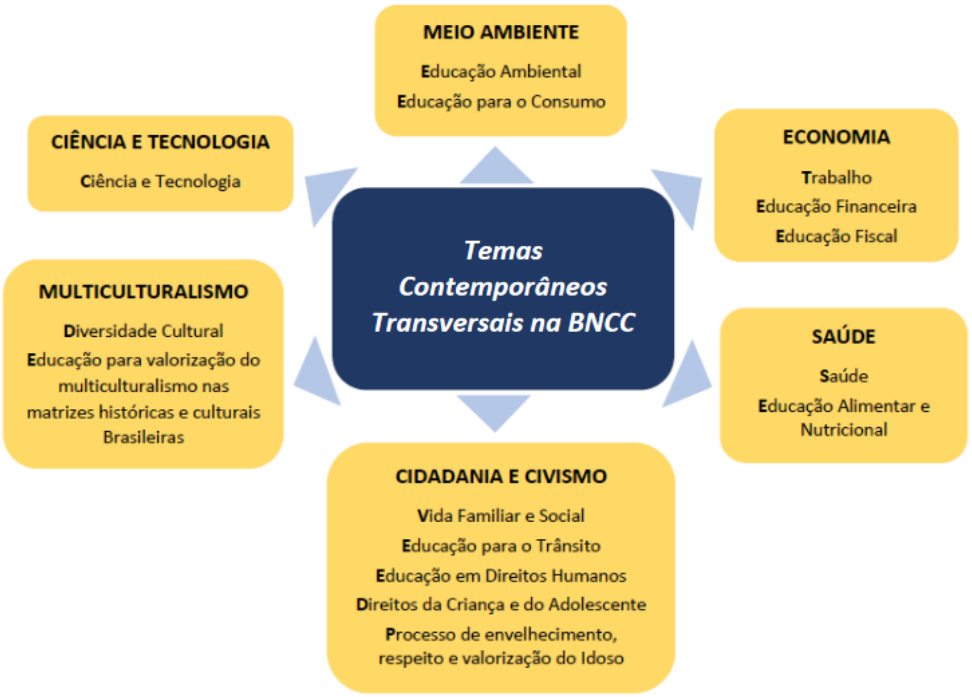


Figura 1[2]: Temas contemporâneos transversais na BNCC.

Com isso, foi oferecido em 2019 um curso de extensão presencial de 12h, divulgado com o uso do cartaz elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFABC (figura 2), destinado à população em geral, com o objetivo de discutir questões alimentares atuais, proporcionar aprendizagens significativas de conceitos bioquímicos em contextos relacionados à educação alimentar e aprimorar a familiarização dos participantes com a educação científica. Respeitando as idiossincrasias dos participantes e por meio da familiarização destes com a cultura e as práticas científicas, foram realizadas discussões por meio de aulas expositivas dialogadas com o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação.

Foram oferecidas 40 vagas, das quais 36 foram preenchidas e destas 25 participantes concluíram o curso. Por meio de um questionário aplicado no início do curso, foram identificados, por exemplo, hábitos de leituras de informações nutricionais e quais questões alimentares seriam de interesse para discussão. Todos os participantes (n=36) responderam ao questionário e concordaram voluntariamente em participar da pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus. Dos participantes, 1 cursava o ensino médio, 20 o ensino superior e 3 pós-graduação; e 5 tinham o ensino médio completo e 7 o ensino superior. Destes, 24 (67%) informaram ler as informações nutricionais e 35 (97%) aprender por meio de acesso à internet, por exemplo, através de vídeos e cana-

disponíveis no YouTube.

Figura 2: Cartaz de divulgação do curso de extensão elaborado pela PROEC.

Através do estímulo à reflexão sobre a alimentação e aprimoramentos no uso de conhecimentos químicos, os participantes puderam discutir e rever seus conhecimentos e hábitos alimentares por meio das vivências. A seguir são apresentados exemplos de tópicos trabalhados no curso com vistas a focar nas quantidades e frequência de ingestão de alimentos e estimular a familiarização com a busca das informações nutricionais.

A partir da visualização de parte da animação Convivendo com o diabetes - Pfizer[3] (figura 3) e uma reportagem[4] veiculada num canal de grande audiência foram discutidas as informações nutricionais de alguns alimentos: lanche (pão, salsicha, mostarda, ketchup e batata palha),

[3] Disponível na internet:http://www.youtube.com/watch?v=Ot3b1aM7ZCU (acesso em 01/02/20).
[4]Disponível na internet: http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/07/alimentos-com-baixo-indice-glicemico-sao-bons-aliados-para-emagrecer.html (acesso em 01/02/20).

refrigerante zero caloria, chocolates, frutas e seus respectivos sucos: carambola (conhecendo também sobre a caramboxina) e de melancia (possibilitando explorar a diferença entre índice glicêmico e carga glicêmica).

Figura 3[3]: Print da tela da animação Convivendo com o diabetes – Pfizer.

Além disso, para se ter noção visual, foi calculado o número de sachês de sal de cozinha necessários para se alcançar a quantidade de sódio presente numa dada salsicha. Foram discutidas a intolerância à lactose e sua diferença com alergias às proteínas presentes no leite e alternativas à sua ingestão, fenilcetonúria, glúten, colesterol e porque seria tão prazerosa a "viciante" a ingestão de alguns alimentos doces. Foram estudados alguns sentidos que podem influenciar nas escolhas alimentares (olfato, visão e paladar) assim como o uso destes na identificação de alterações de cor, sabor e aroma num alimento e, consequentemente, na avaliação de sua qualidade. Houve breves discussões envolvendo organismos geneticamente modificados e a microbiota intestinal e, com isso, exploradas as questões de interesse do grupo. Na tabela 1 são apresentadas as percepções dos concluintes e dois depoimentos espontâneos representativos escritos na auto-avaliação realizada no final do curso.

"Foi muito importante aprender mais sobre a composição dos alimentos e informações nutricionais que com certeza irei levar a diante e orientar também meus familiares".

"Apoio um Café da tarde com bioquímica – parte 2! Nele aprofundar mais os assuntos já abordados. O curso atingiu totalmente minhas expectativas, amei!".

CONCORDO FORTEMENTE (CF); CONCORDO (C); INDIFERENTE (I); DISCORDO (D); DISCORDO FORTEMENTE (DF)					
n=25	**CF**	**C**	**I**	**D**	**DF**
Meus conhecimentos sobre alimentação foram aprimorados.	18	7	-	-	-
Meus conhecimentos da bioquímica dos alimentos foram aprimorados.	18	5	1	-	1
Participar do curso de extensão aumentou a minha procura por informações nutricionais presentes nas embalagens de alimentos.	17	6	2	-	-
Percebi influência das discussões realizadas durante o curso de extensão nas minhas escolhas alimentares.	8	11	5	1	-
Fiquei mais crítico(a) quanto à interpretação de informações relacionadas à alimentação divulgadas pela mídia e/ou por meio da internet.	13	8	4	-	-

Tabela 1: Percepção dos concluintes em relação à vivência no curso de extensão.

Considerando a percepção do professor e dos resultados obtidos, conclui-se que houve grande sucesso no alcance aos objetivos propostos.

Pensando em novos oferecimentos e, nesse sentido, atrair mais participantes externos e ter todas as vagas preenchidas, a divulgação poderia ser complementada com o uso de vídeos curta metragem produzidos a este fim, assim como práticas experimentais em laboratório poderiam ser incluídas. Além disso, o curso poderia ser planejado na modalidade de ensino semipresencial ou não presencial.

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), à Universidade Federal do ABC e ao Centro de Ciências Naturais e Humanas.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular, 2018.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf (acesso em 1/2/20).

CAÑAS, G.J.S.; BRAIBANTE, M.E.F. **A química dos alimentos funcionais.** Química Nova na Escola, v.41, n.3, p.216-223, 2019.

CARDOSO, S.P; COLINVAUX, D. **Explorando a motivação para estudar química.** Química Nova, v.2, n.32, p.401-404, 2000.

DIAS, P.C.; HENRIQUES, P.; ANJOS, L.A.; BURLANDY, L. **Obesidade e políticas públicas:** concepções e estratégias adotadas pelo governo brasileiro. Cadernos de Saúde Pública, n.33, v.7, p.1-12, 2017.

NERY, A.L.P.; LIEGEL, R.M.; FERNANDEZ, C. **Um olhar crítico sobre o uso de algoritmos no ensino de química no ensino médio:** a compreensão das transformações e representações das equações químicas. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciências, v.6, n.3, p.587-600, 2007.

SÃO PAULO (Estado) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Currículo do Estado de São Paulo:** ciências da natureza e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Luis Carlos de Menezes – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 152p., 2011.

CINEMA E COMUNIDADE: CURTA-METRAGEM NA ONG MUSICARTE

Autores
Amanda Rodrigues de Almeida (FA, UENP-G/CCP)
Thiago Alves Valente (Coordenador, UENP/CCP)
Diná Tereza de Brito (Orientadora, UENP/CCP)

RESUMO

Este relato de experiência tem como intuito apresentar os resultados finais de um projeto efetivado por intermédio do Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária (PIBEX) realizado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), no Campus Cornélio Procópio, Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA), em parceria com a ONG Musicarte que também se localiza na cidade de Cornélio Procópio, Paraná. O projeto em questão se intitula "Cinema e Comunidade: curta-metragem na ONG Musicarte" e visava promover o cinema e a cultura cinematográfica na região de Cornélio Procópio, tendo em vista a escassez de projetos culturais promovidos na cidade e na região. Para tanto, recorremos aos estudos de autores como J. D. Andrew (1989), Jullier e Marie (2009), Barbosa e Pinazza (2010), Menezes e Cazarin (2016).

Palavras-chave: *Curta-metragem; ONG Musicarte; Projeto de extensão; Cultura*.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão intitulado "Cinema e Comunidade: Curta-metragem na ONG Musicarte", visou promover o cinema e incentivar a cultura cinematográfica na região da cidade de Cornélio Procópio, tendo em vista a escassez de projetos que promovam cultura na cidade e na região. Em decorrência deste aspecto, nós, estudantes e docentes atuantes do Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA/UENP-CCP), tínhamos como intenção aproximar o público daquela que é chamada de "a sétima arte", compreendendo que, a partir do produto fílmico, é possível contribuir para a formação do indivíduo fazendo com que esse possa se tornar um cidadão crítico sob uma perspectiva sociocultural e sociocomunicacional.

A Organização Não Governamental (ONG) Musicarte, com a qual atuamos, se situa na cidade de Cornélio Procópio, no Norte do Paraná, foi fundada em 1993 com a intenção de fomentar um público apreciador de artes, bem como estimular a prática artística por meio da oferta de palestras e cursos que abrangiam todas as áreas da cultura. Nos dias atuais, a ONG ainda continua atendendo ao público de 3 a 20 anos e ofertando ballet, que ocorre duas vezes por semana, além de aulas de teatro, capoeira, francês e violão que ocorrem uma vez por semana. Apesar de algumas dificuldades financeiras e estruturais, a associação ainda busca incentivar e apoiar a cultura na cidade e na região, ofertando projetos gratuitos que colaborem com isso. Cabe destacar também que a ONG funciona no período vespertino de segunda a sexta

para atendimento da comunidade.

Para o embasamento teórico deste projeto buscamos discussões teóricas que detêm o cinema e o filme como objetos de pesquisa: As principais teorias do cinema, de J. D. Andrew (1989); Lendo as imagens do cinema, de Jullier e Marie (2009); Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação, de Barbosa e Pinazza (2010); O cinema mudo e a crítica social: uma análise discursiva do filme Luzes da Cidade, de Menezes e Cazarin (2016), entre outros.

Para início das atividades, buscamos organizar nossa frequência na ONG como forma de realizar um levantamento de campo, na qual conheceríamos o espaço, o público da ONG, os projetos do local, os pais que acompanhavam os participantes dos demais projetos ofertados pela Organização, entre outras coisas. Para isso, buscávamos frequentar semanalmente as aulas de ballet (um dos projetos fundadores ainda desenvolvidos na ONG Musicarte) e assim levantar informações sobre o contexto em que atuaríamos.

Posteriormente, com o levantamento do contexto, buscamos selecionar curtas-metragens que abordassem temas cotidianos e que estivessem próximos ao interesse e à realidade de cada um deles. Após um semestre de contato com o local, partiu-se para a seleção de filmes que seriam trabalhados com o público da ONG. Para isso, foram necessárias diversas reuniões entre os atuantes da Universidade e os atuantes da ONG Musicarte, para que pudéssemos organizar datas e formato das exibições. Optamos, então, por organizar sessões por faixa etária, tendo em vista que cada público possuía um interesse frente a conteúdos distintos:

- Para o público de 3 a 11 anos, seriam apresentados curtas-metragens de animação, tendo em vista que esses satisfaziam o interesse do público em questão e também porque, segundo Soares (2017), os desenhos animados influenciam as crianças por intermédio dos diversos temas que esses podem apresentar. Sendo assim, para essa faixa etária escolhemos apresentar os curtas: O Cão e o Pássaro em: a mão do Faraó (2017); O Ladrão, o Esquilo e o Rato (2017); A Mosca e o Maestro: luta pelo amor (2017); Amigos de Longa Data: a Vovózinha e o robô antigo (2017); Um lar para meus amigos (2018) e Kitbull (2019). Nesse momento, por serem crianças, foi aberta uma discussão apenas para saber se haviam gostado dos curtas exibidos; o que mais tinha chamado atenção; quais eram os personagens e a história que estava sendo contada nos filmes de curta-duração; e de qual mais haviam gostado para que pudéssemos reprisar.

- Para os maiores (público de 12 a 20 anos), buscamos selecionar curtas-metragens que abordassemm questões que eles estariam vivenciando no momento, no caso, próprias da adolescência. Por isso foram selecionados curtas que gerassem uma discussão em que eles pudessem contar suas experiências e dividir suas opiniões e interpretações daquilo que havia sido selecionado. Para esses foram selecionados os seguintes filmes de curta duração: Destino (2003), Rua das Tulipas (2007); Vida Maria (2007); Em busca do corpo perfeito (2010); Reflexão: as aparências enganam (2016); A grande captura (2018). Em torno desses filmes, abrimos o diálogo para as temáticas abordadas como amor próprio, pré-julgamentos, busca pelo corpo "perfeito", entre outras coisas, em que o público que ali estava se sentiu confortável para falar sobre suas dificuldades de aceitação pessoal, sobre a dificuldade de se encaixar nos padrões, entre outras angústias da adolescência. Além disso, entre esses assuntos discutidos, após a exibição do curta Reflexão: as aparências enganam, um dos alunos se sentiu na necessidade de

falar sobre as dificuldades de ser negro (havia dois negros no grupo).

Por fim, vale ressaltar que além do principal intuito do projeto, no caso a exibição de curtas-metragens ao público que frequenta a ONG Musicarte, também tivemos presente em participações e organizações de evento na instituição e na Universidade:

- a ONG Musicarte participou de um evento alusivo ao dia das crianças, juntamente com alguns parceiros seus e incluiu-se na programação cultural a exibição de 3 curtas-metragens na sala de cinema, palco deste projeto. Estes curtas eram: BearStory (2014), dirigido por Gabriel Osorio; Flight, o pinguim que sonhava em voar (2017); e Menina bonita do laço de fita (2015), dirigido por Diego Lopes e Claudio Bittencourt.

- aproveitou-se a Semana de Consciência Negra para que realizássemos uma mesa redonda após a exibição de um curta-metragem intitulado "Vista minha pele" (2008), dirigido por Joel Zito Araújo, com a pauta "Consciência Negra", moderada por professores da Universidade Estadual do Norte do Paraná e o líder do Movimento Negro da cidade. Nesse evento foi colocado em pauta um assunto relevante para o público em geral: o racismo. Para isso, a mesa era composta por dois professores da UENP e pelo Presidente do Movimento Negro da cidade, abordando a situação exposta no curta-metragem em questão. A mesa redonda foi encerrada com uma apresentação cultural de um grupo de samba da cidade de Cornélio Procópio.

Por fim, é perceptível que nesse projeto de imersão que nos é dado, o envolvimento da comunidade e a difícil situação financeira vivida pela ONG são fatos que nos preocupam, tendo em vista que um necessita do outro para que seja realizado um bom trabalho. No entanto, apesar da grande dificuldade, a ONG ainda se mantém de portas abertas para receber crianças e jovens de toda a comunidade, a fim de que estas se relacionem com a arte e com a cultura, formando assim cidadãos críticos sob o viés sociocultural.

Acreditamos que a importância de ter contato com a arte vem de nosso cotidiano. Tudo o que vemos pode ser resumido em arte, desde o amanhecer até os prédios das grandes cidades. A arte é muito mais que aquilo que o visível: ela trabalha com a individualidade e com os sentimentos de cada indivíduo, tornando com que o contato com a arte seja uma sensação única vivida na vida. É de direito do ser humano que ele esteja em contato com a arte, e esse foi o motivo do projeto apresentado nesse trabalho, assim como também é o objetivo do trabalho da ONG: levar a arte e a cultura aos cidadãos e, no caso de nosso projeto, a arte e a cultura cinematográfica para todos.

ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1989.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite & PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Modos de Narrar a Vida:** Cinema, Fotografia, Literatura e Educação. [Coleção Artes de viver, conhecer e formar]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **As ferramentas de análise fílmica.** In: _____. Lendo as imagens do cinema. Trad. Magda Lopes. São Paulo: SENAC, 2009. p. 19-71.

MENEZES, Eduardo Silveira de; CAZARIN, Ercília Ana. **O cinema mudo e a crítica social uma análise discursiva do filme Luzes da Cidade.** Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 309-322

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO "CURSO CONSERVAÇÃO AMBIENTAL PARTICIPATIVA NAS ESCOLAS 2019" (PROEC-UFABC)

Autores
Natalia Pirani Ghilardi-Lopes
Giovanna Brito Lins
Juliana Aliano Bloch
Larissa de Araújo Kawabe
Amanda Porto do Nascimento
Rebeca Venâncio;
Lillian Silva Assunpção
Tainara Vasconcelos Ramim
Gesrael Silva de Lima

RESUMO

A ciência cidadã permite trabalhar a educação científica e ambiental nas escolas, aproximando os estudantes do processo científico, fazendo-os pensar em perguntas científicas e ajudando-os a respondê-las. Dentro deste contexto, a proposta de extensão "Conservação ambiental participativa nas escolas" (PROEC-UFABC) teve como objetivos a formação continuada de professores da educação básica e a inserção da ciência cidadã para a conservação ambiental em suas práticas escolares. Durante o curso, foram trabalhados temas relativos à conservação ambiental, à educação científica e como a comunidade escolar pode ser inserida neste processo. Além disso, os professores foram capacitados em protocolos específicos de ciência cidadã desenvolvidos na UFABC (disponíveis em professor.ufabc.edu.br/~natalia.lopes/cienciacidada) e puderam desenvolver seus próprios protocolos com base em suas realidades. Participaram do curso 17 professores da educação básica, os quais levaram os protocolos de ciência cidadã para 14 escolas de 8 municípios, atingindo cerca de 420 estudantes e contribuindo para a alfabetização científica dos mesmos.

Palavras-chave: *ciência cidadã; conservação ambiental; sustentabilidade; ensino de ciências*

INTRODUÇÃO

Segundo a UNESCO (2005), continuar aceitando que grande parte da população não receba formação científica de qualidade apenas agravará as desigualdades sociais e o atraso dos países em um mundo globalizado. Neste contexto é que se insere a "Ciência Cidadã", uma abordagem que envolve o público em pesquisas científicas (BONNEY et al., 2009). Esse envolvimento pode ser por meio da coleta, análise e/ou interpretação de dados ou, ainda, na proposição de perguntas científicas que sejam do interesse dos cidadãos. Neste processo, ao mesmo tempo em que contribuem com pesquisas, os cidadãos também ganham formação científica, o que torna a ciência cidadã bastante interessante para o ambiente escolar.

Em 2019, propôs-se um curso de extensão intitulado "Conservação ambiental participativa nas escolas", o qual será relatado aqui e possuía os seguintes objetivos: 1) a formação continuada de professores da educação básica; 2) a inserção da ciência cidadã para a conservação ambiental em suas práticas escolares visando à alfabetização científica de seus estudantes nas escolas.

METODOLOGIA

O curso (aprovado no edital PROEC UFABC 17/2018 – PAEE 2019) ocorreu entre 10 de agosto e 05 de outubro de 2019 e contou com quatro encontros presenciais de oito horas cada (aos sábados) e 64 horas de atividades dos professores em suas respectivas escolas.

No primeiro encontro (10/08/2019), os participantes foram introduzidos ao termo "Ciência cidadã" (participação pública no *fazer ciência*) e suas diferentes modalidades (co-criada, colaborativa e contributória, *sensu* WIGGINS e CROWSTON, 2011). Em seguida, foram apresentados aos protocolos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa em ciência cidadã da UFABC, disponíveis em professor.ufabc.edu.br/~natalia.lopes/cienciacidada (Fig. 01), e puderam escolher um protocolo para aplicação em suas escolas. Os materiais de apoio de cada protocolo foram distribuídos nesse dia para que os professores pudessem se familiarizar com os mesmos durante a semana seguinte.

Figura 01: Apresentação a) do curso (N. Ghilardi-Lopes); e dos protocolos b) "Pintando uma cidade melhor" (L. Assunpção); c) "O que as árvores nos trazem de bom?" (T. Ramim) e c) "Biomonitoramento de praias" (R. Venâncio) (Próprios autores, 2019).

No segundo encontro (17/08/2019), os protocolos de ciência cidadã foram simulados em campo e na sala de informática (Fig. 02). Os professores puderam entender melhor os objetivos e procedimentos de coleta e análise de dados de cada protocolo, responderam aos questioná-

rios de avaliação prévios e posteriores de cada um deles e puderam discutir possibilidades e dificuldades encontradas. Ao final deste dia foi solicitado que eles escolhessem um protocolo de ciência cidadã para ser aplicado em suas escolas.

No terceiro encontro (21/09/2019), após uma aula teórica sobre método científico, construção de hipóteses e outra aula sobre o conceito complexo de sustentabilidade, os professores puderam realizar um exercício de construção de um protocolo de ciência cidadã, seguindo os passos para a construção de protocolos baseado em Bonney et al. (2009)

Figura 02: Simulação dos protocolos em campo. a) Reunião para explicação geral sobre os protocolos; b) Realização de medições para o protocolo "O que as árvores nos trazem de bom?" e c) Análise de imagens do protocolo "Monitore Tupinambás" em sala de informática (Próprios autores, 2019).

No último encontro (05/10/2019), os professores, em duplas, apresentaram as suas experiências nas escolas na forma de painéis (Fig. 03) e puderam discutir os desafios e possibilidades da ciência cidadã para a educação ambiental e científica em ambiente escolar.

Figura 03: a-e) Apresentação dos protocolos aplicados pelos professores nas escolas (Próprios autores, 2019).

RESULTADOS ALCANÇADOS (QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS)

O curso contribuiu com a formação de 17 professores da educação básica, os quais produziram projetos que foram aplicados em 14 escolas de 8 municípios (Tabela 1), atingindo aproximadamente 420 estudantes da educação básica.

Dois protocolos inéditos de ciência cidadã (um sobre lixo eletrônico e outro sobre educação alimentar) foram propostos no terceiro encontro do curso e os professores resolveram aplicá-los em suas escolas. Consideramos que este tenha sido um resultado importante do curso, pois permitiu que os próprios professores, a partir dos conhecimentos teóricos adquiridos no curso, construíssem seus próprios protocolos de ciência cidadã, adequados às realidades de suas escolas.

Um resultado também bastante positivo foi a demonstração de interesse, por parte de três professoras após participarem do curso, em ingressar no mestrado em Ensino e História das Ciências e da Matemática na UFABC.

Tabela 01 - Relação dos grupos, seus respectivos trabalhos, escolas e municípios alcançados.

Equipe de professores	Título do projeto	Escolas envolvidas	Municípios das escolas envolvidas
Elisabete Roca, Paola Sandoval e Vânia Martins	"Aplicação do Protocolo Pintando uma Cidade Melhor"	E.E Luiza Collaço Queiroz Fonseca e Escola Laurent Clerc	São Bernardo do Campo e Antofagasta (Chile)
Keila Molgora e Lucinete de Sá	"Aplicação do guia para atração e identificação de aves urbanas dos municípios de Mauá e SBC"	EMEB Professor Pedro Augusto Gomes Cardim e EE Professora Irene da SIlva Costa	São Bernardo do Campo e Mauá
Rodrigo dos Santos e Yara Bueno	"Nossas poderosas parceiras na Escola: Árvores e seus serviços ecossistêmicos"	E.E João de Melo Macedo e E.E PEI José Geraldo Vieira	Diadema e Osasco
Janaína Dutra e Márcia Venzel	"Resíduos Sólidos junto a alunos de Fundamental I e II de duas escolas públicas de SP"	EMEF Padre Gregório Westrupp e EMEF Dom Benedito Paulo Alves de Sousa	São Paulo e São Caetano do Sul
Jussara Almeida e Flávia Marques	"Aplicação de um Protocolo de Ciência Cidadã com o tema "Educação Alimentar"	EMEF Dom Benedito e EMEB Prefeito Aldino Pinotti	São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo
Ana Paula Plaza e Viviane Mata	"A percepção dos educandos em relação aos Resíduos Sólidos"	E.E. Professora Emília Crem dos Santos	Mauá
Alexandre Alves e Ângelo Bevilacqua	"Recicle, Renove!" para alunos do EMEF Amador Aguiar"	EMEF Amador Aguiar	Barueri
Gina Adélia	"Percepção das crianças com relação aos resíduos - Liceu Jardim"	Colégio Liceu Jardim	Santo André
Sara Lopes	"Aplicação de um Protocolo de Ciência Cidadã com o Tema "Resíduos Sólidos" junto a alunos da EMEF Fazenda da Juta na Cidade de SP"	EMEF Fazenda da Juta	São Paulo

(Próprios autores, 2019)

Resultados de aprendizagem foram relatados pelos professores em seus painéis (Tabela 02), em especial, a aprendizagem de conceitos (p.ex. reciclagem, lixo eletrônico, descarte de resíduos, coleta seletiva, desperdício alimentar), de habilidades (p.ex. observação, realização de medições em campo, construção de materiais para coleta de dados) e até mudanças comportamentais (p.ex. realização de separação de lixo e cuidado com a quantidade de alimentos colocada no prato na hora da refeição). Esses ganhos são geralmente relatados na literatura como sendo resultados possíveis de atividades de ciência cidadã (ex. Peter et al., 2019)

Tabela 02 – Relação dos grupos, títulos dos projetos e principais resultados relatados pelos professores em relação à aplicação dos protocolos em suas escolas.

Equipe de professores	Título do projeto	Principais resultados
Elisabete Roca, Paola Sandoval e Vânia Martins	"Aplicação do Protocolo Pintando uma Cidade Melhor"	Aumento na porcentagem de estudantes que entendiam o conceito de reciclagem (de 42% antes da aplicação do protocolo para 60% após a aplicação)
Keila Molgora e Lucinete de Sá	"Aplicação do guia para atração e identificação de aves urbanas dos municípios de Mauá e SBC"	Os atratores de aves foram instalados em árvores próximas às escolas e permaneceram durante duas semanas. Foram observadas espécies de aves de ocorrência comum no estado de São Paulo, sendo 7 espécies em Mauá e 5 em São Bernardo do Campo. Bem-te-vi, João-de-barro e Beija-flor foram observados em ambos os municípios. As crianças demonstraram interesse em saber identificar as espécies de aves pelos seus nomes (ao invés de denominarem as espécies genericamente de "passarinhos"). Com isso, passaram a observar mais as características das aves e também as árvores no seu entorno. Consideramos que esse tenha sido um grande ganho desse protocolo, relacionado a uma habilidade esperada nas ciências biológicas, que é a de **observação**.

Rodrigo dos Santos e Yara Bueno	"Nossas poderosas parceiras na Escola: Árvores e seus serviços ecossistêmicos"	Treze estudantes participaram da aplicação do protocolo no entorno da escola. Eles fizeram o diagnóstico da vegetação local e executaram as medições nas árvores em campo. Na sala de aula, fizeram os cálculos dos serviços ecossistêmicos e discutiram os resultados obtidos, indicando um processo de construção coletiva de conhecimento e de compartilhamento de aprendizagens.
Janaína Dutra e Márcia Venzel	"Resíduos Sólidos junto a alunos de Fundamental I e II de duas escolas públicas de SP"	30 estudantes participaram das atividades. Antes da aplicação do protocolo, todos os estudantes desenharam o entorno da escola sem a presença de resíduos sólidos e todos eles entendiam reciclagem como sendo a separação do lixo nas lixeiras de cores diferentes. Ao final da aplicação do protocolo de coleta e pesagem de resíduos sólidos, 73% dos estudantes representaram resíduos em seus desenhos, indicando aumento da percepção em relação a este tema.
Jussara Almeida e Flávia Marques	"Aplicação de um Protocolo de Ciência Cidadã com o tema "Educação Alimentar"	O protocolo foi aplicado em uma turma do 5º ano. O protocolo visava o levantamento de dados sobre o desperdício de alimentos durante as refeições na escola. Após a pesagem dos alimentos desperdiçados, as professoras notaram uma mudança no comportamento dos estudantes, que passaram a se preocupar mais com a quantidade de alimentos que colocavam em seus pratos para evitarem o desperdício.
Ana Paula Plaza e Viviane Mata	"A percepção dos educandos em relação aos Resíduos Sólidos"	Participação de 80 alunos do 6º ano e de 40 alunos do 7º ano nas atividades. Aumento na percepção dos estudantes em relação a presença de resíduos sólidos no entorno da escola (antes da aplicação do protocolo 35% dos estudantes desenharam resíduos no entorno da escola e após a aplicação, 100% deles desenharam, indicando que a atividade impactou a percepção dos mesmos). Houve mudança de comportamento dos estudantes também, pois os funcionários da limpeza da escola relataram ter havido uma diminuição do descarte indevido de resíduos na hora do intervalo.

Alexandre Alves e Ângelo Bevilacqua	"Recicle, Renove!" para alunos do EMEF Amador Aguiar"	Os 14 estudantes que participaram das atividades fizeram entrevistas com seus familiares e constataram que 73% não realizavam coleta seletiva de lixo eletrônico. Após as atividades do projeto 92,2% indicaram que fariam a coleta seletiva. Os estudantes confeccionaram caixas coletoras (indicativo de proatividade dos alunos) para serem instaladas na própria escola e fariam o levantamento e separação dos tipos de lixo eletrônico descartados por seus colegas (a atividade não estava finalizada na data da apresentação do curso, portanto não dispomos dos resultados dessa coleta de dados).
Gina Adélia	"Percepção das crianças com relação aos resíduos - Liceu Jardim"	20 crianças entre 7 e 8 anos de idade participaram das atividades. Antes da aplicação do protocolo, os estudantes achavam, em sua maioria, que reciclar era jogar o lixo nas lixeiras. A pesagem dos resíduos da escola ajudou os estudantes a entenderam que papel e plástico eram os tipos de lixo mais produzidos na escola deles. Ao final, eles compreenderam melhor a diferença entre separar e reciclar.
Sara Lopes	"Aplicação de um Protocolo de Ciência Cidadã com o Tema "Resíduos Sólidos" junto a alunos da EMEF Fazenda da Juta na Cidade de SP"	Dez estudantes participaram das atividades no entorno da escola. A professora demonstrou ganhos de conhecimento (tanto em relação aos conceitos quanto em relação às habilidades de aplicar um protocolo científico) através das falas de seus estudantes. De maneira geral, eles se sentiram motivados a repetir as atividades do protocolo (coleta e pesagem de resíduos) e ficaram muito felizes ao receberem o certificado de "Cientistas cidadãos".

AVALIAÇÃO DO CURSO PELOS PARTICIPANTES

Em relação à avaliação do curso (Tabela 03), os professores conferiram nota final média de 4,59 dentro da escala de Likert que variava entre 1 (péssimo) a 5 (excelente).

Tabela 03 - Notas conferidas pelos participantes a aspectos do curso de extensão "Conservação ambiental participativa nas escolas 2019", dentro da escala que ia de um mínimo de 1 (péssimo) a 5 (excelente).

Aspecto avaliado	Nota média
1) Instalações físicas da UFABC para o desenvolvimento do curso	4,62
2) Materiais didáticos disponibilizados no curso	4,56
3) Programa do curso (conteúdo programático)	4,87
4) Carga horária do curso	4,62
5) Forma de apresentação dos conteúdos no curso pelas professoras	4,75
6) Atenção dada pela professora aos alunos	4,87
7) Atividades práticas do curso (aplicação dos protocolos)	4,19
8) Parte do curso desenvolvida na escola	4,5
9) Formas de avaliação empregadas no curso	4,44
10) Auxílio dos monitores do curso	4,87
11) Forma como ficou sabendo do evento	4,19
12) Acesso ao formulário de inscrição	4,37
13) Clareza do formulário de inscrição	4,50
14) Transparência das informações discutidas	4,69
Nota média	4,59

(Próprio autores, 2019)

CONCLUSÃO

Consideramos que a ação de extensão foi bem-sucedida, com a formação continuada de 17 professores da educação básica; a introdução da abordagem da ciência cidadã em 14 escolas, os quais contribuíram para a aprendizagem dos estudantes em diferentes temas; a criação de dois protocolos novos e o interesse na realização de um mestrado por três participantes do curso.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, escolas participantes e à PROEC-UFABC.

BONNEY, R. et al. Citizen Science: A Developing Tool for Expanding Science Knowledge and Scientific Literacy. **BioScience,** v. 59, n. 11, p. 977-984, 2009.

PETER, M.; DIEKÖTTER, T.; KREMER, K. Participant outcomes of biodiversity citizen Science projects: a systematic literature review. **Sustainability**, v. 11, n. 2780, p. 1-18, 2019.

UNESCO. **O ensino de ciências: o futuro em risco**. Brasília: UNESCO, 2005. Disponível em: < http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139948por.pdf >.

WIGGINS, A.; CROWSTON, K. From Conservation to Crowdsourcing: A Typology of Citizen Science. 44th Hawaii International Conference on System Sciences, 2011, Hawaii. IEEE. p.1-10.

EXTENSÃO PARA EXTENSIONISTAS: PROTAGONISMO ESTUDANTIL NO PROGRAMA MUNDO AFORA DO IFSP

Autores
Luciana Harumi dos Santos Sakano;
Josy da Silva Freitas;
Ana Helena Rufo Fiamengui

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o estudo de caso sobre o Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural" e analisar os impactos da experiência extensionista na formação de bolsistas de cursos integrados. Assim, visa também a contribuir com as discussões acerca da recente verticalização do princípio constitucional de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão propiciada pela nova institucionalidade dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que, ao incorporar a extensão como atividade fim, possibilitou que estudantes da Educação Básica passassem de público-alvo a protagonistas em atividades de extensão. Nesse sentido, realizou-se revisão bibliográfica e análise documental para elaboração de um panorama geral do histórico da construção da Extensão no Instituto Federal de São Paulo – IFSP e suas principais diretrizes, evidenciando o percurso que viabilizou a execução do Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural". A partir dessa contextualização, foi realizada uma pesquisa exploratória por meio de estudo de caso das duas edições do programa, desenvolvidas em 2017 e 2018 no IFSP – Campus Presidente Epitácio.

Palavras-chave: *Extensão; Instituto Federal; Educação Básica; Protagonismo estudantil.*

INTRODUÇÃO

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFs, em 2008, estabelece uma política educacional que apresenta uma série de desafios, dentre eles a superação da oposição entre educação propedêutica e profissionalizante e a perspectiva de serem instituições propulsoras de desenvolvimento local (HADDAD, 2008).

Uma das inovações institucionais dos IFs que dialoga com esses dois desafios é a incorporação da Extensão como objetivo e atividade fim dessas instituições. De um lado, aprofunda a verticalização da educação ao verticalizar, também, o princípio constitucional de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, até então circunscrita às Universidades (BRASIL, 1988), possibilitando a participação protagonista de estudantes desde a Educação Básica em ações de Extensão. De outro, a dimensão formativa extensionista corrobora com a construção de uma educação profissional emancipadora por suscitar o estabelecimento de relações orgânicas com a sociedade, conferindo à educação o caráter de direito público subjetivo (FRIGOTO, 2001).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar um estudo de caso sobre o Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural" e seus impactos na formação de bolsistas de cursos integrados. Para isso, será apresentado o resultado de pesquisa descritiva que abrangeu revisão bibliográfica e análise documental na seção Extensão no Instituto Federal de São Paulo, que reconstrói, em linhas gerais, o desenvolvimento da Extensão na instituição e suas principais diretrizes, evidenciando o percurso que viabilizou a execução do Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural". A partir dessa contextualização, foi realizada pesquisa exploratória por meio de estudo de caso do Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural", desenvolvido em 2017 e 2018 no Campus Presidente Epitácio. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a Coordenadora de Extensão do campus e com três discentes de cursos integrados que participaram da ação como bolsistas. Os resultados dessa etapa são apresentados na seção Extensão para Extensionistas.

EXTENSÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a RFEPCT e criou os IFs, tem como horizonte a superação da dicotomia propedêutico e profissionalizante e reitera a importância da educação profissional e tecnológica como propulsora de desenvolvimento local (HADDAD, 2008). No processo, os CEFETS, com poucas exceções, foram reconfigurados e se tornaram IFs. Autarquias pluricurriculares e multicampi, os IFs contam com um arranjo institucional inovador que aprofunda a verticalização da educação, pois além de compreender a oferta de educação básica, profissional e superior (BRASIL, 2008), também verticaliza o princípio constitucional de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão até então circunscrito às universidades (BRASIL, 1988).

Até 2010, eram regulamentados no IFSP, exclusivamente, os cursos e as palestras de Extensão. Somente em decorrência da necessidade de sistematizar as atividades de Extensão para composição da carga horária docente obrigatória, foram publicadas as diretrizes e orientações extensionistas no IFSP, que se alinhava com a conceituação de Extensão Tecnológica, na época preponderante nas discussões do FORPROEXT. Nota-se, portanto, que a prática extensionista foi circunscrita, no primeiro momento, à atuação docente. Exemplo disso foi a chamada de projetos de ações de extensão lançada pela PRX em 2012, na qual a participação da comunidade externa e de discentes não figuravam entre os quesitos eliminatórios ou classificatórios do processo de avaliação, apesar da regulamentação do Programa de Bolsas destinadas a discentes ter ocorrido aproximadamente um mês antes da publicação da chamada (IFSP, 2012).

No ano seguinte, houve um momento de inflexão nas diretrizes extensionistas do IFSP. De acordo com o Relatório de Gestão de 2013 (IFSP, 2014), a Pré-reitoria deExtensão era, até então, vinculada à expansão da Rede Federal e suas decorrentes obras. Assim, a fim de fundar uma nova concepção extensionista mais articulada com as políticas nacionais e dedicada a ações legitimamente de extensão, o organograma da PRX foi reestruturado, retirando os setores de expansão e de Educação a Distância. Outrossim, foram delineados os programas institucionais e a perspectiva de extensão enquanto dimensão formativa foi consolidada. Assim, todos os documentos seguintes contemplavam a obrigatoriedade da participação discente e do envolvimento ativo da comunidade externa.

Também foi regulamentado o Programa de Bolsas de Extensão para Alunos do IFSP (IFSP, 2013) que descentralizou para os campi a se-

leção de projetos de extensão e o recurso a ser destinado às ações. O documento trouxe avanços como a inclusão dos critérios "impacto social esperado" e "análise dos impactos esperados na relevância social e na formação profissional do discente". Tais avanços foram reforçados na chamada de projetos do mesmo ano, que estabeleceu: a obrigatoriedade de envolvimento discente, evidenciando o caráter pedagógico e formativo da extensão, e a inclusão do impacto na comunidade externa como quesito classificatório. A partir daí, gradativamente, são incorporados elementos que evidenciam a percepção da Extensão enquanto dimensão formativa que dialoga com a sociedade nos documentos institucionais.

Outro marco importante foi o aprofundamento das discussões sobre as ações da PRX para composição do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2014-2018), que redefiniram as concepções extensionistas na instituição (SILVA et al., 2017). Destacam-se os seguintes resultados da nova Política de Extensão do PDI (2014-2018): (1) a implementação do SIGProj, que levou à adoção da caracterização das ações da "Política Nacional de Extensão Universitária" (FORPROEX, 2012) e sua institucionalização por meio da publicação da Portaria nº 2.968/2015, que regulamenta as ações de Extensão, (2) a consolidação do Programa de Apoio a Ações de Extensão, que fomenta o desenvolvimento de projetos e programas nos campi, (3) a ampliação e descentralização da cultura extensionista, que possibilitou a criação de programas de extensão pelos campi.

PROGRAMA MUNDO AFORA: VIAJANDO PELA DIVERSIDADE CULTURAL

Figura 1 – Oficina de Petit gateau

Fonte: IFSP – Câmpus Presidente Epitácio

Com objetivo de "promover o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural e oferecer

condições para que seus participantes possam, além de melhorar a comunicação com os turistas estrangeiros, aumentar sua renda." (IFSP, 2017), o Programa de Extensão "Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural" foi fomentado em 2017 e 2018 pelo Programa de Apoio a Ações de Extensão da PRX. A primeira edição articulou os seguintes projetos:

Diversidade cultural: influência da cultura espanhola no Brasil;

Diversidade cultural: influência da cultura japonesa no Brasil;

Diversidade Cultural: influência da cultura de países falantes do inglês no Brasil;

Diversidade cultural: influência da cultura francesa no Brasil e

Divulgando a Libras: inclusão social através do idioma.

Além da apresentação dos idiomas por meio de cursos de extensão, cada projeto também contou com oficinas, palestras e apresentações que abarcaram outros elementos culturais como danças, gastronomia, músicas, história, filmes entre outros (IFSP, 2017).

A primeira edição contou com oito bolsistas discentes, além da parceria com a Prefeitura Municipal da Estância Turística de Presidente Epitácio, a Secretaria Municipal de Turismo e outras instituições da cidade. Na segunda edição, foi incorporado o projeto "Diversidade Cultural: o esporte quebrando barreiras" que também propiciou práticas esportivas, dialogando com suas origens culturais. (IFSP, 2018).

No total, as duas edições contaram com oito parcerias, dezesseis bolsistas discentes e um público estimado de mais de duas mil pessoas (IFSP, 2018). Durante a entrevista com a Coordenadora de Extensão do Campus Presidente Epitácio à época do desenvolvimento dos programas, Josy da Silva Freitas, pode-se notar a abundância de atividades promovidas no campus:

> Pude ver cartazes por todos os lados, de culinária (petit gateau, brownies... vi até peixada), esportes diversos (uns com muitos participantes, outros com poucos... mas felizes por participarem), muitos cursos de línguas (francês, inglês, espanhol, japonês, libras...), teve até curso de Mangá. Dava até gosto, quando as pessoas da comunidade iam ao campus procurar saber dos cursos e atividades... eram muitas opções.

Figura 2 – Ensaio do grupo de Taikô

Por considerar que os impactos da Extensão na formação têm íntima ligação com as subjetividades dos atores envolvidos, optou-se pela análise qualitativa que abarca uma entrevista livre com a Coordenadora de Extensão – CEx do Campus Presidente Epitácio na época do desenvolvimento do programa e três entrevistas semiestruturadas com discentes do Técnico Integrado que atuaram como bolsistas na segunda edição do programa. Com isso, buscou-se conferir voz aos realizadores do programa. A entrevista com Josy Freitas propiciou uma visão abrangente dos programas, do protagonismo dos bolsistas e da articulação da comunidade acadêmica e da equipe executora.

O programa foi uma experiência muito bonita e gratificante, no qual houve o envolvimento de muitas pessoas. Apesar de serem diversos projetos, a coisa toda parecia uma família: cada um tem o seu quarto, mas convivem na mesma casa, compartilham tudo e se ajudam. Uma das coisas que eu achei bem legal foi a participação de alunos, ainda tão jovens, como bolsistas, já sendo protagonistas dos projetos... me levou a uma reflexão sobre 'nossa, na minha época, nessa idade, eu jamais faria algo assim', tanto por falta de oportunidade, quanto por falta de atitude e coragem. Eu pude sentir o quanto esses alunos foram maduros e desenvoltos... com certeza algo que eu nunca imaginei ser quando tinha essa idade. Da Coordenadoria de Extensão pude ver toda a equipe fazendo trabalho de formiguinhas, com reuniões semanais, broncas, discussões, vontade de realizar, trabalho em equipe, pulso firme dos coordenadores, adequações (principalmente!), mas muitas realizações. (...) Então, o campus inteiro estava envolvido para realizar todas essas tarefas, que foram muito trabalhosas, mas tenho certeza de que atingiram os objetivos.

A análise a seguir buscou identificar, nas falas dos discentes, três diretrizes extensionistas: protagonismo discente, impacto na sociedade e impacto na formação.

Em relação ao protagonismo discente, verificou-se uma participação ativa na organização e no desenvolvimento das atividades. Os discentes produziram materiais, ministraram cursos e dialogaram com a comunidade interna e externa. Além disso, também é possível notar a articulação dos projetos que compõem o programa.

No momento, tô desenvolvendo uma espécie de um livro com materiais didáticos com vídeos didáticos em Libras que vão ajudar os professores a darem aulas para alunos surdos. (...) Também eu estou ajudando na organização de um teatro em Libras que vai ter no dia 25, um sábado letivo, e também vamos iniciar a gravação de um vídeo em Libras sobre história e cultura de Presidente Epitácio para ser disponibilizado pela comunidade surda da região, para conhecer a cidade visto que aqui é uma cidade turística. (Discente P, 17 anos)

Eu dou as aulas do curso de espanhol para o Enem, eu tenho que preparar as aulas mensalmente. O programa costuma ter algum projeto extra para cada bolsista. Esse mês eu tenho que organizar uma exposição de fotos sobre cultura espanhola e aprendizado de espanhol e nós costumamos organizar atividades culturais (...), dar uma oficina de dança Latina. (...) Nós vamos fazer um teste nessa escola para poder levar para as outras (...), também organizei um cinedebate para algumas escolas infantis da região. Aliás, da cidade. (Discente G, 16 anos)

Tô cuidando de desenvolver as aulas de uma forma melhor, porque eu tinha deixado muitas aulas prontas. Aí nesse momento, eu tô tentando melhorar e eu tô procurando alguém para palestrar sobre intercâmbio para os alunos e o pessoal de fora também. Tô pensando em alguma atividade para realizar num sába-

do letivo que vai acontecer no Instituto dia 25. Eu também vou ajudar o bolsista de libras na produção de um vídeo. Acho que por enquanto é isso. (Discente C, 16 anos)

O protagonismo discente também pode ser percebido na análise da questão que indagou se recomendariam a participação em programas ou projetos de Extensão para alguma amiga ou algum amigo. Como posto por G, "é uma oportunidade de crescer muito como o aluno e pessoa e também de ver crescer as suas iniciativas, ver quanto você pode fazer".

Além do diálogo com a sociedade indicado nas atividades dos discentes, o impacto positivo na sociedade foi indicado por todos os entrevistados. Principalmente, em relação à democratização do acesso à instituição e à educação.

Traz oportunidades para as pessoas da nossa cidade que geralmente elas não teriam. (...) De certa forma abre as portas de uma esperança para educação, porque eles convivem com os bolsistas que eles sabem que são alunos e que tão tentando ajudar. Então, de certa forma, leva uma boa visão de quem tá dentro do Instituto e uma esperança de que eles possam ter essa oportunidade também. (Discente G, 16 anos)

Com certeza é oportunidade para quem quer aprender mais. Quem quer aprender um novo idioma, nova cultura é essa a oportunidade. Além de ajudar numa questão nobre, né? Para a sociedade. Ajudar o Instituto Federal a dar retorno para a sociedade, porque esse objetivo do estudo Federal, dar retorno para a sociedade. Então eu incentivo qualquer estudante participar do projeto sim, do programa. É muito interessante. (Discente P, 17 anos)

Para a apreensão do impacto na formação acadêmica, profissional e cidadã foram realizadas tanto perguntas diretas, que provocaram a reflexão pontual sobre cada aspecto, quanto questões menos incisivas que também possibilitaram uma compreensão mais abrangente sobre os desdobramentos da participação no programa na vida dos jovens. As perguntas abrangeram dificuldades, motivação para participação e relevância da bolsa.

Em relação ao impacto no desempenho acadêmico, observou-se duas questões centrais: a conciliação com as atividades do curso e o reflexo no aumento ou diminuição no interesse pelo curso. Na primeira questão, apenas C indicou não ter tido dificuldade, "muito pelo contrário, porque participar dessas coisas abre um pouco a sua mente. Para mim facilitou na verdade, por exemplo, o meu desempenho escolar, ele melhorou ao invés de cair." Os demais indicaram dificuldade em conciliar as atividades devido à carga horária do curso integrado, mas que conseguiram, de alguma forma, se adaptar.

De início me faltou organização para poder me organizar quanto aos trabalhos, porque a carga horária do curso já é bem pesada, mas não demorou tanto para ter uma boa adaptação. A questão mais era a carga horária da bolsa e do curso que ambas eram bem pesadas e demorava para conciliar, mas os orientadores tiveram bastante paciência. (Discente G, 16 anos)

Para conciliar com a bolsa foi dificultoso, mas como tem alguns intervalos, eu também tenho tempo da noite, eu consigo cumprir com todas as minhas obrigações da bolsa. Então foi um pouco difícil, mas deu para ir se ajeitando. (Discente P, 17 anos)

A participação no projeto de extensão aumentou o interesse no curso em dois casos. Para G, "(a participação) fez eu me sentir mais em casa, mais acolhida dentro da escola e como eu passava mais tempo aqui, eu acabei conseguindo, depois de uma certa adaptação, me dedicar mais ao curso também." C indica que "o programa em si abre a sua mente, então você começa a prestar

mais atenção nos detalhes as coisas e passa a querer compreender tudo (...). Eu acho que, de certa forma, tá tudo conectado". Por outro lado, a participação no projeto também influenciou P na escolha de seguir os estudos em uma área distinta à do atual curso.

Olha, eu não acho que o projeto influenciou diretamente de alguma maneira no meu curso. Como meu curso é de ciências exatas da área da engenharia. (...) Eu acho que não teve um impacto tão grande do projeto no meu curso, mas assim abriu novos horizontes para mim o projeto. Eu não pretendo continuar na área que eu tô no curso agora. Eu pretendo partir para uma área totalmente diferente, para uma área mais social. Então se de alguma maneira o projeto influenciou pode ter sido nesse sentido, mas não que tenha feito eu gostar mais ou menos do curso. (Discente P, 17 anos)

O impacto na formação cidadã e profissional foi percebido por todos os entrevistados. Destacam-se a mudança de percepção sobre o entorno, o desenvolvimento de empatia, o acesso aos conteúdos extracurriculares e a inclusão da participação no enriquecimento do currículo.

Com certeza o projeto ajudou a ver a carência que a nossa cidade possui de atividades extras. (...) Coisa que eu, pelo menos, nunca tinha parado para pensar. Nos ajudou a nos colocar na posição de outras pessoas. (...) Me ajudou a estudar de uma forma diferente, a me organizar de uma forma diferente e a pensar em como eu poderia levar isso pra outras pessoas. (Discente G, 16 anos)

É uma experiência muito boa e compartilhar conhecimento faz com que você se sinta melhor com que você, entenda o posicionamento das outras pessoas, te dá mais empatia. (Discente C, 16 anos)

Como eu participei do projeto, eu vou receber um certificado (...) e com certeza isso vai ter um impacto muito grande no meu currículo profissional, na minha carreira profissional no futuro. Fora que também aprendi um novo idioma, tô aprendendo um novo idioma. Então isso vai me colocar na frente de muita gente, profissionalmente. (Discente P, 17 anos)

O projeto me agregou com experiência em organização, em metodologia de trabalho, no uso de ferramentas online, que eu era bem deficiente nessa parte, e ter uma experiência. Já saber como atender o público, quais áreas do trabalho. (Discente G, 16 anos)

CONCLUSÕES

Como discutido anteriormente, a verticalização do princípio de indissociabilidade propiciada pela nova institucionalidade dos IFs possibilitou que estudantes da Educação Básica passassem de público-alvo para protagonistas em ações de extensão. Ainda, ressalta-se que a Extensão deve entendida como dimensão formativa pautada no protagonismo discente e na articulação com a sociedade, oportunizando a criação de espaços de vivências, diálogos e aprendizado para além da sala de aula, o que corrobora com o horizonte de educação profissional emancipadora que demanda a articulação orgânica entre educação profissional e tecnológica e a sociedade (FRIGOTTO, 2001).

Oportunizar que discentes de cursos técnicos integrados participem de forma protagonista em programas e projetos de Extensão mostrou impactar positivamente na formação profissional,

acadêmica e cidadã dos jovens, trazendo à tona temas transversais que perpassam experiências de trabalho em equipe, articulação de temáticas, atendimento ao público, desenvolvimento de empatia, enriquecimento do currículo acadêmico e profissional, novas perspectivas para o futuro e o entendimento do IFSP como espaço público, cujo acesso deve ser democratizado.

Como posto por Freire (2006), "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados." Em um diálogo quase intuitivo com o grande educador, em sua entrevista, C destaca: "eu sei que talvez pareça algo pequeno, mas, na verdade, isso significa muito tanto para mim, quanto para quem tá aprendendo comigo, porque eu também estou aprendendo muito com eles".

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Disponível em: https://bit.ly/37ykaIY. Acesso em: 15 fev. 2019.

BRASIL. 2008. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: https://bit.ly/2uEkgjJ. Acesso em: 15 fev. 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. 2012. Disponível em: https://bit.ly/2S0cF7d. Acesso em: 10 abr. 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO OU CARGOS EQUIVALENTES DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. Contribuições para a Política de Extensão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. 2015. Disponível em: https://bit.ly/3aMeMEa. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. **Extensão Tecnológica** – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. 2012. Disponível em: https://bit.ly/2U3kTxX. Acesso em: 12 abr. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação.** 13ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FRIGOTTO, G. **Educação e Trabalho:** bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. Perspectiva, Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.

HADDAD, F. **O Plano de Desenvolvimento da Educação:** razões, princípios e programas. Brasília: Ministério da Educação; Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IFSP). 2013. Plano de Desenvolvimento Institucional [PDI 2014 – 2018]. Disponível em: https://bit.ly/2Gtz0ED. Acesso em: abr/2019.

_____. 2013a. Portaria nº 3.639, de 25 de julho de 2013. Aprova o Regulamento do Programa de Bolsas de Extensão para alunos do IFSP na forma do anexo. Disponível em: https://bit.ly/2uElDPy. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. 2014. Relatório de Gestão 2013. Disponível em: https://bit.ly/2O6nKCx. Acesso em: 15 mar. 2019.

_____. 2015. Portaria nº 2.968, de 24 de agosto de 2015. Aprova o Regulamento das Ações de Extensão do IFSP, na forma do anexo desta Portaria, que torna sem efeito as Portarias nº

3.067, de 22 de dezembro de 2012, e nº 3.314, de 1º de dezembro de 2011. Disponível em: https://bit.ly/36x3gJC. Acesso em: 15 mar. 2019.

_____. 2017. **Manual de Elaboração de Programas e Projetos de Extensão.** Disponível em: https://bit.ly/2RCZlGZ. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. 2017a. **Programa Mundo Afora: viajando pela diversidade cultural.** Disponível em: https://bit.ly/313qNAQ. Acesso em 20 abr. 2019.

_____. 2018. **Programa Mundo Afora:** viajando pela diversidade cultural. Disponível em: https://bit.ly/2GwjTdM. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. 2019. Relatório de Gestão 2018. Disponível em: https://bit.ly/37BBaxY. Acesso em: 10 mar. 2019.

MACIEL, A. S.; **O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão:** um balanço do período 1988 – 2008. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba – SP, 2010.

SILVA, C. F. J.; SAKANO, L. H. S.; ATANES, F. S.; RAIMUNDO, E. A.; MATOS, P. A. **Gênero, Cultura e Educação:** a Política de Promoção da Diversidade da Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal de São Paulo. In: Dirce Zan; Fernando Moreira; Odair M. Silva; Orquídea Ribeiro. (Org.). Cultura e Educação: Reflexões. Vila Real, 2016, v. 1, p. 107-128.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA POPULAR: DIÁLOGOS DE SABERES E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Autores
Dirceu Benincá
Frederico Monteiro Neves

RESUMO

A experiência apresentada refere-se a um projeto de extensão desenvolvido no Campus Paulo Freire da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Teixeira de Freitas (BA). O projeto tem como objetivos centrais promover a produção agroecológica; a comercialização direta; a economia solidária; a integração entre universidade, agricultores familiares, comunidades tradicionais e sociedade em geral; bem como estimular o consumo sustentável e a responsabilidade socioambiental com os resíduos sólidos. A atividade principal do projeto é a Feira da Agricultura Familiar, que é realizada desde abril de 2018 nas dependências da UFSB e tem se mostrado um espaço virtuoso de debate e ação em torno da agroecologia.

Palavras-Chave: *Agroecologia; Movimentos Sociais; Extensão Popular.*

INTRODUÇÃO

O presente relato retrata a experiência do projeto de extensão "Universidade e extensão popular: diálogos de saberes e práticas agroecológicas", desenvolvido no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências do Campus Paulo Freire da UFSB. Desde o início do projeto já foram realizadas mais de 30 edições da Feira da Agricultura Familiar, com considerável participação de agricultores e feirantes, membros da comunidade acadêmica e da comunidade regional.

Com periodicidade quinzenal, a Feira vem contribuindo com a articulação e integração entre agricultores familiares (ligados a movimentos sociais do campo e comunidades tradicionais), a comunidade acadêmica da UFSB, outras instituições de educação e a sociedade em geral. Esse circuito de relações tem desencadeado ações conjuntas muito enriquecedoras nas dimensões prática e simbólica, especialmente no que tange à ecologia de saberes, integração social, ações de sustentabilidade, fortalecimento da prática agroecológica e promoção de uma vida saudável.

Este relato está divido em três partes, além desta introdução. Na sequência serão apresentados a fundamentação teórica desta experiência, o relato das atividades realizadas, e, por fim, uma análise das conquistas e desafios a serem superados.

Esta experiência de extensão se vincula ao pensamento de Miguel Arroyo (2003, p. 42), para o qual os movimentos sociais "apontam outra racionalidade, outros modelos societários e outras orientações culturais conflitantes com as normas e valores estabelecidos". Os movimentos sociais do campo e, sobretudo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), se destacam pela luta contra hegemônica em defesa do direito ao acesso e uso da terra, bem como por outros direitos historicamente negados, entre eles, o direito à alimentação saudável por meio da agroecologia.

Associado a esse novo modelo societário está a concepção e a prática de outra forma de economia, configurada na perspectiva popular e solidária. Segundo Laville e Gaiger (2009, p. 162), a economia solidária baseia-se na "ideia de solidariedade, em contraste com o individualismo utilitarista que caracteriza o comportamento econômico predominante nas sociedades de mercado".

Essa forma de economia está diretamente relacionada à concepção de outro modo de produção, o qual assenta sua base na sustentabilidade social e ambiental e tem na agroecologia uma de suas importantes expressões. Conforme aponta Enrique Leff (apud GUHUR; TONÁ, 2012, p. 59), agroecologia é um conjunto de saberes e práticas de povos originários e de camponeses "que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura".

A agroecologia inclui o cultivo coletivo da terra; a recuperação, preservação e cuidado dos ecossistemas e da biodiversidade; as práticas de comercialização direta e economia popular solidária; o consumo consciente, o destino e o tratamento adequado dos resíduos, etc. Em síntese, trata-se de um conjunto integrado de práticas sustentáveis e educativas decorrente de uma racionalidade contra-hegemônica e descolonial (MIGNOLO, 2008).

A proposta agroecológica configura uma nova forma de relação do ser humano com os ecossistemas e com a sociedade. Fortalece a agricultura familiar, colabora com a integração dos diferentes grupos que constituem o território e auxilia no desenvolvimento local e regional. Uma vez articulada com a noção de Universidade Popular, a agroecologia pode potencializar a dinâmica do aprendizado socialmente comprometido e ecologicamente sustentável.

Na Feira da Agricultura Familiar cria-se um espaço propício para aquilo que Boaventura de Sousa Santos (2008) denomina de "ecologia de saberes". Segundo ele, esse conceito se traduz em uma forma de "extensão universitária ao contrário", consistindo na abertura da Universidade para aprender com as práticas sociais, nomeadamente com os camponeses, os indígenas, os afrodescendentes, os ribeirinhos, as mulheres, enfim, as camadas populares.

A sensibilidade às demandas sociais é um dos princípios básicos da extensão universitária participativa, como assinala Thiollent (2000, p. 20 -21):

> *Devido a sua maior abertura e sensibilidade às demandas sociais e locais, a extensão facilita as iniciativas conjuntas universidade/atores externos [...]. É desejável que a extensão seja orientada em função de princípios metodológicos participativos, no intuito de estimular a cooperação, o comprometimento e a solidariedade entre as partes interessadas [...].*

Portanto, fazer extensão universitária em perspectiva popular consiste em agir pró-ativamente para superar desigualdades e dicotomias, valorizar o diferente e construir coletivamente novos saberes e novas práticas. Ao estabelecer essas conexões virtuosas, a extensão passa a ser uma via-de-mão-dupla

capaz de potencializar a educação libertadora, a cidadania, a cooperação e a sustentabilidade.

A FEIRA NA PRÁTICA

A metodologia adotada no projeto é participativa e cooperativa em todas as suas etapas. A preparação do espaço físico para a feira foi realizada em mutirão (foto 1), com a participação de agricultores/as do MST, os coordenadores e um grupo de estudantes de diversos cursos da UFSB que aderiram ao projeto. Com a colaboração de parceiros, também foi construído um galpão no local para a realização de atividades diversas.

Mutirão de limpeza da área da Feira, no início do projeto, em 2018. Fonte: Os autores.

Os estudantes participam de equipes de trabalho para divulgação da feira, organização do espaço físico, planejamento e coordenação de atividades. Na maioria das edições da feira, além da comercialização de verduras, frutas, legumes, biscoitos e outros produtos, também acontecem importantes trocas simbólicas por meio do diálogo espontâneo, oficinas, debates, atividades artísticas e culturais (Foto 2). No dia da feira, uma família de agricultores oferece aos interessados, a preço acessível, o almoço com comida caseira.

Nas edições da Feira participaram em média 15 famílias de agricultores (Fotos 3 e 4). Os feirantes são basicamente agricultores do MST e artesãos da região extremo sul da Bahia. Porém, o projeto prevê que produtores ligados a comunidades quilombolas, indígenas e outras também exponham seus produtos, uma vez cultivados com base na agroecologia. O público que frequenta a feira é muito diversificado e variável. Em média, cerca de 120 pessoas em cada edição

.

Mesa redonda sobre agroecologia com professores das universidades, instituto federal, e lideranças dos movimentos sociais. Fonte: Os autores.

Espaço da Feira. Fonte: Os autores.

Espaço da Feira com a participação de estudantes e a comunidade em geral. Fonte: Os autores.

Em diversas ocasiões, a feira contou com a presença de estudantes de escolas da rede pública estadual e municipal; crianças e jovens indígenas; estudantes de escolas privadas e do Instituto Federal Baiano; jovens e mulheres do MST; catadores de materiais recicláveis para participar de atividades programadas. Entre os temas tratados nessas ocasiões podem ser citados: agroecologia, agrotóxicos, saúde, resíduos sólidos (Foto 5).

Debate sobre agroecologia e a participação das mulheres. Fonte: Os autores.

CONQUISTAS E DESAFIOS

A Feira da Agricultura Familiar está se mostrando um espaço privilegiado para trocas materiais e simbólicas na região extremo sul da Bahia. A produção e o consumo de produtos agroecológicos representam um vetor fundamental para a sustentabilidade ambiental e a saúde integral. Entre os resultados positivos, destaca-se também a participação de diversos órgãos da imprensa local na divulgação do projeto, o que contribui para a mobilização e sensibilização da sociedade acerca dos temas da alimentação saudável por meio da agroecologia.

Vinculados à feira surgiram outros projetos de extensão e de pesquisa. Essas práticas são referenciadas em atividades de ensino de diversos componentes curriculares da Universidade. Vale destacar também que, a partir de demandas apresentadas em debates ocorridos na feira, criou-se o Curso de Pós-graduação lato sensu em Agroecologia e Educação do Campo. A primeira turma, composta de 30 estudantes, iniciou suas atividades em março de 2019.

Por outro lado, verifica-se uma série de dificuldades para a produção de alimentos agroecológicos face ao uso intensivo de agrotóxicos na região, a escassez de água, a falta de políticas de fomento à agroecologia. Entre as dificuldades de atração de mais feirantes está a questão da viabilidade econômica, haja vista que a produção é em pequena escala. E isso se deve, sobretudo, ao fato de que ainda são poucas as pessoas que têm consciência da importância de consumir produtos agroecológicos.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em movimento:** O que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Currículo sem Fronteiras, v. 3, n. 1, p. 28 - 49, Jan/Jun 2003. In: <www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>. Acesso: 26 set. 2017.

GUHUR, Dominique Michèle Perioto Guhur; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, Roseli Salete et. al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: HESPANHA, Pedro et. at. (Orgs.). Dicionário internacional da outra economia. Coimbra: Edições Almedina, 2009. .

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica:** Opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução: Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, 2008, pp. 287–324.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

THIOLLENT, Michel. **A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária.** In: THIOLLENT, M.; ARAÚJO FILHO, T.; SOARES, R. L. S. (Org.). Metodologia e experiências em projetos de extensão. Niterói/RJ: EdUFF, 2000.

FLORESCER: RELATO DE EXPERIÊNCIA CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Autores
Mônica Bandeira Côrrea
Leyce Amanda Carrijo
Cássia Núbia de Carvalho

RESUMO

O Florescer é um projeto de extensão do Centro Universitário de Goiatuba, Unicerrado, que tem como objetivo amparar e acolher mulheres sem situação de violência doméstica, oferecendo lhes suporte jurídico e psicológico para que possam superar e romper os ciclos de violência no qual estão inseridas. O projeto foi concebido a partir dos constantes relatos sobre violência e abusos sofridos pelas alunas no ambiente escolar, familiar e de trabalho. Atualmente atende a comunidade de Goiatuba e aos demais 22 municípios que compõe o corpo discente da universidade. A proposta do projeto parte da necessidade de oferecer uma oitiva humanizada às mulheres vítimas de violência em situação de vulnerabilidade, assim como oportunizar um ambiente de confiança e referência na busca por soluções de problemas tão arraigados culturalmente quanto cercados de estigmas.

Palavras-chaves: *Extensão universitária. Violência doméstica. Acolhimentos às mulheres.*

INTRODUÇÃO

O Florescer – Núcleo de Apoio às Mulheres(foto1) é um projeto de extensão do Centro Universitário de Goiatuba – Unicerrado, diretamente ligado ao Proec – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da instituição que tem como finalidade atender mulheres em situação de violência no município de Goiatuba e região. O projeto nasceu da necessidade de viabilizar uma rede de proteção e enfrentamento à crescente violência que historicamente compõe a rotina de milhares de mulheres, num processo de banalização e validação das práticas patriarcais vigentes. A promulgação da Lei 11.340/06, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, ofereceu uma importante ferramenta de custódia da mulher como detentora de direitos e de dignidade, sustentando a importância de se construir uma sociedade igualitária e diversificada, pautada no respeito e na aceitação das diferenças. Assim, neste escopo, várias políticas públicas tem se imbuído desta nova demanda, proporcionado em seus diferentes órgãos o direito de acesso ao acolhimento, a proteção e a informação às mulheres que por ausência de recursos, sejam emocionais, físicos ou financeiros, não conseguem romper o círculo da violência a qual estão submetidas. Perpetuando e, as vezes validando, a submissão e os maus tratos. O Florescer tem como objetivo principal amparar as mulheres em situação de vulnerabilidade, através de uma oitiva sensível e humanizada, oferecendo, assim, o apoio e o amparo necessários na busca de soluções para enfrentar a violência sofrida e oferecer opções que auxiliem seus direitos e possibilidades de recomeço, ajudando-a e encorajando-a a cessar o cerceamento vivenciado, além de retirá-las de situação de

extremo constrangimento, impessoalidade e intimidação apresentado nas delegacias comuns, uma vez que a região não possui Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher.

O projeto, coordenado por professoras da instituição(foto2) e monitorado por discentes da instituição que são selecionados e devidamente qualificados, está em atividade desde 2018 e atualmente possui uma rede de enfrentamento através de parcerias da UniCERRADO junto a Secretária de Assistência Social, aos órgãos municipais como CRAS, CREAS, NASF, ao Hospital Municipal (SUS), aos Juizados Civil, Infância e Juventude e da Família, a Delegacia Civil de Goiatuba e ao Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. As vítimas atendidas pelo projeto Florescer recebem acolhimento psicológico e social, orientações jurídicas e quando necessário são encaminhadas aos órgãos competentes devidamente cadastrados para acompanhamento e atendimentos específicos. Ainda, é fornecida informações sobre serviços governamentais e não governamentais e respectivos endereços que possam auxiliar no atendimento multi-institucional. As orientações tem por objetivo a vinculação das vítimas de violência doméstica aos Serviços da Rede Socioassistencial de políticas públicas voltadas às mulheres, bem como a compreensão e o reconhecimento do ciclo da violência e seus efeitos. Em casos específicos e, em se julgando necessário, são fornecidos encaminhamentos para palestras educativas coletivas, realizadas em datas programadas dentro do Centro Universitário e/ou na Sede do Projeto Florescer, além dos atendimentos individuais agendados que são disponibilizados ao público de segunda a sexta, no Centro Clínico da Universidade(foto3). Onde se encontram também outras especialidades da área da saúde que oferecem apoio continuo e sistemático as vítimas, como os cursos de Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, oferecidos pelo Unicerrado.

Em dois anos de atividade o Projeto Florescer atendeu mais de 980 mulheres, seja pelo atendimento direto ou através de acolhimento social. Promoveu mais de 20 eventos de conscientização dos direitos das mulheres, além de explicitar as garantias da Lei 11.340/06 (Lei Maria da penha), reconhecer relações abusivas, fomentar o empoderamento feminino, identificar o assédio sexual e moral e abordar os aspectos nocivos da masculinidade tóxica. Garantindo acesso a informações para o público da Universidade e para toda a comunidade atendida. O Projeto ainda visita escolas da região (públicas e particulares) para ministrar palestras de conscientização e reconhecimento da violência doméstica no âmbito familiar(-foto4). Ciente de sua missão institucional, e compromissada com a realização dos princípios fundamentais de garantia de acesso à justiça de forma integral, especializada e humanizada às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, o Unicerrado, junto ao Projeto Florescer, na qualidade de agente de formação, tem o interesse na luta em defesa dos direitos femininos. Incluindo o acesso, o respeito, a orientação, a defesa e a dignidade dessas mulheres, prevenindo e resolvendo questões jurídicas, emocionais e sociais, de forma isonômica e equilibrada, tanto judicialmente quanto extrajudicialmente, visando o atendimento integral por meio de uma equipe multidisciplinar que inclui psicólogos, pedagogos, psicopedagogos, advogados, juiz de direito, assistentes socias, médicos, odontólogos, enfermeiros e fisioterapeutas.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência sexual na família.** Disponível em www.scielo.br . Acesso em 06.03.2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Publicada no DOU de 08/08/2006.

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. 14ª. ed. Trad. Newton Roberval Einchemberg. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **A violência doméstica como violação dos Direitos Humanos.** Disponível em www.jus.com.br, Acesso em 03.03.2017.

CHAUÍ, Marilena; CARDOSO, Ruth; PAOLI, Maria Célia (orgs.). **Perspectivas antropológicas da mulher.** Volume 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COULOURIS, Daniella Georges. **A construção da verdade nos casos de estupro.** Disponível em DAHL, Tove Stang. O Direitos das Mulheres. Trad. Teresa Beleza "et al.". Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

HIRIGOYEN, Marie – France. **A violência no casal.** Trad. Maria Helena Küher. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

História das mulheres no Brasil / MaryDel, organização; Carla Bassanezi, coordenação de textos. -- 7. ed. São Paulo: Contexto: Unesp, 2004. 678 p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero:** poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

www.cfemea.org.br . Acesso em 27/02/2017. Publicada no DOU de 1º/08/2006.

GESTÃO DA MEMÓRIA REGIONAL A PARTIR DE ACERVO PESSOAL:

Uma parceria entre a UFABC e o espaço de cultura Alpharrabio

Autores
Fernanda Araujo
Gilson Lopes
Letícia Leite
Vitória Marçal De Oliveira
Caroline Silvério
Clara Vinholi Araújo
Juliana Abrantes De Andrade
Caroline Martins Freire Leite
Nathalia Florencio Peres
Guilherme Teixeira Barristini
Jéssica Santos Ferreira
José Carlos Souza

Orientadora: Andrea Paula Dos Santos De Oliveira Kamensky (Cecs – Ufabc)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as ações do projeto de extensão "Arquivo Histórico Cultural do ABC: História Cultural e preservação do patrimônio local" considerando a relação territorial entre a universidade, a região metropolitana em que está inserida e a comunidade que a cerca. O presente estudo busca compreender como a universidade pode, e deve, ser instrumento para que as demandas de memória regional sejam atendidas. Isso porque a vocação interdisciplinar da UFABC é, por si só, inovadora e propicia a problematização da história regional sob uma ótica mais democrática e horizontal. Nesse contexto é que se atende às expectativas de tratamento qualificado do acervo pessoal da poeta e ativista cultural Dalila Teles Veras, uma das fundadoras e coordenadora do Centro Cultural e Livraria Alpharrabio.

Palavras-chave: *Difusão História Cultural; Formação Cultural; Interdisciplinaridade; Acervos Pessoais; História Oral; Centro Cultural; Lugar de memória, Interesse Cultural; História Pública.*

PREFÁCIO

O projeto de extensão Arquivo Histórico-Cultural do ABC, desenvolvido na Universidade Federal do ABC em conjunto com Dalila Teles Veras, fundadora do Centro Cultural Alpharrabio, acontece desde 2014. Desde então, o projeto vem sendo aperfeiçoado de acordo com as atividades realizadas e com o acúmulo de experiência e conhecimento adquiridos, através de uma abordagem multi e interdisciplinar.

No ano de 2019, as ações do projeto foram continuadas. Entre elas, a realização do segundo evento de abertura do projeto à sociedade, ocorrido na Livraria Alpharrabio.

Já entre as atividades formativas dos participantes, pode-se destacar a reunião de transição, onde os participantes de 2018 introduziram o projeto aos novos participantes, transmitiram os conceitos e a importância de memória, história cultural, história oral e acervos pessoais, assim como as questões técnicas de manuseio e catalogação de documentos. Além disso, foi realizada uma visita técnica ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, a fim de reter informações a respeito das formas de organização e manutenção de acervos e de preservação de documentos. Também foi realizada uma Oficina Audiovisual para realização de História Oral.

A História Oral é a ferramenta utilizada com o fim de contextualizar os lotes de documentos doados pela Alpharrabio à UFABC. Através da condução de entrevista gravada com Dalila Teles Veras, que recebe e organiza tais documentos, torna-se possível compreender a história e o propósito dos mesmos. Após ser d ocumentada a contextualização do lote de documentos e de serem enviados à UFABC, toma corpo o tratamento realizado no Laboratório de Conservação e Restauro. Esse tratamento baseia-se na higienização e catalogação do acervo, para posterior digitalização e armazenamento. Ressalta-se que a gestão desse processo é aperfeiçoada pelas equipes a cada ano.

Tendo o intuito de originar um Arquivo Histórico-Cultural da região do ABC a partir da criação de um centro de memória da Universidade, em parceria com a Livraria e Centro Cultural Alpharrabio, vem sendo desenvolvido o repositório digital dos documentos trabalhados. Além do espaço físico para consulta, os documentos digitalizados poderão ficar disponíveis de forma acessível aos interessados na história e cultura do ABC.

De forma a manter o contato essencial com a sociedade, a equipe de 2019 apresentou o projeto no UFABC Para Todos, evento de divulgação das ações da Universidade. Também nesse sentido, foi trabalhada a área de comunicação do projeto, com a criação de peça de divulgação do evento realizado e o desenvolvimento de mídias sociais.

INTRODUÇÃO

O Acervo de que trata "Arquivo Histórico Cultural do ABC: História Cultural e preservação do patrimônio local" contém documentos relativos ao histórico de políticas culturais implementadas na Região do Grande ABC, além de fragmentos de época que conversam com o contexto nacional e regional em termos sociais, políticos e culturais ao longo das décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. O espaço é reconhecido desde sua iniciativa como um lugar de estar, onde é possível uma reflexão identitária aos moradores, atrelado aos significados e ao sentimento de pertencimento, sendo local raro que abrigou durante as últimas décadas artistas, grupos e agentes culturais, educadores, estudantes e membros da comunidade da região metropolitana em ações de apoio às mais variadas expressões artísticas e manifestações socioculturais que representam a rica diversidade (VERAS & VERAS, 2004). Trata-se de arquivos pessoais cedidos pela poeta, coordenadora e uma das idealizadoras do Centro Cultural Alpharrabio e que foram reunidos de forma espontânea ao longo das últimas décadas, ciente da riqueza ímpar de seu conteúdo. De acordo com Santos (2012), os arquivos pessoais, como é o caso do acervo doado por Dalila Teles Veras, "não se criam com uma finalidade histórica e cultural inicial, mas são formados por homens e mulheres ao longo de uma vida, e adquire valor testemunhal por um gesto de quem os produziu e/ou de quem os identificou e lhes atribuiu significado social e cultural."

Foram ainda agregados à massa supracitada os documentos do acervo do Dr. Antonio

Possidônio Sampaio, advogado trabalhista e escritor local. Dentre outros agentes que contribuíram com informação histórica referente à região do ABC e os movimentos sindicais, sociais e culturais ocorridos durante as últimas décadas, temos o Instituto Centro de Memória e Atualidades - IMA, sediado no Museu de Santo André.

Vale ressaltar que, muito além de uma livraria e sebo, o Centro Cultural Alpharrabio, com 26 anos de existência, foi idealizado como um pólo de fomento da produção e do debate cultural, detendo um acervo substancial da região do grande ABC, com documentos importantes que compõem e marcam a forte história cultural nos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra em um de seus períodos de efervescência cultural, no último quarto do século XX e na virada para o XXI. Nesses domínios, surge o projeto de cultura e extensão "Arquivo Histórico Cultural do ABC: História Cultural e preservação do patrimônio local" com o objetivo de garantir permanências e continuidades transformadoras dessa prática ao: 1) salvaguardar o acervo histórico cultural ligado a essa e demais memórias de cunho sociocultural relacionadas à região; 2) desenvolver ações culturais como congressos, oficinas e debates pautadas em seu conteúdo de forma a interligar a formação acadêmica à História Cultural, Literária, Artística e Política contidas nos documentos em seus variados formatos; 3) e também, contribuir com a pesquisa e circulação da produção e difusão das Artes e suas linguagens através da disponibilização de vivências culturais entre artistas e agentes culturais de gerações diversas.

A ação de cultura e extensão, aprovada pelo Edital nº 017/2017 do Programa de Apoio a Ações de Cultura - PAAC, como parte do Plano de Cultura da Universidade Federal do ABC de 2014, cumpre o papel de dar continuidade ao projeto originalmente intitulado "Centro Cultural Alpharrabio & UFABC: um corredor cultural para formação, pesquisa e extensão acerca da memória e da história cultural da produção e difusão das linguagens da literatura e das artes na região do ABC paulista", que é uma parceria entre o Centro Cultural Alpharrabio e o Grupo de Pesquisa e Extensão Diversidades Culturais, Educação, Inovação Social e Cultura de Paz, da UFABC. O projeto iniciou-se com a formação em conservação e preservação de acervos, possibilitando o adequado tratamento inicial.

A ação envolve um esforço e colaboração conjunta entre técnicos/as administrativos/as professores/as adjuntos/as da UFABC; estudantes bolsistas e voluntários de diferentes cursos de graduação; alunas/os de pós-graduação; e agentes do Centro Cultural Alpharrabio que, por meio de formações internas e externas, foram desenvolvendo métodos de organização, higienização e catalogação dos documentos em seus variados formatos, para que o objetivo final de formação de um acervo aberto promovendo difusão cultural seja alcançado. Nesse sentido, a atividade de cultura e extensão proposta pela Universidade aparece como uma atividade-meio de integração entre a comunidade acadêmica e a sociedade civil, representada por um espaço cultural aberto em consonância com os princípios das instituições públicas e de caráter democrático que exerçam sua função no fomento e na circulação dos saberes e conhecimentos referentes à diversidade cultural da região do ABC, bem como a salvaguarda do patrimônio histórico regional de identidade nacionalmente reconhecida. A contrapartida que a disponibilização virtual dos acervos incorporados pode proporcionar na pesquisa e práticas artísticas é imensurável.

No mais, pode-se ponderar que quanto maior o alcance

e a democratização do acesso à formulação, gestão e implementação de políticas culturais, maiores são as possibilidades de reconfiguração do próprio universo artístico e cultural, organizado em redes plurais na cultura contemporânea e digital, colocando a questão da literatura, da arte urbana, da cultura popular e de outras expressões e manifestações artísticas e culturais realizadas em espaços públicos sem serem necessariamente "encomendadas" ou aceitas pelas instituições tradicionais, para repensar as fronteiras entre arte e cultura, identidades, subjetividades e estilos de vida.

A organização e a disponibilização de acervos culturais exigem, portanto, a utilização e o domínio das tecnologias de informação e comunicação para digitalização de documentos, armazenamento e criação de catálogos que também fomentam e subsidiam pesquisas em acervo para a realização de novas atividades culturais, educativas e artísticas.

A modernidade é inseparável de sua "própria" mídia: os textos impresso e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento da mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciam. (GIDDENS,2002, p.29-31)

O projeto geral ambiciona a construção e disponibilização institucional de um arquivo histórico cultural da região do ABC, com o intuito de disponibilizar narrativas e dados da história dos movimentos culturais da região. Isso porque há uma demanda real de diversos acervos regionais, que foram formados de maneira voluntária ao passar dos anos e estão segmentados em posse de seus autores.

SALVAGUARDA DE ACERVOS PESSOAIS HISTÓRICOS

A conservação do patrimônio documental é tida como um tratamento de caráter preventivo, com o objetivo de controle e manutenção das condições ideais a garantir a integridade de um documento. Dessa forma, a etapa de higienização envolve uma série de medidas diretas e indiretas nos documentos contra as fontes de degradação, visando a correta acomodação, prevenção e retardo de processos de deterioração e prevenção de danos, de forma a criar condições ideais para a preservação dos mesmos através de melhoria do ambiente e dos meios de arquivamento. A meta principal da conservação preventiva é o estudo e o controle das principais fontes de degradação dos documentos, com a finalidade de evitar o alastramento e disseminação de possíveis efeitos danosos. A etapa de conservação envolve processos de higienização, o acondicionamento e guarda, o manuseio e o uso correto, transporte e a exposição adequados dos documentos do acervo.

O PROJETO

O evento de abertura "Construção e preservação de acervos: raízes do ABC" ocorreu na universidade, sala Cátedra Sérgio Vieira de Mello, campus de São Bernardo do Campo. Foi um momento importante por configurar-se num canal de comunicação entre o projeto e a comunidade, que expôs uma série de demandas em relação à divulgação e parceria com o acervo do Centro Cultural Alpharrabio. Demandas vindas de sujeitos e instituições que trabalham, pesquisam, escrevem e realizam arte e cultura no Grande ABC e que dispõem de acervos pessoais que remetem à memória e história da região. Dentre os participantes presentes podemos destacar a poetisa Dalila Teles Veras (organizadora do acervo "ABCs: Núcleo Alpharrabio de Referência e Memória"), a doutora em história oral Suzana Lopes Salgado Ribeiro (professora na UNITAU e pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral), além

dos mencionados representantes culturais da região e parceiros do projeto, como Derli Dias do Amaral do Centro de Memória e Atualidades, Diaulas Ullysses do acervo audiovisual do ABC, Adélia da Associação das Donas de Casa do ABC, Jurema e Zhô Bertholini com um acervo do Zine e da revista A Cigarra e Arte Postal. Em seu discurso de abertura, Dalila Teles evidencia a relevância do projeto.

"Esta é uma pauta antiga. A valorização e preservação da memória e dos arquivos sociais tem sido ao longo de décadas a pauta de muitos e, em particular, a minha também. Esta, eu diria, tem sido a pauta principal da minha vida inteira." - Dalila Teles Veras, 2018.

No evento foram discutidas a preservação documental como fonte histórica; e a História Oral como forma de contextualização e organização de acervos reunidos. Exemplos concretos também foram apresentados. A menção mais significativa foi ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), situado dentro do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, formado a partir de coleções de documentos impressos reunidos pelo pensador Edgard Leuenroth. O arquivo foi idealizado e fundado em condições muito adversas, em tempos sombrios de ditadura e veio a se tornar o primeiro arquivo brasileiro de história social e com uma demanda crescente de pesquisadores desde meados do anos 1990 (GALVÃO, 2012). Atualmente, conta com 101 fundos e coleções, abrigo de muito da documentação sobre a história dos movimentos sociais no Brasil contemporâneo e banco de dados para centenas de pesquisadores, da graduação ao pós-doutorado e que estão passando pelo projeto de digitalização através do projeto AEL Digit@l, em andamento desde fevereiro de 2011, incluindo a criação de Laboratório de Digitalização e a viabilização da infraestrutura básica para o armazenamento e disponibilização dos documentos (ARQUIVO EDGARD LEUEROTH, 2018).

Tais ações estão alinhadas às missões culturais e acadêmicas de resgatar bibliotecas, arquivos e museus, ou quaisquer cultura material ameaçados de destruição. Destruições que ocorrem não só por causas aleatórias ou catástrofes naturais; mas, especialmente, pela responsabilidade durante a vigência de regimes autoritários, marcados pelo obscurantismo e pela perseguição ao pensamento e às coisas do espírito.

Feita a abertura, como dito acima, o projeto iniciou-se com a formação em conservação e preservação de acervos, possibilitando o adequado tratamento inicial, a saber: a higienização, catalogação para posterior digitalização.

As atividades de higienização e catalogação dos documentos a partir da primeira leva de documentos, tiveram início no final do ano de 2017 com a continuidade dos processos por parte dos colaboradores. No primeiro momento, da documentação inicial que pertencia à poeta e organizadora, foi trabalhado com o acervo do Centro Cultural e Livraria Alpharrabio, dividido em cinco conjuntos compostos por documentos textuais, iconográficos e tridimensionais, administrativas e de registro, referentes às atividades do 1) Livrespaço; 2) ABCs Núcleo de Referência e Memória; 3) Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC 4) à instituição Alpharrabio enquanto espaço de interesse cultural e promotora local de cultura.

De imediato, encontrou-se a dificuldade de não ser possível a elaboração de uma metodologia direta para identificação e tratamento adequado dos documentos dispondo apenas dos discentes de graduação e voluntários envolvidos no projeto com formações que não estavam orientadas à gestão de acervos, sendo imprescindível que fosse feita a avaliação do estado de preservação e detecção de quadros de degradação que possam levar a perda

dos documentos. A resposta veio de forma metodológica, ao estabelecer um processo passível de ser reproduzido, analisado e validado em momentos futuros ou em outros contextos. Também se mostrou a preocupação em garantir a transmissão desses saberes adquiridos enquanto executados para que possa servir como fonte de referência na transição de participantes, de forma pragmática e eficaz para possibilitar a continuidade do projeto, especialmente como parte de um Plano de Cultura.

Figura 1 – Sala de higienização, catalogação e armazenamento do acervo na UFABC

Fonte: Próprios autores

Para que essa etapa de tratamento fosse possível, houve uma fase essencial de transferência de informações logo no início do projeto, com reuniões e oficinas de formação prática e conceitual com os integrantes do projeto do ano de 2017 e em visitas técnicas, como a realizada ao centro de documentação e memória da Pinacoteca do estado de São Paulo (CEDOC), no qual os saberes e os procedimentos para o tratamento mais adequado dos documentos foram passados de forma progressiva. O CEDOC é um espaço criado em 2007, em comemoração ao centenário do Museu, que abriga todo o arquivo histórico do museu e que ampliou sua linha de atuação para acervos pessoais de artistas e ex-colaboradores da instituição tendo uma atividade muito alinhada ao escopo do nosso projeto.

Também os registros de História Oral, que objetivam contextualizar todo esse acervo, foi precedido pela Oficina de História Oral e Audiovisual, ministrada pela Profª. Drª. Suzana Lopes Salgado Ribeiro, pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral e autora do livro Guia Prático de História Oral em conjunto com José Carlos Sebe Bom Meihy, e pela Profª. Drª orientadora do projeto, Andrea Paula. O intuito era poder identificar a Memória e a Oralidade como fenômenos

válidos e tão importantes quanto a Escrita e a disciplina de História, que acabaram pondo às sombras os dois primeiros. Para Ribeiro, a amálgama entre todos esses elementos seria o ideal para construir uma História Oral Híbrida, em que as faltas de um fossem compensadas pelo outro.

A oficina foi importante na medida em que ofereceu uma base para que, no projeto, pudéssemos usar os conceitos e as instruções de cunho técnico, aplicando-os à captação do material oral - a princípio, da dona do acervo, Dalila; mas que tem pretensões de estender-se a outros indivíduos que tenham relevância pro projeto. Além do processo de transcrição e revisão que vêm em seguida, possuindo grande potencial de leitura de interesse cultural e histórico.

HISTÓRIA ORAL DE ARQUIVOS PESSOAIS

A história oral do ponto de vista arquivístico é, por definição, um conjunto de procedimentos que envolvem a elaboração de um projeto, onde se define um indivíduo ou grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro dessas entrevistas, sua finalidade enquanto acervo formado (MEIHY, 2011). Em um breve levantamento histórico mundial, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO, 2016) aponta que a gravação de entrevistas com testemunhas da história teve início na década de 1950, após a invenção do gravador à fita, na Europa, nos EUA e no México. A partir dos anos 1970, as técnicas da história oral difundiram se bastante e ampliou se o intercâmbio entre os que a praticavam. Foram criados programas de história oral em diversos países e editados livros e revistas especializados na matéria. Além da percepção da inescusável necessidade de se preservar os conhecimentos diversos não-documentais, a efervescência de instalações de núcleos de história oral, principalmente em centros acadêmicos, é o que compõe esse crescimento ao longo dos últimos anos.

Nestes domínios, as entrevistas colhidas de Dalila à respeito dos conjuntos documentais disponibilizados, corpus documental provocado - teoria, experiência e transcriação - enquanto um dos objetivos gerais do projeto, seguem com um formato de História Oral Híbrida ao integrarem a formação do banco de dados que compõem o acervo aberto que está sendo formado, tendo esse papel de dialogar com todo os vestígios que já passaram pelo processo de catalogação e de digitalização (MEIHY, 2011). A história oral reduz o risco da dissociação, pois é uma possibilidade do proprietário do arquivo pontuar as razões que justificam arquivar determinado documento e define a organização/metodologia que utilizou, além de esmiuçar os pormenores que os documentos não são capazes de exprimir, como o contexto em que foram produzidos ou angariados.

"Um acervo biográfico é também um acervo afetivo e o meu representa o que fui e o papel de ser coletivo que exerci ao longo dos 46 anos em que vivo na região do ABC. A lógica desse acervo, como é de se imaginar, é a lógica pessoal de quem o reuniu, mas quem o reuniu esteve, durante todo esse período, inserida em atividades culturais e revela, provavelmente, o sentido de pertencimento a esta região cuja memória é, sobretudo, a memória do trabalho, das lutas sociais e da cultura, nas quais desde sempre estive engajada." - Dalila Teles Veras

A entrevista de membros de grupos, nacionalidades e formações diferentes reunidas pela produção cultural, com suas trajetórias registradas em documentação oral e audiovisual também constituem um documento interessante sobre relações intergeracionais, de gênero, de classe, interétnicas em nossa época e como elas são suporte e substrato da construção de documentos e de discursos de memórias escritos.

"Os milhares de livros e documentos que juntei dizem-me respeito, mas, mais do que meus, são coletivos por estarem ligados, como as pérolas de um colar, pelo fio da história cultural regional. Assim, espero que este processo que ora se inicia, prossiga pensando grande. Que o olhar que motivou a reunião dos documentos que dão início a esta tão oportuna ideia da criação de um Arquivo Histórico Cultural do ABC, abrigado e gerenciado pela nossa mais importante instituição de ensino, seja o mesmo olhar que norteará os seus depositários. Um olhar que leve em conta a sua função social que incentive o estudo e a pesquisa. Se assim for, haverá um bom e belo motivo para que eu morra realizada." - Dalila Teles Veras

A iniciativa a que Dalila tem respaldo na concepção de fonte histórica, documento, registro, vestígio como termos correlatos que definem tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo/espaço, a cultura material e a herança imaterial deixada pelos antepassados que subsidiam a construção do conhecimento histórico. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento, palavra, no entanto, que devido às concepções da escola metódica, ou positivista, está atrelada a uma gama de idéias pré-concebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial. Vestígios é a palavra atualmente preferida pelos historiadores que defendem que a fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história (SILVA & SILVA, 2005, P.158)

Entendemos que o produto audiovisual possui um alcance sensivelmente superior a trabalhos escritos, o que associamos a uma possível preferência por parte dos receptores quanto à capacidade de absorção e a condições de ensino e acesso. Nesses domínios, é interessante pensar inclusive no aumento da capacidade de democratização dos resultados de trabalhos de história oral quando nesse formato, que permite acesso mais amplo e diversificado ao material do acervo, sendo compatível com os meios atuais de comunicação e grande potencial de ser capaz de redefinir e redistribuir o que podemos chamar de autoridade intelectual numa história que pretende ser pública.

Também é interessante destacar o papel da história pública, aqui salvaguardada, que ao longo do últimos anos vem se mostrando como um ponto de encontro entre o que tem sido produzido por meio de projetos em História e Extensão vinculados a universidades, arquivos, centros de memória, museus, memoriais e afins; e pessoas ou grupos sociais que até então teriam tido pouco ou nenhum acesso ao conhecimento cientificamente elaborado nestas mesmas instituições, sendo chamadas a integrar esses acervos. Desse ponto de vista, o projeto trata o movimento da História Pública no sentido de mover as fronteiras do campo da História para que avance em direção a territórios públicos que hoje são pouco explorados pelos historiadores e permita uma ampliação dos públicos da História, do conhecimento histórico sobretudo e especialmente sob perspectiva local.

Tal tarefa implica nos usos de gravadores digitais, câmeras de vídeos e do domínio da linguagem audiovisual, tanto nas filmagens quanto na transcrição e edição de textos; que requerem habilidades motoras, conhecimen-

tos de linguagem e expressões técnicas. A consequência é um processo intercultural, de dupla troca e diálogo entre diferentes áreas do conhecimento em prol de um resultado mais rico. Também é digno de nota o campo que se abre dentro da atividade de História Pública para essas habilidades técnicas que compõem a atividade do historiador com objetivo de alcançar e possibilitar diálogos com públicos que não eram diretamente alvos dos produtos tradicionalmente expostos como teses, livros, artigos, relatórios de pesquisas acadêmicas e etc (SANTHIAGO, 2016). Através das experiências vividas no projeto promovendo a interdisciplinaridade, a efetiva interação e integração entre as diferentes áreas do conhecimento ganham forma, mediante a atuação conjunta de alunas e alunos com diferentes visões e formações, cada qual com a sua contribuição em prol de um trabalho eficiente em um ambiente harmonioso.

A inclusão ampla de alunas/os de cursos diversos e distintos associada à horizontalidade das responsabilidades cria uma estrutura fluída, permeável às interações entre áreas de tecnologia e de humanidades, permitindo maior flexibilidade curricular e um fluxo de conhecimentos menos fragmentário pela possibilidade de preencher os vácuos que seriam deixados pela ausência de uma área ou outra, dessa forma enriquecendo o projeto e tornando-o um exemplo claro e de sucesso das diretrizes de interdisciplinaridade da Universidade Federal do ABC.

POLÍTICAS CULTURAIS QUE PRIORIZAM PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

De maneira geral, o incentivo à pesquisa é um argumento recorrentemente utilizado para justificar a aquisição de arquivos por universidades. No entanto, ainda que este esteja entre os objetivos do projeto, existe desde seu planejamento projeções que vão além dessa noção pré-estabelecida. Dentre os propósitos gerais do projeto, mais que um acervo histórico, o intuito é constituir um corredor-histórico-literário-artístico entre o Centro Cultural Alpharrabio e a UFABC, estabelecendo uma fértil colaboração entre a comunidade acadêmica e os agentes culturais desse espaço independente e conceber ações que interligam o acervo com a formação, a pesquisa, a extensão e a inovação. Das práticas interdisciplinares, surgiram perspectivas transdisciplinares, pluralização dos pontos de vista que rejeitam hierarquização e, sob essa ótica, buscamos garantir o conhecimento e a compreensão da diversidade cultural, o reconhecimento de conflito entre culturas e classes e a multiplicidade de tecnologias a fim de torná-las acessíveis e de subsídio para políticas culturais.

Analisando a obra Sociedade em Rede1, que retrata o período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica em que nos encontramos mediados pelas novas tecnologias de informação e comunicação e que vê como necessidade rever o papel da informação na sociedade contemporânea e como ela interfere nas estruturas sociais, econômicas e políticas, notamos a urgência de tornar o Arquivo Histórico Cultural do ABC em um projeto em que a fluidez de informação tem caráter exponencial, utilizando a internet como ferramenta e canal de comunicação horizontal, importante instrumento de acesso à informação.

MEMÓRIA, NARRATIVA E IDENTIDADE

Para Pierre Nora, a Memória pode ser definida como o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado. Através dela construímos as fontes históricas que integram nossa so-

ciedade, em que, especialmente no século XXI, observa-se uma multiplicidade de formatos e uma monumental corrente de informações e dados sendo bombardeados de forma caótica, que deveriam ser ordenados de forma lógica através de diferentes formatos, cujo trabalho dos arquivos é de se adaptar e aproveitar para tornar mais acessível.

Pautando-se no artigo de Ana Maria Mauad sobre o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (2017), que também conta com a participação da Profª. Drª. Ismênia Martins, podemos observar a forma que o tema da memória em sociedades contemporâneas está "estreitamente relacionado à entrada na cena pública de diferentes movimentos sociais que, desde finais dos anos 1960, reivindicavam para si uma nova pauta de direitos, inclusive o direito à memória." Porém, com a ressalva de que esses indivíduos reivindicavam uma memória mais subjetiva e abrangente, que se estende para além da ideia de que a "história é escrita pelos vencedores", dando voz àqueles que fizeram parte da construção da sociedade brasileira, mas que não tinham representatividade na identidade nacional falsamente arquitetada. Ou seja, visando compreender que o passado não é mais um país estrangeiro a ser descoberto, mas um campo aberto a possibilidades interpretativas que demandam abordagens transdisciplinares para serem concretizadas[2].

A volta da questão da memória no Brasil se deu após o período de redemocratização nos anos 1980, tendo as universidades grande papel como organizadoras dos processos e trabalhos de rememoração. Com isso, a produção de uma narrativa abrangente e plural ficou nas mãos, novamente, da elite acadêmica, que se vê obrigada a pensar de forma a incluir essas identidades antigas, mas relegadas na construção da história pública.

A gestão da memória não diz respeito apenas a Arquivos, mas também a Bibliotecas e Museus. A despeito da natureza do acervo de cada uma das instituições impor tratamentos diferenciados, a educação patrimonial e a gestão da memória é algo que atravessa as três instituições e aponta para o papel da Universidade na relação solidária que se pretendeu, e se pretende, no projeto em questão.

Quando as ações de Cultura da Universidade estreitam a relação com os espaços de tutela da Memória e do Patrimônio potencializam a relação simbólica com o entorno e garantem que a política cultural implementada leve em consideração o território a que pertence.

A essa reflexão, precisamos considerar a vocação tecnológica da Universidade que é, primordialmente, uma Universidade de Ciência e Tecnologia e possui em seu quadro de docentes, profissionais experts em Tecnologia da Informação, em Gestão Territorial, Engenharia Ambiental, entre outros saberes muito caros a uma implementação de política institucional comprometida com seu território.

Pensemos, por um instante, na relação dos museus e universidades, que carregam em si a função social de produzir conhecimento a partir de seu território e para o seu território, MENESES (2000). Ainda, por mais que o presente projeto não seja trabalhado em parceria com um museu (cultura material), a tutela dos acervos pessoais (arquivo), como o de Dalila Teles Veras, devem ser tratados com a mesma seriedade que os acervos de museus e possibilitar efetivamente uma relação prolífica entre a instituição pública e o território - permitindo o desenvolvimento socialmente sustentável da cultura e da relação com o espaço.

A identidade regional, práticas sociais básicas e estruturantes do território, que a uni-

versidade abraça e busca expressar em seu próprio nome como Universidade Federal do ABC, tornam as demandas de memória da região uma pauta premente frente a uma instituição federal que pode e deve encontrar no patrimônio histórico cultural da região matéria prima para as suas projeções institucionais, produzindo conhecimento a partir de seu território e para ele. Tanto a aquisição como a responsabilidade de preservar e prover acesso ao patrimônio arquivístico devem ocupar papel central nas instituições universitárias (OLIVEIRA, 2012).

A Universidade Federal do ABC tem a Pesquisa, a Extensão e o Ensino como alicerces fundamentais, além da adição da Inclusão, da Interdisciplinaridade e da Excelência. Como já ressaltado anteriormente, o Projeto abarca bem a questão interdisciplinar ao passo que acomoda alunos/as e participantes de diferentes áreas do conhecimento, das ciências exatas às ciências humanas.

A questão da inclusão fica latente quando notamos que o Projeto potencializa narrativas sufocadas pela história oficial. Todo o processo aqui exposto tem como objetivo final a disponibilização completa do resultado do trabalho de forma acessível e multidimensional – nesse aspecto, tivemos o "aval" da ilustríssima Professora Doutora de História na Universidade Federal Fluminense, Ismênia de Lima Martins, membro do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e ex-presidenta da Associação Nacional de Professores de História, que elogiou o Projeto na 5ª Conferência Internacional Anual de História Pública da USP por pensar em todas as suas etapas, desde a salvaguarda até a divulgação, e por focar especialmente na questão Pública. A Conferência discutiu o desafio de dizer de forma acessível o conhecimento para que ele ultrapasse as paredes das universidades, e não se torne uma via de mão única e sim uma troca entre o conhecimento do ambiente acadêmico e a sociedade , que é um dos objetivos principais do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os nove meses de atuação do projeto, inicia-se um balanço das atividades realizadas durante o período a fim de se analisar a composição de aprendizados e práticas na área de cultura e história oral e pública, bem como em formas de continuidade e propagação dos saberes adquiridos e praticados pelos/as bolsistas, voluntários/as e demais profissionais que, de forma direta ou indireta, colaboraram com seus conhecimentos no decorrer do trabalho.

A preservação documental resgata o importante acervo da ameaça da deterioração e perda de seu potencial de pesquisa. Logo, trabalhamos na busca de um processo possível e eficiente de salvaguarda desses documentos. Investimos também na história oral, pois esta reduz o risco da dissociação, um risco iminente neste tipo de acervo pessoal. Além disso, reconhecemos o alcance do produto audiovisual como superior e, portanto, facilitador do processo de democratização de informação.

A partir do que foi visto ao longo das atividades, podemos direcionar os próximos passos com:

Disponibilização de arquivos com os conhecimentos técnicos desenvolvidos na viabilização do projeto: drive, artigos, notas, diário de bordo;

Procedimentos Arquivísticos pautados em gestão documental: definição de acervo, criação de um plano de classificação;

Segurança Jurídica de patrimônio cultural e público (direitos fundamentais na constituição) e das plataformas de acesso;

Formação: a participação em eventos, palestras, oficinas e simpósios em áreas corre-

lacionadas, tendo a interdisciplinaridade também como princípio para um conhecimento mais amplo e completo, sem hierarquização;

A longo prazo, democratização de acervos congêneres, provenientes de pessoas, famílias e instituições que acumularam durante sua trajetória registros representativos da história social, política e cultural da Região.

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH. **Histórico do AEL**. Disponível em: <https://www.ael.ifch.unicamp.br/historico>. Acesso em: 22 de Nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL. Apresentação. 2016. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24. Acesso em: 08 nov. 2018.

BRITO, Luciana Souza de et al. **A conservação dos documentos de arquivo:** a atuação de autoadesivos nos documentos textuais em suporte papel. Transinformação, [s.l.], v. 28, n. 3, p.297-308, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/2318-08892016000300005>.

David Lowenthal, T**he Past is a Foreign Country** (Cambridge: University of Cambridge Press, 2005 [1985]), 185-259.

EVANGELISTA, Marcela Boni; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Audiovisual e história oral:** utilização [de] novas tecnologias em busca de uma história pública. Oralidade, v. 5, n. 10, p. 89 105, 2011.

GALVÃO, W. **Resgate de arquivos:** o caso Edgard Leuenroth. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 54, p. 21-30, 1 mar. 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Usos do passado e História pública no Brasil:** a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). 2017. Revista Uniandes. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/histcrit68.2018.02> . Acesso em: 27 nov. 2018.

MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de ; Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. Ciências e Letras (Porto Alegre) , Porto Alegre, n.27, p. 91-101, 2000.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Política de aquisição:** uma reflexão sobre questões que orientam o processo de ampliação dos acervos institucionais. In SILVA, Maria Celina Soares de Mello e OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de (orgs.). Política de aquisição e preservação de

acervos em universidades e instituições de pesquisa . RJ: MAST, 2012.

PASSARELLI, Silvia H. F. et al. **Projeto de Reestruturação do acervo da Pinacoteca de São Ber-**

nardo do Campo. Expressa Extensão, v. 22, n.2, p. 170-183, jul-dez, 2017.

SANTHIAGO, Ricardo. **"A História Pública é a institucionalização de um espírito que muitos historiadores têm tido, por milhares de anos":** Uma entrevista com David King Dunaway sobre História Oral, História Pública e o passado nas mídias. Revista Transversos. "Dossiê: História Pública: Escritas Contemporâneas de História". Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 203-222, Ano 03. set. 2016. Disponível em: . ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.25607.

SANTOS, Andréa P. dos. **Objetividade histórica, subjetividade exposta:** o trabalho de campo em história oral de vida com os militares de esquerda. NEHO-História, São Paulo, n. 0, p. 53-70, 1998.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. **Arquivos de Cientistas:gênese documental e procedimentos de organização**. Associação dos Arquivistas de SP - São Paulo. 2012.

Seção de Pesquisa do Arquivo Edgard Leuenroth. **Catálogo de resumos:** teses e dissertações: pesquisas no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth. 2.ed. ver. aum. Campinas: Unicamp/IFCH, 2002. xiii. 205 p. ISBN 85-894-01-4.

TROITIÑO, Sonia. **De interesse público:** política de aquisição de acervos como instrumento de preservação de documentos. 2017. Revista do Arquivo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/artigo_04.php#inicio_artigo>. Acesso em: 22 nov. 2018.

VERAS, Dalila Teles; VERAS, Luzia Maninha Teles. A**lpharrabio 12 anos:** uma história em curso. Santo André, SP: Alpharrabio, 2004.

RELATOS SOBRE A INSTALAÇÃO PERFORMATIVA BARRACO FILOSÓFICO

Autores
Fernanda Carlos Borges
Chris Oliveira
Tatiana Bianconccini
Natan Bastos

RESUMO

Este texto traz o relato de três dos participantes da intervenção filosófica de rua na forma da instalação performativa Barraco Filosófico, na av. Paulista, cidade de São Paulo, em 2019. Criamos um ambiente, o Barraco, com características cênicas (para ser vista), ao mesmo tempo possibilitando a construção participativa do olhar (thea, que está em teoria e teatro) sobre os conceitos que levamos para as conversações na rua.

Palavras chave: *barraco filosófico, instalação performativa, ensino de filosofia.*

INTRODUÇÃO

O projeto Barraco Filosófico na Rua foi um processo que se iniciou como atividade de ensino de filosofia em uma instalação artístico-filosófica na Pinacoteca de São Bernardo do Campo e culminou em uma intervenção de rua na forma da instalação performativa Barraco Filosófico. Foi realizado com um grupo interdisciplinar, integrantes do coletivo Filosofia em Movimento e estudantes de filosofia. Realizamos encontros mensais com a finalidade preparar os integrantes para a escolha de conceitos filosóficos que gostariam de estudar melhor a partir de interesses emergentes das suas próprias vidas. Estes conceitos foram estudados por cada um, dentro de recortes nas filosofias, e apresentados para o grupo. Estes barracos internos foram filmadas, editados e publicadas no canal Filosofia em Movimento, assim como compartilhadas nas redes sociais. Realizamos conversas internas a fim de investigarmos como esta conversa poderia partir do interesse do outro e não se reduzir a um monólogo do barraqueiro. Entendíamos que o barraqueiro se preparou para favorecer ao público não um explicação, mas uma experiência de pensar filosoficamente, ou seja, no nível da composição conceitual.

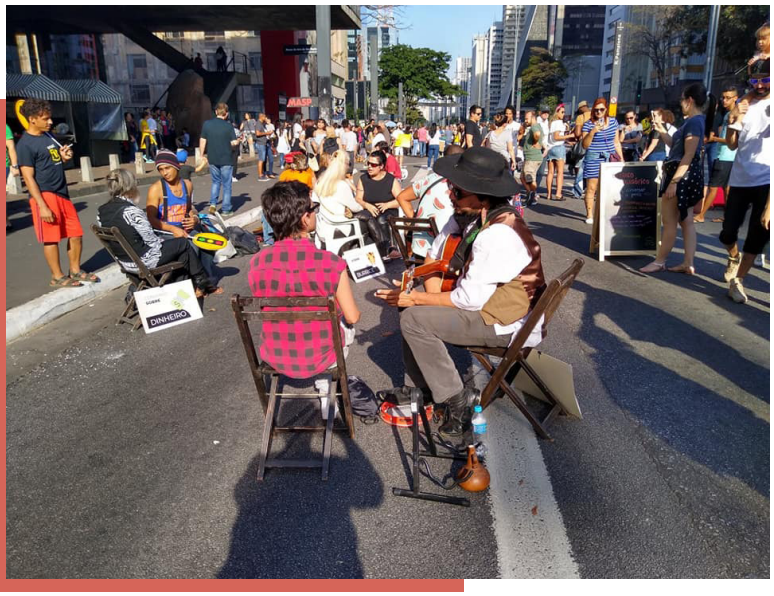
O nome da nossa instalação filosófica foi inspirado na raiz grega thea (uma vista) que está em teoria (um modo de ver), em teórico (que vê) e em teatro (um lugar para ver). É concebida como uma tenda armada para ser um lugar para ver, participativamente, conceitos filosóficos que transitam entre a memória da história da filosofia e os processos de subjetivação na vida das pessoas. Na primeira rodada já realizada em 2019, os conceitos escolhidos foram: amor, trabalho,

humor, desejo, conforto, dinheiro e burrice. Na instalação do Barraco Filosófico foram dispostas duplas de cadeiras. Ao lado de cada dupla de cadeiras foi colocado um cartaz onde se lia "converso sobre" (determinado conceito). O Barraco ofereceu uma intervenção filosófica como forma de resistência contra a pulverização do espírito e a dissolução do sentido que vivemos hoje, quer dizer: da desorientação.

O projeto retomou o fazer filosofia nas relações conversadas, no processo vivo das relações que se estabelecem na situação do Barraco Filosófico. Deste modo, nossa proposta se aproxima da arte da performance na instalação performativa: uma apresentação em tempo real, participativa, de corpos que performam conceitos vivos e produzem sentido.

Abaixo os relatos selecionados de três barraqueiros, já que não cabe o relato de todos no formato exigido por esta edição.

CHRIS OLIVEIRA
Ator, poeta e dramaturgo



Entre o aqui e o ali entrei eu no agora.

Entre os passantes, infantes dos passeios livres da avenida da vida desta espremida cidade de humanos-passaredos que passam com medo, eu passarinheiro que sou, passareio no compasso do meu canto de gralha-mor, no canto da minha casa onde uma ilha se forma à milhas de uma porta que se abre sobre um oásis no meio do asfalto, do alto do projeto de uma cidade chamada São Paulo; sob o teto de concreto da famosa arquitetura, deste epíteto que é o vão do vão do MASP onde estivemos em frente e onde a máxima Ágora se arma numa tenda, monta uma arena, torna-se com madeiras de cadeiras e conceitos feitos de efeitos públicos em placas delineadas a determinação do espaço onde faço meu barraco, um casebre de ideias, um casulo de relatos, retratos refletidos do que não é pra ser entendido, mas provado no seu refino, no meu estímulo, no nosso perímetro cordial entre o corpo presente e o presente momento. De fato, um "Barraco Filosófico" que ocupa a encosta incrustada da cultura, da loucura da metrópole, sob a fachada da fissura fomos um poste de candura nesta moderna Acrópole.

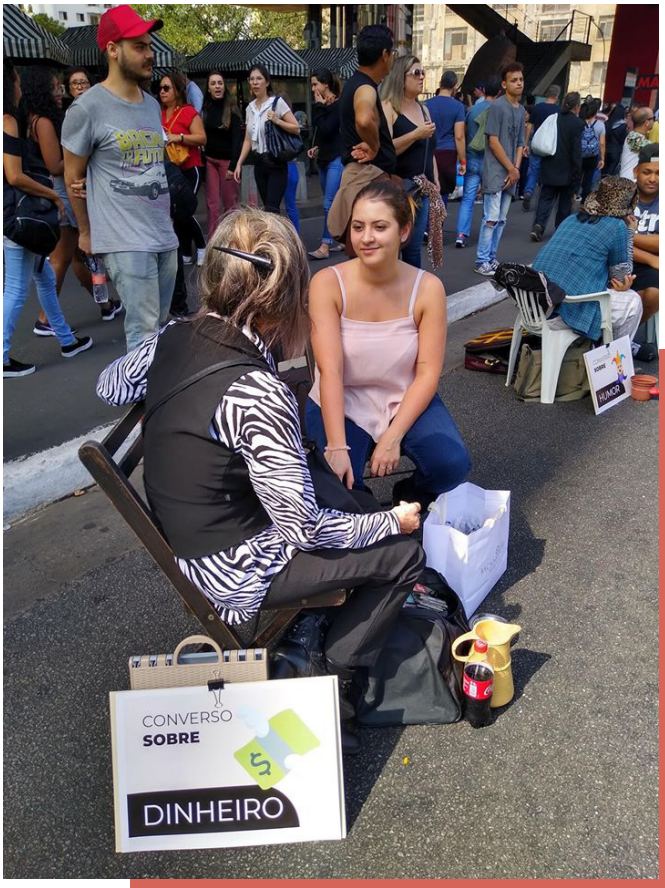
Quando decidi que iria participar deste retalho bordado de conversas despretensiosas com o tema que quisesse, conversas gostosas, do autor que melhor me apetece, conversas nervosas, com a abordagem que melhor me reconhece, conversas ainda que melindrosas, conversas expostas, desastrosas conversas remotas, resolutas, reconectas, confusas ou corretas; não sabia o que me esperava, mas como combinado com a Fernanda Carlos Borges que nos orientou para nos apropriarmos dessas posses narrativas sem a presunção de saber, mas com a intenção de querer para não ofender, constranger ou inibir precisando, antes de tudo, ouvir e ouvindo as vozes do mundo interferir no que for preciso, prudente, conciso, consciente e profícuo para soar como um bate-papo, uma troca de sentimentos, sentidos transcritos em palavras pescadas para delinear essa jornada que é estar na rua sendo guiado pelo outro, mesmo quando somos nós os proponentes da ação. Ser o melhor navegador deste rali e confiar que ali, diante de nós, está a melhor condução. Percebi que o "Sim" era

premissa necessária, antes de qualquer "Não" e até a negação devia cumprir seu dever de devir e ser a negação da própria negação, ainda que a tentação seja maior que a dialética quem pretende escalar o monte com o intuito de se ir longe, deve ser um monge para não hesitar, não evitar e nem extravasar no cume e depois rolar pela rama abaixo até o estrume.

Quis assim, tratar do Amor Líquido do livro lido do Zigmunt Bauman, mas sabia que tinha que ser com calma, a alma do bom samaritano não aguenta tamanha farra e do amor Eros até o Tinder a experiência toda se torna Tânato de toda a intenção falha. É preciso cuidado para se praticar a escuta e sorrisos para a fala não faltar com a compostura. Meu primeiro contato imediato com o tema e o trato no laço que fiz com o espaço, com o cântico melodioso épico do histórico amor desperto foi com um casal, ela brasileira da dinamarca e ele dinamarques mestre musical e a diferença entre os mundos que o amor une pautou toda essa conversa e conversei com o prometido amor de infância de uma infâme promessa ou o amor sólido de um casamento que acabou sem pressa, mas que não atravessou a travessia, ainda, está na travessa para o deleite de amores apressados e sem azeite, aceite que há amores imaculados entre meninos jovens e maturados entre senhoras solitárias na sua condição de mulher traída, bandida, faminta ou desiludida com homens que amam para além das convenções da monogamia; houve amores fúnebres que nunca mais serão e amores tristes que querem ser, ainda que fadados à morrer; há amores estranhos dentro de grupos e amores tacanhos dentro dos indivíduos; há amores pela pátria, pela família, pela religião e há amores pela liberdade e pelo sonho como uma utopia de revolução.

Mais do que verdades particulares ou epitáfios fundamentais, estar na rua para conversar de filosofia e receber no meu barraco tantos convivas que eu recebia para os presentear com minha arte e receber sua confiança, no meio de uma muvuca alucinada, ensolarada, me trouxe esperança de que o filósofo não é o sabedor de qualquer sabedoria; mas tão somente o canalizador de tudo que o desafia, da dor do amor ao amor da alegria, o filósofo, o poeta, o cantor e o transeunte da cidade tem sua auspiciosa agonia, suas propícias fantasias, nossas grandezas e alquimias de afetos, de afoitos feitos afins de estarmos uns com os outros – sem querer fazer biscoito -, mas neste coito de coisas estranhas e diversas, estamos nos divertindo e sigamos na festa, na fresta da filosofia que anda na rua porque essa cidade é uma casa e este barraco ama a sua condição de ser e estar disposto e disponível para amar quem tem o amor por fundamento, desejo e razão. O amor pisou no asfalto com um salto alto e desceu até o chão ou não sem nunca perder a noção.

TATIANA BIANCONCINI
Ativista pelo direito à cidade



Estávamos no início do 'ano semiótico' de 2019. No Brasil. No meio daquele catatonismo coletivo do "ninguém solta a mão de ninguém". E havia no ar um quê de uma enfermaria de guerra. Curiosamente, dessas que são em tendas erguidas próximo ao campo de batalha. E a quantidade de "feridos graves", pessoas com traumas psicológicos em torno de nós, era tal que ninguém soltava mesmo a mão de ninguém. O clima era pesado. A batalha muito recente. Nada havia ainda sido processado.

No meio daquela sinfonia de desejos de cidade, abrimos as cadeirinhas de armar, colocamos um cartaz com um convite à conversa aos nossos pés e a coisa começou a acontecer. Em jorros! Parecia um poço de petróleo recém furado. Aquela cena de Assim Caminha a Humanidade, em que James Dean se lambuza no petróleo que começou a jorrar do chão, tanto tempo depois dele trabalhar por isso. Curioso ter-me ocorrido uma metáfora cinematográfica exatamente sobre poços de petróleo em relação à sede das pessoas da cidade em conversarem sobre conceitos filosóficos. Rio sobre isso agora! Pois estávamos exatamente no asfalto de uma das mais movimentadas avenidas de São Paulo, no dia semanal mais contraparadigmático que uma avenida dessas pode ter. O dia em que fecha suas "portas" para os carros e as abre para as PESSOAS! E essas pessoas vêm com sede de saber, sede de entender! São como poços de petróleo prestes a serem perfuradas, prontas para jorrar seu entendimento!

E ali, nesse surpreendente interesse pelo nosso experimento - Sim! Nos surpreendemos com isso! -, vimos como, de fato, se armam as tendas conceituais. Não é possível levar um roteiro ensaiado. Não é possível querer agir persuasivamente. É preciso estar aberto para reconceituar, inclusive, determinados pontos, pois nos deparamos com pessoas que trazem todo um repertório novo para a nossa pesquisa, desestabilizando-a por vezes. É preciso JOGAR COM O CONCEITO para armar o Barraco!

E, se as conversas que tivemos transformaram as pessoas com quem conversamos, e eu não tenho dúvida sobre isso, elas também transformaram a nós. Não saímos dali os mesmos. E, ponto mais interessante? Nem os conceitos!

Eu converso sobre Dinheiro. Dentro da perspectiva histórica, principalmente do Iluminismo para cá, quando o conceito de Dinheiro se desenvolve muito mais complexamente que o de Moeda, até os dias de hoje, quando o novo sistema de lastro-moeda substitui o de lastro-metal proposto por David Hume. E dentro da perspectiva metafísica colocada por Georg Simmel (A Filosofia do Dinheiro, 1900) e da discussão ontológica proposta por Emma Tiefenbach (Qu'est que c'est L'Argent, capítulo do livro Aristote Chez les Helvètes, 2014).

NATAN O. BASTOS
Estudante de filosofia na UFABC

Participei dos encontros internos do grupo do Barraco Filosófico e me preparava para a segunda intervenção de rua. Nas conversas do Barraco filosófico, sinto que podemos tocar

nos temas que despertam as paixões das pessoas, isto é, tocar naquilo que as faz se mover, o que realmente importa para elas. São temas que provocam o meu interlocutor e, ao mesmo tempo, me provocam. Assim creio que é possível tirar o pensamento da mesmice e da inércia.

Um destaque maior deve ser dado sobre dos elementos que envolvem a conversa: o ouvir e o falar. Ouvir significa estar aberto a escutar o que outro deseja dizer. Essa posição de abertura não é uma ação passiva. Pelo contrário, escutar é uma posição ativa na qual o corpo de quem ouve demostra atenção para com aquele que fala. É preciso atenção face a face para que a conexão aconteça.

Nesta conexão que gera o diálogo é preciso, então, estar atento à qual paixão move a fala do meu interlocutor. Eu preciso, para isso, renunciar à adivinhação, ou à telepatia, e por isso não é preciso ficar ansioso por saber o que o interlocutor dirá. Ouvir nesse sentido é abraçar o que o outro tem a dizer. Dizemos, com isso, que abraçamos com os ouvidos. A escuta do Barraco é uma escuta ativa que acolhe e que se transforma em fala.

Essa fala não é uma fala qualquer. O falar aqui é alinhado com aquilo que foi ouvido. É neste momento que devemos fazer ressoar dentro de nós as ideias que ali estão sendo expostas. Levantamos dúvidas, produzimos conhecimento, novas perspectivas. A conversa, assim, se tornar significativa.

A principal característica em uma conversa no Barraco seria então a fala significativa. Nela, é preciso esclarecer dois pontos: falar e dizer não são as mesmas coisas. Falar é uma habilidade mecânica, muitas vezes desprovida de significado e propósito. O papagaio fala, mas nem tudo o que fala se torna ação. Muitas vezes suas falas são descontextualizadas e ele mais repete o que disseram a ele do que cria por si mesmo uma dinâmica de conversação. Também as máquinas falam, mas são pura programação lógica, elas fazem o que são programadas para fazer. O dizer é a palavra que nos excita e nos dispõe ou indispõe em relação a algo. É por isso que no Barraco Filosófico tento construir um diálogo em que falo dizendo.

FOTOS DA PRIMEIRA INTERVENÇÃO DO BARRACO FILOSÓFICO EM 2019

Av. Paulista, São Paulo

Fotografias de Apolo França e Fernanda Carlos Borges

Barraqueiros nas Fotografias: Apolo França, Carlos Biaggioli, Chris Oliveira, Daisy Sousa, Guilherme Colosio, Paula Fepher, Sandra Barbosa e Tatiana Bianconccini.

BARRACO
FILOSÓFICO
Venha conversar
com a gente
CONVERSO
SOBRE
TRABALHO

CONVERSO
SOBRE

CONVERSO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS DE INFORMÁTICA DA UFVJM PARA INCLUSÃO DIGITAL DE ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE.

Autores
Mônica Martins Andrade Tolentino
Áthila Rocha Trindade
Aguinele Queiroz da Silva
Wits Queiroz da Silva

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de experiência dos trabalhos desenvolvidos no projeto Gerenciamento de resíduos de informática da UFVJM para inclusão digital de alunos em situação de vulnerabilidade, que visa uma nova destinação dos resíduos de equipamentos de informática da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri) e seus componentes, estejam estes danificados ou não. Mais especificamente, este trabalho descreve as atividades de análise e triagem dos materiais, busca e reciclagem dos mesmos, apresentando resultados e destinação dos computadores montados e colocados à disposição para serem reutilizados.

Palavras-Chave: *Informática, Computadores, Reciclagem, Resíduos.*

INTRODUÇÃO

Um problema enfrentado pelas universidades federais brasileiras é o que fazer quando um equipamento de informática ou seus componentes estão obsoletos, danificados ou quando seus proprietários os consideram como resíduos. Os resíduos de equipamentos de informática contêm substâncias perigosas em sua composição e podem causar poluição ambiental e afetar a saúde humana, e a rápida evolução da área faz com que muitos componentes se tornem rapidamente ultrapassados (EDUCAÇÃO, 2010). Desta forma, não podem ser descartados como resíduos comuns. A administração pública federal deve cumprir o Decreto Nº 99.658/1990 que trata do reaproveitamento, alienação e outras formas de desfazimento de materiais, buscando considerar as questões ambientais e a responsabilidade social dos órgãos públicos federais (PAES, 2015).

No caso específico da UFVJM, quando estes equipamentos ficam em desuso, eles são recolhidos e encaminhados ao Depósito de Desfazimento, local onde são temporariamente armazenados. Após esta etapa, a Comissão de Desfazimento realiza o inventário destes bens e então

decide o seu destino (leilão, doação ou descarte). Uma alternativa para a Comissão de Desfazimento trazida por este projeto foi a de analisar os materiais armazenados, a fim de avaliar se poderiam ser utilizados para a montagem de uso básico (acesso à internet, editoração de texto, planilhas, etc) a serem doados para fins e uso de interesse social, preferencialmente alunos em risco de vulnerabilidade social da própria UFVJM, alternativa essa que já possui relatos positivos de outros trabalhos (PORTUGAL, 2016).

DETALHAMENTO DAS AÇÕES

Com o objetivo de realizar as ações propostas pelo projeto, uma série de atividades foram desenvolvidas, a saber:

- Foi feita a seleção de 2 alunos do curso de Sistemas de Informação da UFVJM, que ficaram responsáveis, como bolsistas do projeto, pela montagem dos computadores e instalação de software básico nos mesmos

- Após a seleção dos alunos, foram feitas 2 visitas ao Depósito de Desfazimento, com todos a equipe do projeto. Nestas visitas, foi feita uma triagem do material de informática passível de ser reutilizado para montagem das máquinas.

- Uma vez selecionados os materiais, estes foram acondicionados em uma sala do CITEC-UFVJM (Centro de Inovações Tecnológicas), através de uma parceria com o presente projeto.

- Com apoio técnico dos coordenadores do projeto, os bolsistas então realizaram a desmontagem dos computadores e a verificação dos componentes básicos de hardwares em funcionamento (teclados, mouses, memórias, monitores, discos rígidos, etc).

- Selecionados os componentes de hardware em funcionamento, estes foram utilizados pelos bolsistas para montagem de computadores para uso básico. De um total de 24 máquinas completas selecionadas, foi possível montar 8 computadores para uso básico, aproveitando 8 CPUS, 8 monitores, 10 mouses e 10 teclados que se mostraram funcionais.

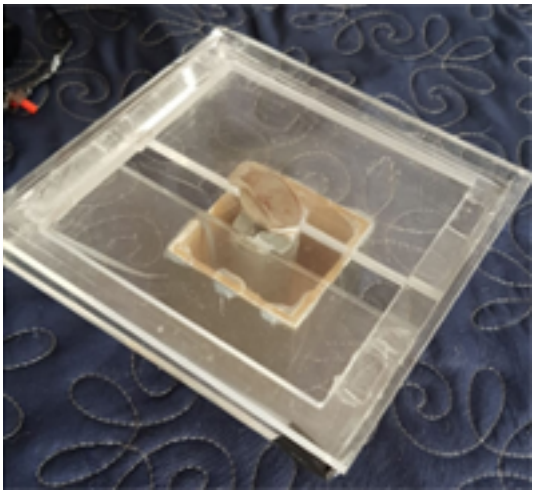
Após a montagem dos computadores, em um acordo com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFVJM (PROACE/UFVJM), foi decidido que estas máquinas seriam instaladas na

Moradia Estudantil da UFVJM, para uso de todos os seus moradores, que são todos alunos em situação de vulnerabilidade social. A entrega dos computadores foi relatada nas redes sociais da PROACE.

As figuras 1 e 2 ilustram a entrega dos computadores à Moradia Estudantil da UFVJM. Fonte: Facebook

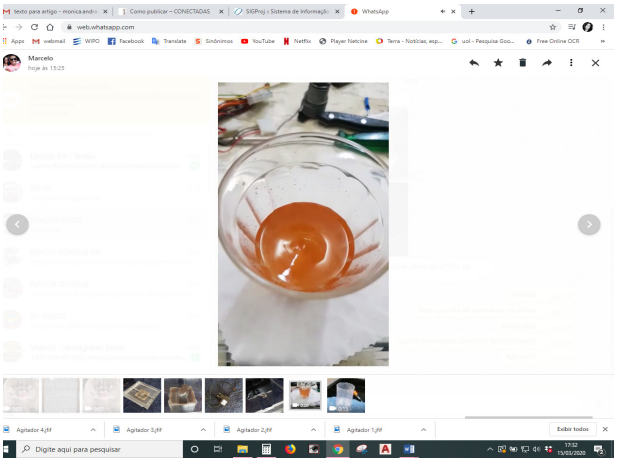
Uma atividade não planejada inicialmente para o projeto foi a reciclagem de alguns componentes de hardware não utilizados (como imãs de discos rígidos, coolers, fiação interna dos computadores, etc) para construção de agitadores magnéticos a serem utilizados em laboratórios de Química Experimental, em parceria com um projeto de extensão coordenado pelo professor Marcelo Brito, do ICT (Instituto de Ciência e Tecnologia) da UFVJM. As Figuras 3 e 4 mostram os agitadores magnéticos que foram construídos a partir de componentes de alguns dos computadores coletados.

Figura 3: Agitador magnético



Fonte: Marcelo Brito

Figura 4: Líquido sendo agitado



Fonte: Marcelo Brito

A Tabela 01 a seguir detalha o resultado de todas ações. Além dos equipamentos relacionados, ainda foram recebidos, em bom estado, 8 monitores, 10 mouses, 11 teclados, um leitor de CD, uma placa de vídeo, uma fonte de alimentação. 10 monitores foram devolvidos por apresentarem a tela danificada, um por não ligar e outro por apresentar problemas com as cores.

Tabela 01

DIAGNÓSTICO DOS EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA COLETADOS E AÇÕES IMPLEMENTADAS		
Equipamento	Diagnóstico	Ações implementadas
CPU 177553	Não funcionou. Sem peças	Retirada de 2 coolers e dissipador para uso em outro equipamento
CPU 177554	Não funcionou. Sem peças	Retirada de 2 coolers e fonte para uso em outro equipamento
CPU 177555	Não funcionou. HD e Cabo SATA retirado para outro pc.	Retirada de 2 coolers e HD para uso em outro equipamento

CPU 177556	Não funcionou. Sem peças	Retirada de 2 coolers, fonte e dissipador para uso em outro equipamento
CPU 177576	Não funcionou. Sem peças.	Retirada de cooler, fonte e HD para uso em outro equipamento
CPU 177577	Não funcionou. Sem HD	Equipamento devolvido
CPU177610	Não funcionou. Sem peças.	Retirada de HD para uso em outro equipamento
CPU 177611	Funcionou, mas obsoleto. Leitor de CD danificado. Memórias RAM retiradas.	Retirada de 2 coolers e fonte para uso em outro equipamento
CPU 177612	Não funcionou. Sem peças. Algumas retiradas para outro pc.	Equipamento devolvido
CPU 177613	Funcionou. Memorias RAM adicionadas. Troca de HD.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177614	Funcionou. Memorias RAM adicionadas. Troca de leitor de CD.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177615	Funcionou.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177616	Funcionou. Memorias RAM adicionadas, troca de cooler e leitor de CD.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177617	Funcionou. Memorias RAM adicionadas, troca de fonte de alimentação e pino de encaixe do dissipador na placa-mãe.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177618	Não funcionou. Sem peças. HD retirado.	Equipamento devolvido
CPU 177666	Funcionou, mas obsoleto. Leitor de CD danificado. Memorias RAM retiradas	Retirada de 2 coolers, dissipador, fonte, HD para uso em outro equipamento
CPU 177667	Funcionou. Memorias RAM adicionadas, troca de dissipador.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177668	Funcinou, mas obsoleto. Leitor de CD danificado. Memorias RAM retiradas	Retirada de 2 coolers para uso em outro equipamento
CPU 177669	Não funcionou. HD Queimado/ Sem memorias RAM/ Pino do dissipador retirado para outro pc.	Retirada de cooler, dissipador, fonte, HD, leitor de DVD para uso em outro equipamento

CPU 177670	Funcionou. Troca de placa-mãe.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU 177700	Não funcionou.	Retirada de HD para uso em outro equipamento
CPU MEC-75-335	Funcionou. Memorias RAM adicionadas.	Instalação de Sistema Operacional Lubuntu 18
CPU MEC-11-142	Não funcionou.	Retirada de cooler para uso em outro equipamento

Fonte: elaborada pelos autores.

CONCLUSÕES

Tendo como proposta o reaproveitamento interno dos resíduos de informática da UFVJM, o projeto conseguiu trazer benefícios para a comunidade universitária, uma vez que promoveu o reaproveitamento de parte do material triado para o uso dos alunos da moradia estudantil da UFVJM.

Além disso, o projeto ainda se mostrou com potencial para o estabelecimento de parcerias com outros setores da Universidade, que possam aproveitar material eletrônico para construção de equipamentos utilizados em laboratórios diversos, reutilizando material que iria ser descartado e economizando recursos, evitando aquisição de novos equipamentos laboratoriais. Por fim, estas duas ações promovem a inclusão digital e minimizam o impacto ambiental gerado pelo lixo eletrônico.

PAES, Cátia Emiliana. L**ogística Reversa e Gestão de Resíduos de equipamentos de informática na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI**). 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2015.

PORTUGAL, Mayara. **Projeto recicla computadores que beneficiam universidade e escolas da região.** 2016. Disponível em: https://ufop.br/noticias/comunidade/projeto-recicla-computadores-que-beneficiam-universidade-e-escolas-d a-regiao. Acesso em: 17 nov. 2018

Gerbase, Annelise Engel e Oliveira, Camila Reis de. (2012). **Reciclagem de lixo de informática:** uma oportunidade para a química. Química Nova, 35 (7), 1486-1492.

EDUCAÇÃO, Escola. Evolução da Tecnologia e suas mudanças na sociedade: Um breve vislumbre da rapidez com que a tecnologia como um todo evoluiu nos últimos anos. Brasil: Escola Educação, 2010. Disponível em: https://escolaeducacao.com.br/evolucao-da-tecnologia/. Acesso em: 20 jan. 2020.

INOVANDO E CRIANDO COM LEGO®: COMO AS ENGENHARIAS AUXILIAM NO DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Autora
Heloise Assis Fazzolari

RESUMO

O objetivo deste relato é descrever a experiência da realização de uma oficina de programação em Lego® realizada durante o II Workshop das Engenharias UFABC, destinado a alunos do nono ano do ensino fundamental. O relato visa contribuir para a discussão sobre a importância da Universidade para a comunidade do seu entorno e na popularização do ensino de engenharia.

Palavras-chave: *Engenharias, Programação, Ciência e Tecnologia.*

INTRODUÇÃO

O que faz um engenheiro? Qual é o seu trabalho? Como a engenharia é aplicada em tecnologias utilizadas no nosso dia a dia? Estas foram perguntas realizadas aos alunos do nono ano da Escola Estadual Amaral Wagner durante a oficina "Inovando e Criando com Lego®: Como as engenharias auxiliam no desenvolvimento de novas tecnologias". Foram realizadas duas seções da oficina, nos dias 16 e17 de outubro de 2019, com duração de três horas cada e com a participação de cerca de 30 alunos em cada seção.

O objetivo da oficina foi aproximar os alunos da profissão da engenharia mostrando através de atividades práticas como a ciência auxilia na criação de novas tecnologias. Além disso, a oficina também serviu como instrumento de aproximação entre a academia e a comunidade adjacente, levando conhecimento de qualidade à população.

Durante as três horas de oficina, os participantes desenvolveram atividades práticas de programação utilizando um kit de robótica educacional Lego® Mindstorms NXT.

Após as indagações iniciais, os participantes puderam relatar sua experiência pessoal sobre a profissão do engenheiro e a Professora Dra. Heloise Assis Fazzolari, docente que ministrou a oficina, apresentou de forma breve as respostas. Em seguida um robô previamente montado com o kit de robótica educacional Lego® Mindstorms NXT foi mostrado e suas funcionalidades principais foram explicadas. Os alunos foram divididos em grupos com três integrantes e tiveram acesso a computadores contendo o software de programação do kit educacional. Foram propostas tarefas com níveis de dificuldade crescente aos grupos. As primeiras tarefas foram executadas com o auxílio do docente para que os alunos se familiarizassem com o software e a

lógica básica de programação.

Cada grupo pode então testar a tarefa programada no robô e ver o resultado da programação aplicado na prática. Durante a execução das tarefas os alunos utilizaram conceitos de matemática, física e lógica de programação diretamente relacionados aos níveis fundamental e médio e através das tarefas propostas puderam relacionar os conhecimentos aplicando-os em engenharia e tecnologia.

No total as turmas desenvolveram onze tarefas descritas a seguir:

- Fazendo o robô andar para frente: os alunos, com o auxílio da professora programaram o robô para andar para frente durante 5 segundos.
- Dando ré: além de o robô andar para frente durante 5 segundos ele deve dar ré por 3 rotações do servo motor ligado ao robô.
- Movimentando em curva: movimentar o robô para frente e fazer uma curva para a direita por 5 rotações e em seguida continuar se movendo para frente e fazer uma curva para a esquerda por 3 segundos.
- Repetir a tarefa número 2, acrescentando som e figura à tela do robô ao final da tarefa.
- Usando sensor de toque: o robô deve se mover para frente durante 3 segundos somente quando um sensor de toque for acionado.
- Comando loop: acrescentar um comando de repetição em ciclo para que o robô repita o movimento da tarefa número 5 todas as vezes que o sensor for acionado.
- Comando se: utiliza-se uma lógica condicional para aprimorar a tarefa anterior. O robô só se movimenta enquanto o sensor de toque está pressionado.
- Carro controlado por controle de dois botões: utilizando os dois sensores de toque o robô deve se movimentar para frente, para trás, fazer movimentos em curva e permanecer parado.
- Robô seguidor de linha: robô deve seguir pista utilizando sensor de cor.
- Detectando um obstáculo: o robô deve ser capaz de identificar um obstáculo e parar, utilizando o sensor ultrassônico.
- Detectando um obstáculo e desviando: além de detectar o robô deve desviar do obstáculo encontrado e continuar se movimentando em linha reta.

A primeira tarefa foi realizada em conjunto com a professora. As demais tarefas foram propostas aos alunos. No decorrer da realização das tarefas a professora apresentou as ferramentas de software hardware utilizadas e auxiliou os alunos na execução das programações e testes.

Durante a realização das tarefas a professora relacionou cada atividade executada com tecnologias existentes para que os alunos pudessem compreender a aplicação prática do conhecimento adquirido. Durante as três horas de oficina os alunos se mostraram muito interessados em realizar as tarefas e motivados a aprender os conceitos necessários à execução das mesmas. A motivação cresceu conforme o nível de dificuldade das tarefas aumentou.

Na medida em que cada grupo testava uma tarefa concluída com êxito, todos os grupos vibravam e se mostravam ansiosos para executar a mesma tarefa de maneira correta. A professora encorajou os grupos a trocarem informações e experiências entre si para gerar um ambiente colaborativo e um clima de competição amigável.

Durante a realização da oficina os participantes aprenderam conceitos relacionados à engenharia, como rotação, unidades de medida, velocidade, movimento linear e circular, lógica de programação e puderam aplicá-los na prática através do robô de Lego®.

A oficina foi realizada durante o II Workshop

das Engenharias UFABC. Esta atividade de extensão foi uma excelente ferramenta de aproximação entre os alunos da comunidade do entorno com a UFABC, em particular com os cursos de engenharia. Além dos conhecimentos adquiridos e da prática vivenciada, os alunos tiveram acesso ao corpo docente e às instalações da UFABC, possibilitando uma vivência rica e engrandecedora.

[1] MINSDTORMS, Lego. **Página de suporte ao robot Mindstorms NXT.** Disponível em: <http://mindstorms.lego.com>. Acesso em: 20 fev. 2020.

[2] LEGO GROUP. Mindstorms Education. **NXT User Guide.** 2006. 66 p.

DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS

Os trabalhos deverão ser encaminhados para o endereço revistaconectadas@ufabc.edu.br no seguinte formato:

Artigos

Textos inéditos resultados de atividades de extensão e cultura ou reflexões relativas á extensão universitária caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema.
Formato - 15 mil a 25 mil caracteres (fonte Times New Roman; espaço 1,5; tamanho 12; entrelinha 1,5 com margens 2 cm), incluídos título, resumo, abstract, palavras-chave, texto completo e referencias bibliográficas.
Figuras - (fotografias, imagens e gráficos) tabelas e quadros: devem ser enviados com resolução mínima de 300DPI, legendados com fonte/ créditos do autor, ter espaço/local marcados no texto e ser enviados em arquivos separados como anexos.
Os artigos devem conter no mínimo duas ilustrações com resolução mínima de 300 DPI.

Relatos de experiência

Vivências relacionadas a práticas de extensão e cultura
Formato - 5 mil a 10 mil caracteres com espaços (Fonte Times New Roman 12, entrelinha 1,5 com margens 2 cm), incluídos título, resumo , palavras-chave, texto completo e referência
Figuras - (fotografias, imagens e gráficos) tabelas e Quadros: devem ser enviados com resolução mínima de 300DPI, legendados com fonte/ créditos do autor, ter espaço/local marcados no texto e ser enviados em arquivos separados como anexos.
Os relatos de experiência devem conter no mínimo duas ilustrações com resolução mínima de 300 DPI.

Normas para avaliação

Os artigos e ou relatos de experiência encaminhados serão avaliados por integrantes do Conselho Editorial.
Os artigos devem seguir as normas da ABNT e devem ser originais e inéditos. É considerado inédito o texto que ainda não foi publicado em outro periódico científico.
Os processos de avaliação e seleção têm como critérios: as normas estabelecidas para a submissão de artigos; a relevância social do tema; a consistência teórica e metodológica da proposta; a originalidade e a qualidade argumentativa do texto. Os pareceres são revisados pelo Conselho Editorial da Revista e classificados em aceito, aceito com restrição e não aceito. Os trabalhos aceitos com restrição serão devolvidos aos autores para as modificações solicitadas pelos pareceristas. Os autores terão o prazo máximo de 07 dias para reenviar o texto alterado ao endereço eletrônico da Revista Conectadas.